

**EQUIPAS DE NOSSA SENHORA**

**SER CASAL CRISTÃO HOJE  
NA IGREJA E NO MUNDO**



**Tema 3: A MISSÃO**

**EQUIPA RESPONSÁVEL INTERNACIONAL - 2002**



# **Índice**

**Apresentação 5**

**Introdução 7**

## **SER CASAL CRISTÃO HOJE NA IGREJA E NO MUNDO**

1. A Proposta **8**
2. As Etapas de reflexão **9**
3. Apresentação do Tema de Estudo **9**
4. Três disposições de coração e de espírito para viver a nova orientação **10**

## **TEMA DE ESTUDO: REFLEXÃO SOBRE A MISSÃO DO CASAL CRISTÃO**

**Primeiro capítulo: O casal cristão: Sinal e presença concreta do Amor de Deus**

Primeira reunião **15**

Segunda reunião **31**

**Segundo capítulo: O casal cristão: Chamado a socorrer aqueles que estão à beira do caminho**

Terceira reunião **39**

Quarta reunião **55**

**Terceiro capítulo: O casal cristão: Sempre pronto a dar testemunho da Esperança**

Quinta reunião **65**

Sexta reunião **77**

**Quarto capítulo: Ministério do casal na Igreja e no Mundo**

Sétima reunião **85**

Oitava reunião **107**

**Bibliografia 116**

**Anexo: Catecismo da Igreja Católica 117**

(Capítulo 3, artigo 7.º - O Sacramento do Matrimónio)



# **Apresentação**

## ***Queridos casais e Conselheiros Espirituais***

*É com muita alegria que a Equipa Supra-regional faz chegar a vossas casas o tema de estudo para o próximo ano pastoral, “A Missão do Casal Cristão”, como continuidade da reflexão sobre o tema geral “Ser casal cristão hoje na Igreja e no mundo”.*

*Este tema deverá também ser olhado na perspectiva duma caminhada e está perfeitamente inserido no apelo do Papa João Paulo II, na sua Carta Apostólica “Novo Millennio Ineunte”.*

*O nosso fundador, Padre Caffarel, cujo centenário de nascimento se comemora este ano, num célebre discurso proferido em 1987, no momento em que se retirava da direcção espiritual do Movimento, depois de fazer uma revisão do nosso carisma fundador e realçar tudo o que de positivo tinha sido feito e assimilado, chamou também a atenção para um aspecto do carisma insuficientemente compreendido e que só o tempo o tornaria evidente. Precisamente, a Missão das Equipas de Nossa Senhora.*

*As ENS têm uma vocação que é a de ajudar os casais a caminhar para a santidade. Mas têm também outra, que não é uma missão isolada para o homem ou para a mulher, mas sim para o casal, que é ser testemunho e ser enviado.*

*Temos que nos consciencializar que nós, casais cristãos, somos as primeiras testemunhas do amor de Deus e temos uma missão particular ao serviço da caridade e do amor.*

*Após dois anos intensos de reflexão sobre “Ser Pessoa” e “Ser Casal” é chegada a hora de nos “Fazermos ao Largo” e de “Lançarmos as Redes”. É a missão que Ele nos confiou.*

*É uma missão sobre a justiça e sobre a misericórdia. O Reino de Deus é dos audazes e dos corajosos, daqueles que se abandonam e se entregam à força da Palavra.*

*Jesus está connosco na barca, vamos juntos encontrar um comportamento renovado, cada um com o seu carisma, todos diferentes, mas todos tão importantes, quando unidos na direc-*

*ção do Senhor. Jesus diz-nos que lancemos as redes para libertarmos os cativos e os oprimidos e socorrermos aqueles que estão à beira do caminho.*

*Quantos casais esperam por nós nestas condições?*

*Claro que este caminho não é fácil, como diz D. Hélder da Câmara: “Quando partimos, façamo-lo como peregrinos de paz e justiça, prontos a enfrentar desertos ...”*

*No mundo onde se perdeu, em parte, o sentido do dom gratuito, dos gestos desinteressados, pensa-se muitas vezes que para ser feliz temos que ser correspondidos na entrega que fazemos e isto nem sempre acontece ...*

*Rezemos cada vez mais para estarmos todos em comunhão e podermos servir com alegria e paz, evangelizando o mundo que nos rodeia, sempre prontos a dar testemunho de esperança.*

*“O amor não se diz, não se define, vive-se, experimenta-se” e é esta experiência que deve caber a cada casal, a cada equipa, que levará de certo à descoberta comunitária das Equipas de Nossa Senhora.*

*Assim, aquilo que o Movimento recebeu de graça e da Graça de Deus, deve ser posto à disposição dos casais de todas as raças, credos e condições que aspiram a ser felizes, tendo Jesus Cristo como exemplo e farol.*

*Que Deus abençoe os casais das Equipas de Nossa Senhora para que, iluminados pelo Espírito Santo e com a intercessão de Maria, sejam semente, fermento e luz no mundo conturbado em que vivemos.*

*Com o nosso caloroso abraço.*

**Equipa Supra-Regional**

## **Introdução**

*A nova orientação das Equipas de Nossa Senhora para o início do terceiro milénio apresenta-se com uma série de perguntas relativas às grandes realidades do nosso tempo, a questões que todos os membros das Equipas de Nossa Senhora são convidados a enfrentarem, hoje, enquanto cristãos e enquanto casais cristãos.*

*Como viver concretamente as Bem-Aventuranças e, portanto, como anunciar a presença actuante de Cristo na realidade actual?*

*Como viver concretamente os nossos compromissos de baptismo e de casamento no mundo de hoje?*

*Como propor e, sobretudo, como transmitir a todos aqueles que encontramos no nosso caminho, na Igreja e no mundo, tudo o que recebemos e que continuamos a receber de Deus através das Equipas de Nossa Senhora?*

Mudai os vossos corações,  
Crede na Boa Nova!  
Mudai de vida,  
Crede que Deus vos ama!  
Eu não vim para condenar o mundo;  
Vim para que o mundo seja salvo.

*(Jo 3, 17)*

Eu não venho para os saudáveis,  
Nem para os justos,  
Eu vim para os doentes e pecadores.

*(Mc 2, 17)*

Eu sou a Porta, diz Jesus:  
Quem entrar por Mim será salvo.

*(Jo 10, 9)*

Quem crê em Mim, terá a vida eterna.  
Crede nas minhas palavras e vivereis.

*(Jo 6, 47; 63)*

# *Ser casal cristão hoje na Igreja e no mundo*

## **1. A PROPOSTA**

Apresentar aos membros das Equipas de Nossa Senhora do mundo inteiro um **itinerário de interrogação e de reflexão que conduza a uma conversão do coração**, para responder às necessidades da Igreja e do nosso mundo actual.

A base desta reflexão foi elaborada a partir de numerosas referências propostas pelo trabalho da ERI e pelo de numerosos casais de diferentes partes do mundo. No entanto, é, acima de tudo, através de uma procura, ao mesmo tempo pessoal e de casal, que esta reflexão poderá produzir, em cada um, frutos maduros de conversão, de comunhão e de compromisso. Por isso, queremos convidar-vos a alimentar essa procura, durante estes anos, com a leitura assídua dos Evangelhos, com o estudo de artigos de fundo, com textos de conferências e com livros que tratem de temas actuais das ciências humanas, da sociologia à teologia.

Convidamos os responsáveis das diferentes regiões do mundo a apresentar aos membros das suas equipas de base os dados correspondentes à realidade actual da vida do seu país.

Quisemos evitar propor-vos que entrem numa dinâmica de reflexão teórica demasiado afastada das realidades vividas. Isto não vos ia comprometer em nada de concreto. Os diferentes temas serão apresentados, por isso, como um convite insistente a uma interpelação pessoal, em casal e mesmo em equipa, com vista a uma mudança de vida.

Uma interpelação, porque questionar-se é uma necessidade inata, inerente a todo o homem que procura conhecer e amar. É esta necessidade que o impele a sair de si mesmo e a avançar. Quem desiste de interrogar e de se interrogar perde uma grande parte da sua capacidade de abertura e de discernimento. Perde a sua humanidade e pára no caminho do seu crescimento.

Questionar é também abrir-se para a confiança, visto que se trata de receber uma resposta de outro ou de outros. De certa forma, é deixar-se contaminar pela experiência de vida e pelo olhar daquele que é diferente de nós. Quando deixamos de nos interrogar, as nossas referências esbatem-se e os sinais dos tempos deixam de ser visíveis.

As questões essenciais não serão, necessariamente, aquelas que são propostas neste tema. Serão antes, idealmente, aquelas que os mem-

bro das equipas de base conseguirem escrever, com a ajuda do seu conselheiro espiritual, no decurso da sua reflexão. As melhores respostas não serão as perguntas que conseguirmos formular e apresentar corajosamente?

## **2. AS ETAPAS DE REFLEXÃO**

### **Primeiro ano: REFLEXÃO SOBRE A PESSOA HUMANA**

- A Pessoa Humana, hoje.
- A Pessoa Humana no projecto de Deus.
- Cristão: Aprofundar os sacramentos do Baptismo e da Confirmação.
- Cristão hoje para viver e fazer viver as Bem-Aventuranças.

### **Segundo ano: REFLEXÃO SOBRE O CASAL**

- O Casal Humano, hoje.
- O Casal humano, imagem de Deus Trinitário.
- Cristãos casados: Aprofundar o nosso sacramento do Matrimónio.
- O casal cristão: Viver e fazer viver as Bem-Aventuranças, hoje.

### **Terceiro ano: REFLEXÃO SOBRE A NOSSA MISSÃO DE CASAL CRISTÃO**

- O casal cristão: Sinal e presença concreta do Amor de Deus.
- O casal cristão: Chamado a socorrer aqueles que estão à beira do caminho.
- O casal cristão: Sempre pronto a dar testemunho da Esperança.
- Ministério do casal na Igreja e no Mundo.

## **3. APRESENTAÇÃO DO TEMA DE ESTUDO**

Propõe-se o estudo de 4 capítulos por ano. Cada capítulo será objecto de duas reuniões, no mínimo.

NOTA. — A divisão e os títulos dos capítulos para este terceiro ano do estudo de “**Ser casal cristão, hoje, na Igreja e no mundo**” foram modificados em relação ao que tinha sido proposto nos temas dos dois primeiros anos. Isto resulta da preocupação da Equipa Responsável Internacional (ERI) em melhorar a escolha e a clareza dos termos utilizados, assim como a progressividade da caminhada.

### *Primeira etapa:* **TOMAR CONSCIÊNCIA DA REALIDADE**

Para suscitar uma reflexão lúcida e honesta sobre a realidade que nos rodeia actualmente, partiremos à descoberta dos sinais do nosso tempo. Será bom que nos interroguemos honestamente como essa realidade influencia a nossa maneira cristã de agir, hoje.

Na reunião de equipa serão formuladas as perguntas mais apropriadas à realidade vivida por cada um. A partir destas perguntas far-se-á a escolha das que serão preparadas por cada casal, entre as duas reuniões, para serem debatidas na segunda reunião de equipa.

### *Segunda etapa:* **REFLECTIR PARA MUDAR E COMPROMETER-SE**

No seguimento da nossa primeira reunião, e a partir das perguntas seleccionadas, poremos em comum as pistas para uma mudança de vida e os compromissos concretos que queremos assumir.

Parece evidente que entrar generosamente nesta orientação pressuporá valorizar o ponto concreto de esforço “*Escuta da Palavra*”. Só através de um encontro pessoal, assíduo e amoroso, com a pessoa do Cristo do Evangelho que é “Caminho, Verdade e Vida”, poderemos descobrir as respostas às nossas perguntas e, sobretudo, ter a força para nos tornarmos mais coerentes com a nossa reflexão.

O conselheiro espiritual poderá desempenhar plenamente a sua missão aqui, ajudando os equipistas a descobrirem as passagens do Evangelho mais apropriadas às suas vidas concretas de hoje e trazendo-lhes uma interpretação correcta dos textos. Seria muito interessante que ele aproveitasse esta oportunidade para fazer descobrir e explicar a doutrina actual da Igreja sobre os assuntos abordados.

## **4. TRÊS DISPOSIÇÕES DE CORAÇÃO E DE ESPÍRITO (1) PARA VIVER A NOVA ORIENTAÇÃO**

**Para responder com generosidade a este apelo à reflexão e ao compromisso, somos convidados a ver melhor, ouvir melhor e partilhar melhor.**

(1) Estas três disposições de coração e de espírito retomam as três atitudes da nossa pedagogia: Procura da verdade, abertura ao projecto de Deus para cada um de nós e para o casal e disponibilidade de encontro, de diálogo e de comunhão com os outros.

## **VER MELHOR**

O nosso mundo evoluiu mais nos últimos cinquenta anos do que em toda a história da humanidade. Esta evolução continua a acelerar-se, ainda hoje, na maior parte das áreas relativas ao homem e à sociedade. No desequilíbrio complexo e permanente, causado pela desagregação das ideologias e das instituições, e também pela “*visão economicista actual*” inúmeras pessoas encontram-se sem luz e sem guia.

As pessoas acreditaram na satisfação das necessidades do coração humano com lazer, dinheiro e uma vida fácil, mas este é um caminho que não conduz à felicidade. Os nossos contemporâneos estão à procura também de novos valores vitais e de novas razões de esperança. Desconfiam dos discursos e das doutrinas. Contestam que as instituições (inclusive as Igrejas) tenham o papel de oferecer um sentido para a vida. Escutam com mais atenção os testemunhos de vida do que as palavras dos mestres.

Hoje, as pessoas são seduzidas, sobretudo, **pelo testemunho concreto e pelo compromisso** daqueles que descobriram novos valores. Os homens clamam por sinais e, no entanto, Deus não cessa de colocar nas suas mãos os sinais da Sua presença.

Assim, convidamo-vos a reconhecer esses sinais, não apenas observando passivamente todas as mudanças actuais com uma visão crítica e até receosa, mas dando tempo para que tudo isso passe pelo coração, para descobrir e tomar consciência de que, ainda hoje, os cegos recuperam a vista, os coxos voltam a andar, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova continua a ser anunciada aos pobres.

Há, ainda hoje, uma quantidade de valores que se desenvolvem e se revelam evangélicos onde não suspeitávamos.

## **OUVIR MELHOR**

Podemos sentir-nos inquietos com a tendência actual de certos cristãos a fecharem-se na sua pequena comunidade, apenas preocupados com o seu estado de espírito e com seu equilíbrio afectivo. O essencial não é, em primeiro lugar, “*levar a Boa Nova às nações*”, como nos pede Cristo?

Temos, pois, de sair, de nos “*fazermos ao largo*”, de alcançar a outra margem para ouvirmos os apelos que são cada vez mais numerosos. Estes apelos são os de uma sociedade que perdeu a confiança nela mesma e que procura novos pontos de referência.

Ouvir os apelos cada vez mais insistentes dos responsáveis da Igreja a um compromisso criativo e adulto dos leigos que têm sido, durante a sua vida, testemunhas privilegiadas de uma caminhada de amor, de fé e de esperança.

Não nos podemos esquivar, “*passar ao lado*” e continuar surdos a esses apelos. Não basta olhar, é preciso “*ouvir*” para acolher a todos, é preciso “*ouvir*” para estar disponível em qualquer acontecimento. Como nos recordavam, em Fátima, a Cidinha e Igar, anterior casal responsável da ERI: “*Hoje, somos chamados a ser “sinais” num mundo privado de amor. Somos chamados a uma missão em comunhão com a Igreja. Somos chamados a desempenhar um papel na pastoral da Igreja para o casal e para a família.*”

## **PARTILHAR MELHOR**

Muitos responsáveis da Igreja reconhecem, hoje, que as Equipas de Nossa Senhora têm sido um dom para a Igreja e para o nosso tempo. É chegada a hora de **partilharmos esse dom numa forma muito mais concreta** do que temos feito até hoje. Devemos ter consciência de que, durante mais de cinquenta anos, temos sido cristãos privilegiados num fim de século difícil.

Ora, tudo o que temos recebido não é para ser guardado para nós, é para **dar aos outros**. Somos, por isso, convidados a estar sempre prontos a prestar-lhes contas da esperança que está em nós.

Quem são, hoje, os que questionam os cristãos sobre o seu projecto de vida? Já nos apercebemos verdadeiramente de que, no campo da pastoral do casal e da família, somos chamados a assumir um ministério concreto? Como assumi-lo, em espírito de grande abertura e em comunhão com a Igreja e com outros Movimentos diferentes do nosso?

*Ser casal cristão hoje  
na Igreja  
e no mundo*

**TEMA DE ESTUDO**

*Reflexão sobre  
a missão do  
casal cristão*

**Terceiro ano**

- \* O casal cristão: Sinal e presença concreta do Amor de Deus*
- \* O casal cristão: Chamado a socorrer aqueles que estão à beira do caminho*
- \* O casal cristão: Sempre pronto a dar testemunho da Esperança*
- \* Ministério do casal na Igreja e no Mundo*



**“Tomar consciência da realidade”**

No tema de estudo do ano passado, observámos mais de perto a situação do “*casal humano*”, enquanto união de duas “*peças humanas*”, diferentes, mas complementares. Começámos por nos perguntar de que “*casal*” estávamos a falar, recordando a confusão reinante actualmente na nossa sociedade sobre a própria noção de “*casal*” como justaposição de dois seres, sejam eles heterossexuais ou homossexuais.

Neste tema, naturalmente, já não há confusão possível. Reflectiremos sobre o “*casal cristão*”, conseqüentemente, sobre um homem e uma mulher, casados pelo sacramento do matrimónio ...

Que representa para nós, para o nosso próximo, o sacramento do Matrimónio? Quais as suas graças e as suas responsabilidades específicas? Quais os seus dons particulares?

Que ligação existe entre o amor conjugal, vivido no seio do casal cristão à procura da santidade, e o amor divino?

Estas são as questões. Muitas outras formularemos em casal e em equipa e sobre as quais somos chamados a reflectir ao longo deste terceiro ano de estudo. Plenamente convencidos de que a nossa reflexão não será útil apenas para nós, como casal, e para a nossa equipa, mas também, enquanto cristãos casados, para o mundo e para a Igreja.

**A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO**

**A propósito do sinal**

“Procurar a presença e os sinais do amor de Deus no mundo significa procurar a nossa relação com um Deus Pai que, no seu amor infinito pelo homem, encarnou na história. Hoje, talvez estejamos em condições de compreender que o fundamento da nossa fé, que é uma fé encarnada, encontra-se justamente numa teia de relações: aquela que Deus quis estabelecer com os homens, aquela que os homens devem estabelecer entre si para encontrar o rosto de Deus, aquela que cada ser humano deve estabelecer com Deus Pai.” (1)

(1) Extracto da exposição feita por Maria Carla e Carlo Valpini, casal responsável da Supra-Região de Itália, ao Colégio ERI-SR, em Dickinson (USA), em Julho de 2001.

## Como diz João Paulo II:

*“20. A Igreja é sacramento de salvação para toda a humanidade e a sua acção não se limita àqueles que aceitam a sua mensagem. Ela é força dinâmica no caminho da humanidade em direcção ao reino escatológico, é sinal e promotora dos valores evangélicos entre os homens. A Igreja contribui, para este caminho de conversão ao projecto de Deus, pelo seu testemunho e pelas suas actividades, como o diálogo, a promoção humana, o compromisso pela justiça pela paz, na educação no cuidado dos doentes, na assistência aos pobres e às crianças, apoiando-se sempre firmemente no primado da transcendência e da espiritualidade, premissas da salvação escatológica.*

*43. Os cristãos e as comunidades cristãs estão profundamente integrados na vida dos seus povos e são sinais evangélicos pela fidelidade à sua pátria, ao seu povo, à sua cultura nacional, sempre, porém, na liberdade que Cristo lhes conquistou. O cristianismo está aberto à fraternidade universal, porque todos os homens são filhos do mesmo Pai e irmãos em Cristo.*

*A Igreja é chamada a dar testemunho de Cristo, tomando posições corajosas e proféticas em face à corrupção do poder político ou económico, não procurando ela própria nem a glória nem os bens materiais, utilizando os bens que possui para servir os mais pobres e imitando a simplicidade da vida de Cristo. A Igreja e os seus missionários devem dar igualmente testemunho de humildade, em primeiro lugar para com eles mesmos, tornando-se capazes de um exame de consciência a nível pessoal e comunitário, a fim de corrigir, no seu comportamento, o que se opõe ao Evangelho e desfigura o rosto de Cristo.*

*91. Dirijo-me aos baptizados das jovens comunidades e das jovens Igrejas. Vós sois, hoje, a esperança da nossa Igreja que tem dois mil anos: sendo jovens na fé, deveis ser como os primeiros cristãos e irradiar entusiasmo e coragem, entregando-vos generosamente a Deus e ao próximo; numa palavra, deveis enveredar pelo caminho da santidade. Só assim podereis ser sinais de Deus no mundo e reviver nos vossos países a epopeia missionária da Igreja primitiva. Sereis também fermentos de espírito missionário para as igrejas mais antigas.” (2)*

(2) João Paulo II, *A missão do Redentor*, 1990.

## O sacramento do matrimónio como sinal

**Todo o sacramento é sinal.** O sacramento do matrimónio é sinal de uma realidade profunda, invisível para o não crente. À imagem da aliança que Deus estabeleceu com o Seu povo eleito, e que renova pelo sacrifício de Cristo na Eucaristia, no dom do Seu corpo e do Seu sangue, sinal real da nova aliança eterna de Deus com a Sua Igreja, o povo dos crentes vive a aliança selada entre o homem e a mulher pelo sacramento do matrimónio que eles conferem um ao outro.

Quando, a meio da celebração eucarística, o sacerdote pronuncia as palavras de Cristo *“este é o meu corpo”*, *“este é o meu sangue, o sangue da nova e eterna Aliança”*, os esposos revivem as palavras que eles mesmos pronunciaram no dia do seu casamento: *“dou-me a ti”*. Os esposos revivem este dom recíproco no concreto da sua vida quotidiana, recordando-se desta promessa: *“prometo ser-te fiel, amar-te (...) todos os dias da nossa vida”*.

*“Com o Concílio Vaticano II, é interessante ver também até que ponto estes sacramentos particulares se inscrevem na sacramentalidade da história da salvação. Cristo é o primeiro sacramento, o rosto do “Bem-Amado”, o dom do Pai. A Sua presença inaugura uma nova era. A economia sacramental tem n’Ele a sua fonte: nas Suas palavras, nos Seus actos, nos Seus gestos, desde a encarnação até à glorificação. Cristo representa um sinal através daquilo que é. A Sua presença na história não é somente figurativa, mas também representativa. Ele é a fonte de toda a graça, o que o evangelista João e os Padres da Igreja nos ensinam quando nos apresentam, na água e no sangue que jorram do seu coração trespassado, os sacramentos da vida ... Os sacramentos são actos de Cristo ressuscitado, hoje, na Sua Igreja. Não são apenas ritos. São actos pessoais ligados à Sua pessoa tal como Ele se dá à Sua Igreja e a todos os homens.*

*(...) A Igreja simboliza o mistério da esposa que diz “sim”. Ela é o sinal privilegiado do acolhimento do dom do amor. Para revelar o amor e vivê-lo, é preciso uma comunidade. As dimensões do universo sacramental são, evidentemente, as dimensões de Cristo e de Maria. Cristo dá-se e é acolhido na história humana. Ao dizer sim, a Igreja é “em Cristo, de certo modo, sacramento, quer dizer, sinal e meio da união com Deus e da unidade de todo o género humano.”<sup>(3)</sup>*

*(...) Como esposa, a Igreja aceita o amor do seu Esposo. Aceita ser vivificada, purificada e guiada por Ele. Esta estrutura sponsal da*

<sup>(3)</sup> Lumen Gentium, n.º 1.

*Igreja é fundamental para compreender o sacramento do matrimónio. Como esposa, a Igreja abre-se à acção do seu Esposo. Ela evoca, aliás, esta acção pela oração. Ela deixa agir o Esposo à sua vontade e confia totalmente n'Ele”.*

Mas, se o sacramento é sinal, ele precisa da nossa participação activa e consciente. Não seremos sinal se não colaborarmos.

*“Nenhum sacramento age automaticamente. Temos de livremente dizer sim ao dom do céu, à graça oferecida. Todo o sacramento é inter-subjectivo – e o matrimónio de maneira muito particular – duma forma mais profunda do que parece. Ela atinge profundamente aqueles e aquelas que recebem o sacramento. Diz respeito à relação pessoal de cada um com Cristo e com a Igreja. Sublinhando aqui a estrutura nupcial do sacramento, evocamos não somente a aliança humana, mas também a aliança espiritual entre Cristo e a Sua Igreja. Há uma afinidade entre o amor dos esposos e o de Cristo pela sua Igreja. A aposta do sacramento ultrapassa a singularidade do casal. Diz respeito a toda a Igreja.” (4)*

## 1. ALGUMAS PISTAS PARA NOS APOIARMOS NA REALIDADE DE HOJE

### Qual é, hoje, o quadro geral da nossa vida?

Poderíamos reler com vantagem o parágrafo A1 do primeiro capítulo do tema do ano passado *“Reflexão sobre o casal”* que traça o quadro geral do ambiente em que vivemos. Este, aliás, remete-nos, por sua vez, para o tema do primeiro ano de estudo sobre *“a pessoa humana”*. Não voltaremos a ele aqui a fim de evitarmos repetições desnecessárias. Somente a situação particular do casal e do casamento cristão no nosso mundo actual será abordada.

O que podemos acrescentar aqui no que respeita à situação mais específica do **casal cristão**?

Apesar do espírito de grande tolerância que caracteriza, certamente, o mundo ocidental actual, o casal cristão não se afirma enquanto tal. Todavia uma verdadeira tolerância deve ser recíproca. Então, porque será que eles se sentem tão tímidos e receosos **estes casais cristãos**? Ou será que estamos a *“tornarmo-nos semelhantes a camaleões”* adoptando *“a cor da folha em que estamos pousados”* (5), isto é, a sociedade em que vivemos?

(4) A. MATTHEEUWS s. j. - *O sacramento do matrimónio* – Nova Revista Teológica - Tomo 121/n.º 4.

(5) Card. G. DANNEELS - *Cristãos: melhores ou diferentes?* - Mensagem de Natal 2001.

*“Nunca a palavra tolerância esteve tanto em moda como no nosso tempo. A tolerância tornou-se o fato à medida para todo o homem de sociedade: fica-lhe bem.” (...) “Um problema particular causado pela sensibilidade à tolerância, é que ela corre o risco de se desenvolver em alergia crescente relativamente a alguém que aspira à verdade e a quer proclamar.*

*É claro que reconhecemos sinceramente a liberdade religiosa, mas ficamos contrariados pelo facto de um indivíduo ou um grupo exprimir publicamente as suas convicções. Assim, temos a impressão, por vezes que a Igreja não pode falar em voz alta, a não ser dentro dos seus muros. No momento em que ela toma posição em matéria de aborto, de eutanásia, de formas alternativas de vida em comum, a sua palavra é tomada como um constrangimento moral injusto e como uma falta de respeito em relação àqueles que não partilham das suas opiniões. (...) Um diálogo praticado com tolerância não implica que seja proibido agir segundo as nossas convicções a menos que seja muito timidamente. Devemos ter respeito pelo outro, sim, mas também devemos falar de maneira clara e de cara descoberta. Aquele que trava um diálogo e que, ao fazê-lo, dissimula a sua identidade por motivos de oportunidade, falseia o diálogo e é desonesto.*

*“A modernidade da nossa civilização e da nossa sociedade privilegia abundantemente o indivíduo e os seus direitos em relação à comunidade. O “eu” não pode subordinar-se ao “nós”, nem sequer quando se trata da vida, quer seja no seu início (aborto) quer seja no seu termo (eutanásia). Em tudo reina também o privilégio da dúvida em favor da democracia. Os cristãos devem tomar consciência do carácter insubstituível do papel que lhes é atribuído nos acontecimentos imprevisíveis da sociedade que os rodeia. Os cristãos têm aqui uma grande missão a desempenhar. Nenhuma sociedade ... está a coberto de desvios ou de erros. (...) É por isso que o papel dos cristãos na sociedade não chegou de modo nenhum ao seu termo. (...) O Cristianismo ocupa, efectivamente, um lugar central no desenvolvimento do homem e da sociedade. Sem complexos, ele pode participar na evolução porque uma boa parte da dinâmica intelectual e prática da sociedade moderna pertence ao património cristão.” (6)*

Isto é válido, sem dúvida, para os casais cristãos, quando a instituição e o sacramento do matrimónio estão ameaçados, esperando-os uma missão bem específica.

(6) Card. G. DANNEELS - *Cristãos: melhores ou diferentes?* - Mensagem de Natal 2001.

Assistimos, além disso, a uma radicalização religiosa de certos grupos mais ou menos numerosos. Os Islamitas fundamentalistas e os acontecimentos terroristas do 11 de Setembro de 2001, em Nova Iorque, assim como as suas consequências, são apenas uma parte visível do icebergue. Isto faz-nos ter um olhar de desconfiança sobre as outras religiões.

A situação de inferioridade da mulher em muitos países, não somente onde o Islão é maioritário, mas igualmente em África e noutros lugares, leva-nos a interrogarmo-nos sobre o papel que podemos, que devemos ter como casal cristão, pois a igualdade do homem e da mulher, o respeito e a santificação mútuos fazem parte dos princípios fundamentais do nosso compromisso.

## **Que é feito do casal cristão, hoje?**

### DO LADO DA LUZ

- O Papa João Paulo II consagrou ao tema do casal e da família várias publicações e exortações com o objectivo de lhes reforçar a confiança. Pensemos principalmente na exortação apostólica *Familiaris Consortio* (22 de Novembro de 1981) e nos ciclos de catequese das quartas-feiras começados a 5 de Setembro de 1979 e que se desenvolveram ao longo de cinco anos. Encontraremos aí, entre outras coisas, o desenvolvimento da dignidade da pessoa no casal e também a insistência do Papa no dom recíproco das pessoas e na felicidade dos cônjuges, em complemento da finalidade do casamento cristão sobre a qual a *Humanae Vitae* insistiu a propósito da indissolubilidade do acto conjugal e da procriação.
- A beatificação por João Paulo II, a 21 de Outubro de 2001, dum casal, Luigi e Maria Beltrame Quattrochi, precisamente por ocasião do 20.º aniversário da publicação da exortação apostólica *Familiaris Consortio*, é das mais significativas. Já há muito tempo que muitos casais cristãos e, mais particularmente, os casais das Equipas de Nossa Senhora esperavam este sinal claro da parte do Magistério. “*Este documento...*” - recorda-nos efectivamente João Paulo II na sua homilia de beatificação (7) - “*convida a um*

(7) Homilia do Papa João Paulo II por ocasião da beatificação do casal Luigi e Maria Beltrame Quattrochi.

*compromisso particular no caminho da santidade para o qual os esposos são convidados em virtude da graça sacramental que não se esgota na celebração do sacramento do matrimônio, mas os acompanha ao longo de toda a sua existência.”* (8) O papa confirma aí, aliás, “*que o caminho da santidade, realizado em conjunto, como casal, é possível, belo, extraordinariamente fecundo e fundamental para o bem da família, da Igreja e da sociedade.*”

- A existência de um número crescente de casais que, embora não sendo casados, vivem à procura do lado espiritual da sua relação.
- Os que têm, hoje, um modo de vida conjugal cristão, escolheram-no verdadeiramente com toda a liberdade, o que nem sempre acontecia há umas décadas atrás.
- O número de casamentos cristãos está a diminuir, pelo que a sua capacidade de chamar a atenção aumenta.
- O casamento pode tornar-se um lugar de libertação quando os cônjuges aceitam com coragem as dificuldades. Opera-se, então, uma transformação profunda nas relações entre as pessoas, prevalecendo a lógica da colaboração sobre a da separação.
- No domínio dos novos modelos culturais e da comunicação entre as gerações, assiste-se a uma evolução rápida da qual não podemos ver apenas o lado negativo. Criam-se numerosos exemplos inéditos de comunicação, de entajuda e de solidariedade, especialmente entre os jovens.
- A procura de ajuda em situações difíceis, a busca de fontes de esperança na misericórdia divina.

#### DO LADO DA SOMBRA

- A decepção e a perturbação dum grande número de casais cristãos por ocasião da publicação da *Humanae Vitae*, em Julho de 1968, diminuíram a credibilidade da Igreja, não só no domínio do casamento e da sexualidade conjugal, mas também em outros domínios.

Os cristãos não estão – ou já não estão – sustentados actualmente por uma cultura religiosa que passou de uma noção puramente funcional do casamento a uma visão talvez um pouco idea-

(8) Exortação apostólica *Familiaris Consortio*, n.º 56.

lista. Essa visão nem sempre ajuda as pessoas a gerir, de maneira responsável e positiva, as relações de casal nos seus aspectos concretos, e tem, a maior parte das vezes, meios limitados.

- O trabalho é, frequentemente, vivido como a referência prioritária na vida do casal. Isto tem como consequência que o projecto de casal seja, sobretudo, centrado neste aspecto e os filhos tenham que se adaptar a esta situação. Daqui resultam sentimentos de frustração e de limitação de liberdade. O trabalho justifica-se como necessário para fazer viver dignamente a família; mas um excesso de trabalho, quando traz apenas luxo e realização económica, torna-se menos justificável e dá menos disponibilidade para a vida de casal, de família, para projectos de ajuda a pessoas em dificuldade ou para outros compromissos.
- Não são apenas as condições económicas e políticas que mudam, mas igualmente as ideias, as modas, os costumes. A secularização, quer religiosa quer civil, afirma-se e espalha-se, provocando a crise da ideia do casamento indissolúvel, caracterizado por símbolos fortes e por uma função social superior. Em muitos casais observam-se mudanças profundas nas motivações e na própria estrutura das relações marido-mulher e pais-filhos. Difunde-se um novo modelo de casamento que se concretiza numa simples relação fundada na simpatia, mas que se empobrece relativamente a um relacionamento mais comprometido, a um projecto real em que um entra na vida do outro e se responsabiliza por ele. O objectivo já não é a transmissão de valores.
- A fidelidade é posta em causa pela influência negativa dos media.
- Afirmação da igualdade dos parceiros em termos de relações de força em vez de encorajar o desenvolvimento dos dons específicos de cada um.

## 2. INTERROGAR-SE PARA DISCERNIR

Seguem-se algumas questões para orientar a nossa reflexão. Escolhamos aquelas que são para nós mais actuais e mais importantes, para não nos dispersarmos muito. Passemos depois a escrito as questões que se põem hoje à nossa própria consciência e que mais nos interpelam na nossa vida conjugal, familiar, social e profissional.

- Como e em que medida somos, como casal cristão, **signal concreto** do amor de Deus na Igreja e no mundo?

- Qual é a nossa missão específica, enquanto casal cristão na Igreja e no mundo, perante pessoas chamadas a viver o sacramento do matrimónio?
- \* Que é que existe de especificamente cristão na nossa maneira de agir e de reagir como casal relativamente a:
  - Crises e provas vividas, no interior do nosso lar, por cada um dos cônjuges, pelo casal, pelos filhos ou pelos nossos amigos?
  - Sofrimentos, tais como deficiências físicas e doenças do nosso cônjuge?
  - Sociedade em que vivemos, no que respeita à nossa moral de vida pessoal, ao nosso comportamento político, económico e social?
- Quais são os «*dons*» específicos do sacramento do matrimónio? Em que é que somos diferentes, como casados na Igreja, em relação aos casados civilmente?
- Todos somos tocados pela situação de sofrimento dos casais que se separam, para quem a vida em comum se tornou impossível. Como reagimos perante pessoas que ficaram sozinhas em consequência de uma tal ruptura? E perante aqueles que, apesar de tudo, quiseram permanecer fiéis a este compromisso inicial assumido conscientemente? E perante as pessoas que se voltaram a casar? À luz dos textos do Magistério, do pedido insistente do Papa para não se abandonarem as pessoas que vivem profundamente estas feridas, que atitude pessoal e em casal adoptamos?

### As nossas perguntas pessoais

### 3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Esta passagem da Escritura deve ser escolhida para a oração da reunião)

#### **Jesus foi para o monte das Oliveiras.**

Antes do nascer do sol, já Se achava outra vez no Templo. Todo o povo vinha a Ele e, sentando-se, ensinava-o. Os escribas e os fariseus trazem, então, uma mulher surpreendida em adultério e, colocando-a no meio, dizem-lhe: *“Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante delito de adultério. Na Lei, Moisés ordena-nos apedrejar tais mulheres. E Tu que dizes?”* Eles assim diziam para pô-Lo à prova, a fim de terem matéria para acusá-Lo. Mas Jesus, inclinando-Se, escrevia na terra com o dedo. Como persistissem em interrogá-Lo, ergueu-Se e disse-lhes: *“Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra!”* Inclinando-Se de novo, recomeçou a escrever na terra. Eles, porém, ouvindo isto, saíram um após outro, a começar pelos mais velhos. Ele ficou sozinho e a mulher permanecia lá, no meio. Então, erguendo-Se, Jesus disse-lhe: *“Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?”* Disse ela: *“Ninguém, Senhor”*. Disse, então, Jesus: *“Nem Eu te condeno. Vai e, de agora em diante, não peques mais.”*

Jo 8, 1-11

### 4. O QUE DIZ A IGREJA?

#### **RITUAL DO CASAMENTO**

Diálogo inicial:

***Celebrante***

Caros noivos: ..... e ..... viestes aqui para celebrar o vosso Matrimónio. É de vossa livre vontade e de todo o coração que pretendeis fazê-lo?

***Noivos:***

Sim.

***Celebrante:***

Vós, que seguis o caminho do Matrimónio, estais decididos a amar-vos e respeitar-vos, ao longo de toda a vossa vida?

***Noivos:***

Sim.

***Celebrante:***

Estais dispostos a receber amorosamente os filhos como dom de Deus e a educá-los segundo a lei de Cristo e da sua Igreja?

***Noivos:***

Sim.

Consentimento:

***Celebrante:***

Uma vez que é vosso propósito contrair o santo Matrimónio, uni as mãos direitas e manifestai o vosso consentimento na presença de Deus e da Sua Igreja.

***Noivo:***

Eu, ....., recebo-te por minha esposa a ti, ....., e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.

***Noiva:***

Eu, ....., recebo-te por meu esposo a ti, ....., e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.

***Celebrante:***

Confirme o Senhor, benignamente, o consentimento que manifestastes perante a Sua Igreja, e Se digne enriquecer-vos com a Sua bênção. Não separe o homem o que Deus uniu.

Bendigamos ao Senhor.

***Assembleia:***

Graças a Deus.

Bênção e entrega das alianças:

***Celebrante:***

Abençoe o Senhor estas alianças, que ides entregar um ao outro, como sinal de amor e de fidelidade.

***Assembleia:***

Ámen.

***Esposo:***

....., recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

***Esposa:***

....., recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

## O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

No seu capítulo 3.º, artigo 7 (n.º 1601 a 1666), o catecismo da Igreja Católica trata do “*Sacramento do Matrimónio*”. Dos textos propostos para esta primeira reunião do tema de estudo, apresentamos apenas a última parte, que é o resumo deste capítulo. O artigo 7, na sua totalidade, é apresentado, em anexo, no final desta publicação. Convidamo-vos a ler todo este artigo, se ainda não o tiverem feito, para poderem descobrir toda a sua riqueza.

### RESUMO

**1659** *S. Paulo diz: “Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja ... É grande este mistério, que eu refiro a Cristo e à Igreja.” (Ef 5, 25-32).*

**1660** *A aliança matrimonial, pela qual um homem e uma mulher constituem entre si uma comunidade de vida e de amor, foi fundada e dotada das suas leis próprias pelo Criador. Por sua natureza, ordena-se ao bem dos cônjuges, bem como à procriação e educação dos filhos. Entre os baptizados, foi elevada, por Cristo Senhor, à dignidade de sacramento. (cf. GS 48 § 1; CIC, cân. 1055, § 1)*

**1661** *O sacramento do Matrimónio é sinal da união de Cristo e da Igreja. Confere aos esposos a graça de se amarem com o mesmo amor que Cristo amou a sua Igreja; a graça do sacramento aperfeiçoa, assim, o amor humano dos esposos, dá firmeza à sua unidade indissolúvel e santifica-os no caminho da vida eterna. (cf. Conc. de Trento: DS 1799)*

**1662** *O Matrimónio assenta no consentimento dos contraentes, isto é, na vontade de se darem mútua e definitivamente, com o fim de viverem uma aliança de amor fiel e fecundo.*

**1663** *Como o Matrimónio estabelece os cônjuges num estado público de vida na Igreja, é conveniente que a sua celebração seja um acto público, integrado numa celebração litúrgica, perante o sacerdote (ou de testemunha qualificada da Igreja), as testemunhas e a assembleia dos fiéis.*

**1664** *A unidade, a indissolubilidade e a abertura à fecundidade são essenciais ao Matrimónio. A poligamia é incompatível com a unidade do Matrimónio; o divórcio separa o que Deus uniu; a recusa da fecundidade desvia a vida conjugal do seu “dom mais excelente.” (GS 50, § 1)*

**1665** *O casamento dos divorciados, em vida do cônjuge legítimo, vai contra o desígnio e a Lei de Deus ensinados por Cristo. Eles não são separados da Igreja, mas não têm acesso à comunhão eucarística. Farão a sua vida cristã, sobretudo, educando os filhos na fé.*

**1666** *O lar cristão é o lugar onde os filhos recebem o primeiro anúncio da fé. É por isso que o lar se chama, com toda a razão de, “a igreja doméstica”, comunidade de graça e de oração, escola de virtudes humanas e de caridade cristã.*

Quando recitamos o Pai Nosso (9):

*“Não digamos **Pai**,  
Se em cada dia não nos comportamos como filhos.*

*Não digamos **nosso**,  
Se vivemos isolados no nosso egoísmo.*

*Não digamos **que estais no céu**,  
Se pensamos apenas nas coisas terrestres.*

*Não digamos **santificado seja o vosso nome**,  
Se não o honramos.*

*Não digamos **venha a nós o vosso reino**,  
Se o confundimos com o sucesso material.*

*Não digamos **seja feita a vossa vontade**,  
Se não a aceitamos, quando ela é dolorosa.*

*Não digamos **o pão nosso de cada dia nos dai hoje**,  
Se não ajudamos os que têm fome,  
os que não têm cultura, os que não têm meios de sobrevivência.*

*Não digamos **perdoai-nos as nossas ofensas**,  
Se continuamos a ter ódio aos nossos irmãos.*

*Não digamos **não nos deixeis cair em tentação**,  
Se temos intenção de continuar a pecar.*

*Não digamos **livrai-nos do mal**,  
Se não tomamos posição contra o mal.*

*Não digamos **Ámen**,  
Se não levamos a sério as palavras do Pai Nosso”.*

(9) Extraído da comunicação feita por Maria Carla e Carlo Volpini, casal responsável da Supra-Região italiana, ao Colégio ERI-SR em Dickinson (USA), em Julho de 2001.

Digamos o nosso *Ámen* com a consciência de que significa “*que assim seja*”, “*que isso aconteça*”, que significa o nosso “*sim*” a este compromisso de conversão de vida. Quando nos pomos ao serviço, não vivamos somente para nós mesmos, mas também para os outros, não vivamos isolados, mas com os outros, não vivamos a olhar só para o céu ou só para a terra. Não vivamos, portanto, somente numa teoria mística, qualquer que ela seja e nem tão pouco apenas na prática baseada numa grande eficácia. Devemos, isso sim, percorrer continuamente com o olhar, o céu e a terra, a terra e o céu para levar a imagem de Deus aos homens e a vida dos homens diante de Deus. *Ámen*, e que seja assim para todos nós.

### **Proposta para um dever de se sentar**

- De que maneira somos cristãos, perante a felicidade e perante a provação?
- Recordemos as promessas que trocamos, na Igreja, no dia do nosso casamento e pelas quais conferimos a nós próprios o sacramento do matrimónio. Procuremos juntos (re)descobrir em que é que a nossa vida de casal cristão foi influenciada por estas palavras e o lugar que temos dado ao Senhor não apenas naquele dia, mas também daí por diante, pela nossa vida fora.

### **Sugestões para escolher uma regra de vida**

- Afirmar-se como casal cristão no mundo.

## **C - DISCUSSÃO SOBRE O TEMA DE ESTUDO**

1. Com a consciência plena de que nos reunimos em nome de Cristo para partilhar e compreender, propomos que dêem a volta por todos para que cada um, por sua vez, possa expor (sem ser interrompido!) o que desejar sobre a situação do casal cristão no mundo de hoje. Nesse momento, cada um poderá fazer as suas próprias perguntas e evocar igualmente as suas experiências de vida e alguns dos problemas que tem de enfrentar, hoje.

2. De seguida, com a ajuda do vosso Conselheiro Espiritual, tentem fazer uma escolha limitada de perguntas e problemas evocados por cada membro da equipa. Estas questões e estes problemas serão aprofundados durante o mês e discutidos na próxima reunião.

## Perguntas e problemas para discussão na próxima reunião

(Escrever aqui o que decidimos aprofundar durante o mês e partilhar na próxima reunião)

### D - ORAÇÃO PARA O FIM DA REUNIÃO

**Isabel:**

“Maria! Vieste ... de tão longe!  
Sê bem-vinda!

Olha! O menino mexeu-se no meu seio!  
E é de alegria  
Por causa de ti!

Bendita és tu entre as mulheres  
E bendito é o fruto do teu ventre!

Que honra para mim  
Que a mãe do meu Senhor me venha visitar!

E que alegria para ti,  
Porque acreditaste na palavra de Deus!”

**Maria:**

“Eu canto a glória do Senhor,  
O meu coração exulta de alegria!

Deus, meu Salvador, olhou para mim,  
Para mim, que sou pequenina.

Sim, todos me felicitarão.  
Como estou feliz!

O Senhor fez em mim maravilhas.  
Ele é forte; Ele é santo;  
Ama todos os homens!

Quando a Sua força se manifesta,  
Os poderosos são derrubados  
E os pequenos são exaltados;

Os famintos recebem em abundância  
E as mãos dos ricos ficam vazias.

Sim, viva o Senhor!  
Que permanece fiel ao Seu povo,  
Que nos enche da Sua ternura.”

Extracto de “Jesus, Filho de Maria”,  
da colecção “A Bíblia em banda desenhada”

## Para a próxima reunião

### “Reflectir para mudar e comprometer-se”

- Ler os textos propostos no parágrafo A da **segunda reunião**.
- Preparar de maneira mais profunda (estudo do tema) as perguntas seleccionadas na conclusão da primeira reunião que o casal animador terá o cuidado de recordar.

O tempo de partilha sobre o tema, aquando da segunda reunião, será assim consagrado a comunicar uns aos outros o fruto desta reflexão aprofundada.

A preparação do tema pode ser a ocasião de um dever de sentar temático sobre o nosso casal e o nosso “*sim*” conjugal.

- O parágrafo B “*Para nos ajudar a reflectir durante o mês*”, da segunda reunião, pode ajudar-nos a progredir individualmente ou em casal entre as duas reuniões. Permitir-nos-á “*alterar*” os nossos hábitos, quebrar as rotinas, numa palavra, “*evoluir*”.

### PRÓXIMA REUNIÃO

No dia 24 / 10 / 2023

Em casa de Maria e Vasco

As 8h30m e 1/2 de Lisboa

A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

1. UMA BREVE LEMBRANÇA

De acordo com a dinâmica própria deste tema, vamos, nesta segunda etapa, esforçar-nos por descobrir juntos, em equipa, com a ajuda do nosso conselheiro espiritual, **o que podemos mudar na nossa maneira de viver, na nossa maneira de ser e de “parecer”** para que a vida em comum do homem e da mulher possa reencontrar toda a sua riqueza, segundo a vontade de Deus.

A propósito da preparação da reunião propriamente dita, para evitar uma troca de impressões demasiado teórica e favorecer uma reflexão lúcida e honesta sobre o casal humano de hoje, tínhamo-nos proposto na reunião anterior escolher algumas questões e alguns problemas que nos tocassem particularmente (ver parágrafo C da primeira reunião). Preparemos esta reunião, tendo em conta o que acaba de ser recordado. A riqueza da nossa troca de ideias dependerá, em grande parte, da procura pessoal e em casal, assim como da partilha das nossas experiências de vida. Não tenhamos, pois, receio de *mergulhar* no Evangelho para aí procurar as passagens que possam iluminar a nossa reflexão.

2. ALGUMAS REFERÊNCIAS QUE PODERÃO AJUDAR-NOS NA NOSSA REFLEXÃO

*“Não existe um lugar onde a fé e a vida estejam em contacto tão imediato como no casamento. É por isso que é alarmante ver que é neste terreno que se encontra a maior discordância entre a doutrina oficial da Igreja e as convicções postas em prática na vida dos crentes.”*

Walter Kasper

*Em muitos textos do Concílio Vaticano II e dos documentos pós-conciliares, o Papa insiste na consciência dos cristãos. É esta consciência honesta, íntima, que comanda o discernimento.*

## Formação da consciência com vista à missão

*“A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser. Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo. Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. Quanto mais, portanto, prevalecer a recta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos estarão longe da arbitrariedade cega e procurarão conformar-se com as normas objectivas da moralidade.”* (1)

Além disso é necessário que esta consciência seja formada e continue a formar-se para que as actuações dos cristãos reflectam verdadeiramente os valores do Evangelho e duma moral baseada no respeito da pessoa humana, no amor do outro e no projecto de Deus.

*“As tarefas e actividades seculares competem propriamente aos leigos, embora não de modo exclusivo. Por esta razão, sempre que, sós ou associados, actuam como cidadãos do mundo, não só devem respeitar as leis próprias de cada domínio, mas procurarão alcançar neles uma real competência. Cooperarão de boa vontade com os homens que prosseguem os mesmos fins. Reconhecendo quais são as exigências da fé, e por ela robustecidos, não hesitem, quando for oportuno, em idealizar novas iniciativas e levá-las à sua realização. Compete à sua consciência, previamente bem formada, imprimir a lei divina na vida da cidade terrestre.”* (2)

O estado **de leigo casado** não escapa naturalmente a esta regra. *“Por um lado, de facto, constata-se uma consciência mais viva da liberdade pessoal e uma atenção maior à qualidade das relações interpessoais no casamento, à promoção da dignidade da mulher; à procriação responsável, à educação dos filhos; a isto acrescenta-se a consciência da necessidade de desenvolver relações entre as famílias para uma ajuda espiritual e material recíproca, e para a redescoberta da missão eclesial própria da família e da sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa.*

[...]

*A educação da consciência moral, que torna cada homem capaz de julgar e discernir os meios adequados para a sua realização, de acor-*

(1) Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, 16.

(2) *Gaudium et Spes*, 43.

do com a verdade original, torna-se uma exigência prioritária à qual não se pode renunciar.” (3)

Ao casal cristão, como núcleo da família, é dirigido um apelo urgente: desempenhar plenamente o seu papel, a sua missão na construção de um mundo mais cristão, um mundo onde o casamento adquire a sua mais profunda dimensão, **onde o casal é “sinal e presença concreta do amor de Deus”.**

“Num momento histórico em que a família sofre numerosas pressões que tentam destruí-la ou, pelo menos, desfigurá-la, a Igreja, sabendo que o bem da sociedade e o seu próprio bem estão profundamente ligados ao da família, tem uma consciência mais viva e mais urgente da sua missão de proclamar a todos o projecto de Deus sobre o casamento e sobre a família, assegurando a sua plena vitalidade e a sua promoção humana e cristã, contribuindo, assim, para a renovação da sociedade e do povo de Deus.” (4)

## Testemunho

“O que eu admiro particularmente nos meus pais é o **respeito** que têm um pelo outro. Aceitando as suas diferenças, formam um casal muito unido e completam-se mutuamente!

É muito importante respeitar as diferenças do outro. Ao respeitar as suas diferenças, permite-se-lhe manter a sua liberdade: ser ele mesmo. Retirar esta liberdade ao outro, seria torná-lo infeliz e impedi-lo de crescer. E, conseqüentemente, isso tornar-se-ia um travão ao crescimento do próprio casal.

O que admiro igualmente nos meus pais é que, após trinta anos de casamento, continuam sempre **enamorado**s. Como um casal de noivos!

Sei isto porque o vejo! Muitos casais já não se beijam nem compartilham gestos de ternura após tantos anos de casamento, mas eles ... sim!

Diz-se frequentemente que num casal há altos e baixos. Nos meus pais isso não se nota. Têm talvez momentos mais difíceis no seu relacionamento, mas nunca me apercebi disso.

Os meus pais estão no mesmo comprimento de onda. E quando não estão, falam disso.

Em todo o caso, acho que, para educar os filhos como eles fizeram, é necessário ser um casal **equilibrado**.

(3) João Paulo II, *Familiaris Consortio*, 6 e 8.

(4) *Familiaris Consortio*, 3.

Fomos educados num ambiente calmo, numa família onde havia paz, tranquilidade, alegria, partilha ... Os nossos pais disponibilizavam tempo para nós, consideravam-nos, ouviam-nos, ajudavam-nos ... Conseguíamos fazer tudo isto porque, em casal, vivíamos em paz, em harmonia!

Que felicidade para os filhos, como nós, terem podido viver assim, enquanto crianças, e poderem viver ainda agora essa mesma felicidade!

Cabe-nos, a nós, agora tentar seguir este exemplo extraordinário a fim de criarmos os nossos filhos felizes e sem constrangimentos!

A imagem que tenho dos meus pais é uma imagem de **equilíbrio, de amor, de estabilidade, de diálogo** que eu gostaria muito de realizar do mesmo modo na minha vida de casal. Sei bem que é algo que não se realiza de um dia para o outro. É um trabalho de todos os dias! De um dia após outro ... fazendo cada um alguma coisa de seu e pondo nisso todo o seu coração! “<sup>(5)</sup>”

### 3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Uma destas passagens do Evangelho pode ser escolhida para a oração da reunião)

*“A propósito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que estejais na ignorância. Sabeis que, quando éreis gentios, éreis irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos. Por isto, eu vos declaro que ninguém, falando com o Espírito de Deus, diz: “Anátema seja Jesus!”, e ninguém pode dizer: “Jesus é Senhor” a não ser no Espírito Santo.*

*Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de acção, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.» Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro, a palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas, a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz.”*

1 Cor 12, 1-11

<sup>(5)</sup> Resposta de uma jovem esposa (3 anos de casamento) à pergunta: “*Que imagem tenho eu dos meus pais como casal?*”

*“Vós fostes chamados à liberdade, irmãos. Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto para a carne, mas, pela caridade, colocai-vos ao serviço uns dos outros.”*

Gl 5, 13

*“Caríssimos, se Deus assim nos amou, devemos, nós também, amar-nos uns aos outros. Ninguém jamais contemplou a Deus. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu Amor em nós é levado à perfeição.”*

1 Jo 4, 11-12

## B - PARA NOS AJUDAR A REFLECTIR DURANTE O MÊS

O que é um coração puro?

Um coração que sabe, cada manhã, renovar o dom do seu amor e da sua fidelidade.

*Surpreende-Me sempre, diz Deus,  
Ouvir as pessoas dizer:  
- Vamo-nos casar!  
Como se alguém se casasse  
Num determinado dia...  
Deixem-Me rir!  
Como se alguém se casasse  
De uma vez por todas.  
Crêem que isso aconteceu,  
E que podem viver  
Viver das suas rendas de amor  
De pessoas casadas.  
Como se alguém se casasse num só dia.  
Como se fosse suficiente dizer sim uma vez,  
Como se Eu próprio  
Tivesse feito o mundo num só dia;*

*Como se não fosse necessário,  
Custe o que custar,  
Para um bom êxito, enfim,  
Casar-se em todos os dias que Eu  
faço.  
Os homens não duvidam de nada!  
Duas metades têm tanto a unir,  
Quando se tem vinte anos!  
Um rapaz sozinho,  
Uma rapariga só,  
Tão diferentes;  
De origens estranhas um ao outro  
Desde gerações de antanho.  
Quantas coisas a dar  
E a receber.  
Quantas coisas a receber  
E a dar,  
Meus filhinhos!*

Charles Péguy

### **Proposta par um dever de se sentar**

- Descobrir os dons de Deus ao nosso casal.

### **Sugestões para escolher uma regra de vida**

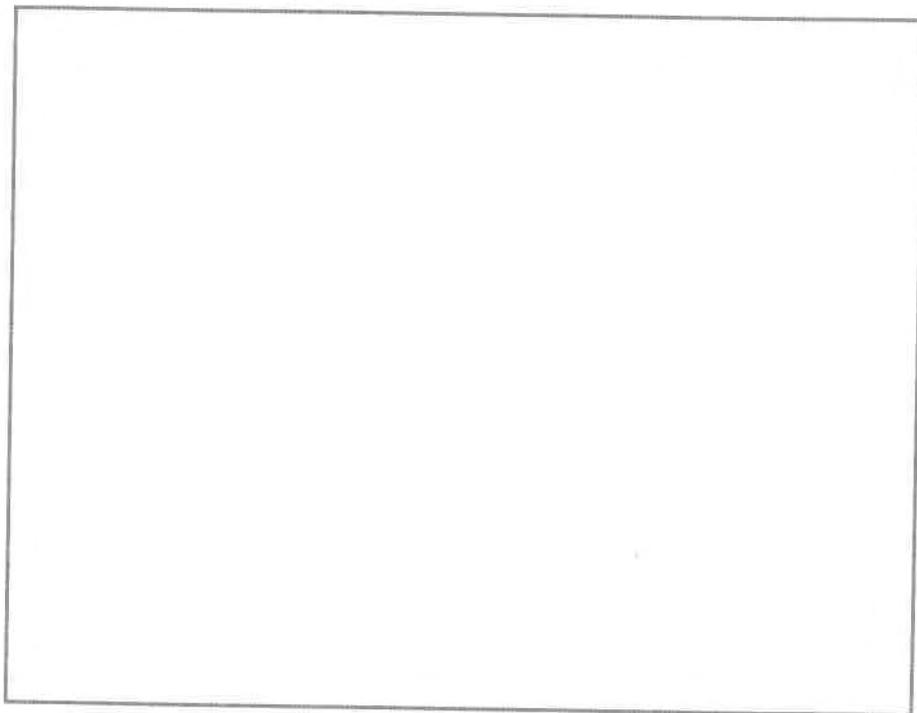
- Rever e fazer o balanço da regra de vida do mês passado.

## **C - REUNIR-SE PARA PARTILHAR E COMPREENDER**

1. Na primeira reunião da nossa reflexão sobre o casal cristão hoje, combinámos, com a ajuda do nosso conselheiro espiritual, aprofundar certas questões a fim de ver melhor, ouvir melhor e partilhar melhor, com os outros membros da equipa, a nossa situação de homem e de mulher na realidade concreta da vida.

2. No acolhimento e no respeito das nossas diferenças, dos nossos problemas e das nossas riquezas, somos convidados a oferecer aos outros membros da equipa o fruto da nossa pesquisa. Procuremos, na nossa troca de impressões, ser adultos, quer dizer, verdadeiros, abertos, responsáveis e disponíveis.

## Notas



## D - ORAÇÃO PARA O FIM DA REUNIÃO

Ó Maria,  
Aurora do mundo novo,  
Mãe dos vivos,  
Nós Te confiamos a causa da vida:  
Olha, ó Mãe, o número imenso  
Das crianças impedidas de nascer,

Dos pobres para quem a vida se torna difícil,  
Dos homens e das mulheres, vítimas de uma violência inumana,  
Dos velhos e dos doentes mortos pela indiferença  
Ou por uma presumida piedade.  
Faz com que os que crêem no Teu Filho  
Saibam anunciar aos homens do nosso tempo  
Com firmeza e com amor  
O Evangelho da vida.  
Obtém para eles a graça de o acolher  
Como um dom sempre novo,  
A alegria de o celebrar com gratidão  
Em toda a sua existência  
E a coragem de testemunhar  
Com uma tenacidade activa, a fim de construir,  
Com todos os homens de boa vontade,  
A civilização da verdade e do amor,  
para louvor e glória de Deus Criador que ama a vida.

João Paulo II  
Encíclica *Evangelium vitae*, 105

### PRÓXIMA REUNIÃO

No dia 14 / 11 / 2003

Em casa de ORFÃO 20H30

**“Tomar consciência da realidade”**

## A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

### 1. ALGUMAS PISTAS

«Um doutor da lei levantou-se e, querendo experimentar Jesus, perguntou: *“Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?”*. Jesus perguntou-lhe: *“O que está escrito na Lei? Como lês?”*. Ele, então, respondeu: *“Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força e com todo o teu entendimento; e o teu próximo como a ti mesmo!”*. Jesus disse-lhe: *“Respondeste bem. Faz isso e viverás.”*».

É a partir dessa resposta do doutor da Lei que Jesus o convida a pôr em prática esta palavra de vida. Jesus conta, então, a parábola do samaritano, a história desse estrangeiro que se aproxima do homem ferido à beira do caminho. Se, como pessoas, somos chamados por Cristo, como o doutor da Lei, somos também chamados como casal cristão. É a isso que nos convidam algumas pistas que veremos a seguir.

Retomemos o texto no capítulo 10 de S. Lucas, versículos 25 a 37, rico de ensinamentos, para nos ajudar a preparar a nossa reunião e a tomar consciência da realidade de hoje.

Como reagimos, em casal, ao apelo de Cristo *“a amar o Senhor, nosso Deus com todo o nosso coração e o nosso próximo como a nós mesmos”*?

Será que somos como o samaritano que se aproxima do homem ferido pelos bandidos, cuida dele, leva-o ao albergue e toma providências para que cuidem dele até à sua volta?

Ou somos como o levita ou como o sacerdote que, vendo o homem quase morto na beira do caminho, passamos do outro lado, ignorando o sofrimento e o pedido de ajuda?

Tomar consciência da realidade na nossa sociedade de hoje é adotar as três atitudes do bom samaritano. **Ele interessa-se pelo sofrimento**

**do outro e vai ter com ele onde este está**, naquela situação de desespero. **Aceita a tarefa de cuidar do homem ferido e de carregar, assim, uma parte do seu fardo.** Mas o bom samaritano vai ainda mais longe, **é ele próprio que cuida das feridas do outro, pondo-lhe óleo, para o curar;** ele contribuiu, assim, para a cura deste homem de quem se aproxima à beira do caminho.

### **Estar atento ao sofrimento do outro e aproximar-se dele**

Todas as sondagens confirmam que os casais cristãos são, na sua maioria, abertos ao acolhimento do outro; e o mesmo acontece com os casais das Equipas de Nossa Senhora. Inquéritos recentes mostram como é forte o nosso compromisso na sociedade e na Igreja ao serviço da caridade. Mas é suficiente contentarmo-nos com esta constatação positiva? Será que não deveríamos aguçar o nosso olhar para perceber o sofrimento do outro e abrir o nosso coração para o acolher, tal como ele é?

Entre os casais, muitos vivem felizes, mesmo quando os dois estão de acordo em dizer que se dá, quase sempre, muito mais importância ao que não está certo, ao que vai mal. Mas, paradoxalmente, não é justamente isso que faz com que continuemos despertados, atentos aos sofrimentos que vivem os nossos contemporâneos?

É forçoso constatar o aumento do número de divórcios na nossa sociedade. Vamo-nos debruçar sobre as causas e as consequências desses importantes fracassos que acontecem com um bom número de pessoas do nosso meio. Sem pensar em fazer um julgamento, analisemos as razões que podem levar um casal a tomar essa decisão. De maneira positiva, coloquemos a questão dos meios de que dispomos para evitar que um homem e uma mulher cheguem a essa atitude extrema.

O campo do sofrimento é vasto e muitos outros aspectos da vida merecem a nossa compaixão. Como nos aproximamos daqueles que são atingidos pela doença, pela morte, pela viuvez? Qual é a nossa atitude para com as crianças em dificuldade, os deficientes, aqueles cujas expectativas ou esperanças não se realizam? Os numerosos homens e mulheres que sofrem de depressão, que perderam o emprego, que vivem na pobreza?

Vivemos num mundo de violência, mas será que sentimos o sofrimento dos outros na nossa própria carne? Qual é a nossa abertura de coração para os homens e mulheres que sofrem com as guerras e as

desgraças que elas trazem consigo? Ou só reagimos quando nós próprios somos atingidos por estes acontecimentos?

Ser chamados por Cristo a colocarmo-nos ao lado daqueles que estão à beira do caminho é ser chamado à partilha, ao acompanhamento, à atenção e a pôr assim em prática as virtudes cristãs da compaixão, da solidariedade e da caridade.

Como casal cristão, de que maneira vivemos o mandamento novo que nos dá Cristo no capítulo 13 de S. João, versículo 34: “*Amai-vos uns aos outros. Como Eu vos amei, vós deveis amar-vos uns aos outros*”?

Como casal, vivemos num movimento de amor que parte de Deus, se manifesta pela palavra de Cristo e produz os seus frutos no amor aos que estão próximos. É assim que o casal se torna **sinhal** que permite reconhecê-lo como cristão quando se aproxima do irmão que está à beira do caminho. Mas este movimento de amor só se tornou possível porque Deus nos ama e nos dá, em Cristo, as virtudes que permitem que nos amemos uns aos outros.

**A fé, a esperança e o amor** produzem o seu efeito e levam-nos a tomar atitudes de justiça, de misericórdia e de fidelidade.

*A justiça é um dom e uma promessa de Deus que espera dos homens um comportamento correspondente. “A justiça de Deus não pode reduzir-se ao exercício de um julgamento; é, antes de mais, misericordiosa fidelidade a uma vontade de salvação; faz nascer no homem a justiça que exige dele.”* (1)

A justiça é uma atitude dos homens que se esforçam uns em relação aos outros, de acordo com o mandamento de Deus, para que cada um receba aquilo que lhe é devido. Trata-se, portanto, de uma vontade firme e constante de garantir a cada pessoa aquilo que é um direito seu. O Deuteronomio declara: “Não deturpes o direito, não faças discriminação de pessoas ... Segue estritamente a justiça e assim viverás ...” (Dt 16, 19-20). A justiça entre os homens é, segundo o testemunho dos profetas, um pedido fundamental do Deus da Aliança e os direitos do homem são exactamente, segundo os seus testemunhos, o direito de Deus. Aquele que caminha diante de Deus, segundo a justiça confirma, pela sua postura, a aliança com Deus.

**A misericórdia**, ao lado da justiça, faz parte das virtudes enaltecidas por Jesus, pois ela é uma característica do próprio Deus: Deus é misericórdia. Ele evoca-a em inúmeras parábolas como as do bom samari-

(1) Vocabulário de teologia bíblica (1982).

tano (Lc 10, 30-35), da ovelha ou da moeda perdidas (Lc 15, 1-10), do filho pródigo (Lc 15, 11-32) ou do devedor impiedoso (Mt 18, 23-35). Indo além das palavras, Jesus manifesta a Sua misericórdia em muitas situações que traduzem a Sua afeição pelos pobres, por aqueles que passam necessidades, pelos doentes que vêm até Si. Ele perdoava os pecadores e, no ponto mais alto do Seu sofrimento, na cruz, promete o paraíso ao bom ladrão. A misericórdia é vivida concretamente naquelas “*obras*” das quais Ele fala no grande discurso sobre o Julgamento (Mt 25, 34-46). Elas são as marcas do amor dos cristãos ao próximo: dar de comer aos que têm fome, dar de beber aos que têm sede, vestir os nus, dar hospitalidade aos estrangeiros, assistir aos doentes, visitar os prisioneiros, sepultar os mortos. Interroguem-nos como tem sido a nossa participação nestas obras de misericórdia. Como instruímos os ignorantes? Que conselhos damos aos que têm dúvidas? Como consolamos os que estão tristes? Como corrigimos os pecadores? Perdoamos, de boa vontade, as ofensas, suportando com paciência os importunos e rezando pelos vivos e pelos defuntos?

Poder fazer um acto de misericórdia é ser portador de graças que nos tornam mais atentos aos outros e nos conferem a força interior necessária para cumprir plenamente as obras do Senhor.

As “*obras de misericórdia*” nascem de uma atitude interior de disponibilidade pela qual o amor de Deus se torna operante. Servir no Terceiro Mundo, cuidar dos doentes, responsabilizar-se por deficientes etc., tudo isto mostra que o amor e a misericórdia de que os nossos casais são portadores, por natureza, tornam-se concretos e vão para além das palavras humanas, belas mas insuficientes.

A *fidelidade* faz parte, ao lado da justiça e da misericórdia, das qualidades do amor que nos permitem estar ao lado dos nossos irmãos que estão à beira do caminho. Observemos o bom samaritano: a sua acção não se limita a responsabilizar-se por aquele que está ferido e a levá-lo ao albergue mais próximo. Não, o bom samaritano diz ao dono do albergue que passará por lá, no seu regresso. Com isto, ele demonstra a sua fidelidade e o seu compromisso; não como dedicação rígida e fixa a um princípio ou a uma pessoa, mas como uma vontade firme de se decidir de maneira duradoura por uma pessoa ou por um valor elevado. A fidelidade é a estabilidade no amor. Ela exprime-se na atitude do bom samaritano, assim como na nossa própria atitude de homem e de mulher casados. Ela inclui o risco da confiança e da vulnerabilidade e põe em prática, de uma maneira firme, o nosso compromisso, mesmo em caso de decepção.

*A fé, a esperança e o amor e seu desdobramento na justiça, na misericórdia e na fidelidade, induzem outras atitudes fundamentais como a alegria, a paz, a paciência, a bondade, a doçura e o autocontrole.* Elas são chamadas “**frutos do espírito**”; marcam atitudes humanas que nascem de uma bondade natural e decorrem da acção do Espírito Santo. São caminhos de cura para o outro e para nós próprios.

Quando nos colocamos ao lado daqueles que estão à beira do caminho, não só os ajudamos a curar-se, mas fazemos um trabalho terapêutico em nós mesmos, permitindo assim que a porta da nossa alma se abra para deixar entrar o Senhor. Só assim Ele poderá curar todas as nossas insuficiências, fraquezas e pecados.

Tomamos assim consciência da **importância do perdão e da reconciliação para que todas as feridas, as do próximo e as nossas, possam ser curadas.** Somos portadores do perdão que vem de Deus. O perdão e a reconciliação são coisas diferentes, mas ambos são indispensáveis para nos aproximarmos daqueles que estão à beira do caminho.

Somos capazes de compreender por que é que o perdão dado, mas também recebido e, sobretudo, aceite, nos permite estar mais próximos do nosso próximo e como é que a nossa experiência conjugal nos pode ajudar nesta atitude de caridade?

Estar ao lado daqueles que estão à beira do caminho é estar próximo dos pobres em todos os sentidos da palavra, inclusive dos pobres no plano espiritual que não encontram um sentido para a vida. Trata-se de entrar numa acção de humildade e de reconciliação, aberta pelo dom de Deus.

Vamos utilizar todas estas pistas para descrever, em casal e em equipa, como sentimos a realidade de hoje, a nossa capacidade e a capacidade do nosso mundo para nos aproximarmos daqueles que estão à beira do caminho.

## 2. INTERROGAR-SE PARA DISCERNIR

São-nos propostas algumas questões para orientar a nossa reflexão. Para não nos dispersarmos muito, escolhamos aquelas que são para nós mais actuais e mais importantes.

Qual é a nossa reacção de casal face às seguintes questões:

- Cada casal fala rapidamente das situações ou das pessoas que, na sua perspectiva, estão à beira do caminho. Como reagimos perante estas situações?
- De que maneira olhamos para as pessoas diferentes de nós pela sua vida social, familiar, humana, etc.? Que atitudes encontramos e qual é a nossa maneira de agir, como casal, em relação àqueles que não vivem como nós, ou que são diferentes de nós?
- Vivemos num mundo de comunicação e de relações, mas que é, ao mesmo tempo, individualista, materialista e egoísta. Como reagimos a estas situações? Que fazemos de concreto para tentar mudar as coisas?
- Retomemos a parábola do bom samaritano e imaginemos quais seriam as nossas atitudes perante tal situação. Que podemos fazer para mudar a nossa maneira de considerar as pessoas?
- Justiça, misericórdia, fidelidade ... Que significam estas palavras para nós, casais cristãos, em relação ao que é a nossa sociedade e o nosso mundo actual?

Em seguida, procuremos redigir as perguntas que fazemos a nós mesmos e que mais nos interpelam na nossa vida de casal, de família, humana, social e profissional.

### **As nossas perguntas pessoais**



### 3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA TRANSFORMAR O CORAÇÃO

(Meditemos as seguintes passagens da Escritura para iluminar a nossa reflexão e escolhamos uma delas para a oração da reunião)

*“Vinde a Mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e Eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas, pois o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve.”*

Mt 11, 28-30

*“Irmãos, caso alguém seja apanhado em falta, vós, os espirituais, corrigi-o com espírito de mansidão, cuidando de vós mesmos, para que também vós não sejais tentados. Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a Lei de Cristo. Se alguém pensa ser alguma coisa, enganase a si mesmo. Cada um examine a sua própria conduta, e então terá de que se gloriar por si só e não por referência ao outro. Porque cada qual carregará o seu próprio fardo.”*

Gl 6, 1-5

### 4. O QUE DIZ A IGREJA?

A exortação apostólica *“Evangelii Nuntiandi”* de Paulo VI abre-nos a uma outra dimensão da caridade tão necessária no mundo de hoje e amplia a nossa vocação de casal cristão, colocando-o no centro do **anúncio da “Boa Nova”**. Este anúncio permite-nos, como cristãos, ficar ao lado do outro, onde quer que ele se encontre, à beira do caminho.

#### Um destino universal

49. As últimas palavras de Jesus no Evangelho de São Marcos conferem à evangelização, de que o Senhor incumbe os apóstolos, uma universalidade sem fronteiras:

*“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”. [...]*

#### Apesar de todos os obstáculos

50. Ao longo de vinte séculos de história, as gerações cristãs tiveram de enfrentar periodicamente diversos obstáculos que se opuseram a esta missão universalista [...] Temos de verificar com mágoa

que a obra evangelizadora da Igreja tem sido dificultada, se não mesmo impedida, pelos poderes públicos. Sucede, ainda nos nossos dias, que os anunciadores da Palavra de Deus são privados dos seus direitos, perseguidos, ameaçados e eliminados mesmo, só pelo facto de pregarem Jesus Cristo e o seu Evangelho. No entanto, nós temos confiança em que, apesar destas dolorosas provações, a obra desses apóstolos finalmente não virá a faltar em qualquer região do mundo.

A despeito de tais adversidades, a Igreja reanima-se constantemente com a sua inspiração mais profunda, aquela que lhe provém directamente do Senhor: Por todo o mundo! A toda a criatura! Até às extremidades da terra! [...] Alguns exemplos, quanto a este ponto, poderão ser elucidativos.

### **Primeiro anúncio aos que estão longe**

51. Dar a conhecer Jesus Cristo e o Seu Evangelho àqueles que Os não conhecem é, precisamente, a partir da manhã de Pentecostes, o programa fundamental que a Igreja assumiu como algo recebido do seu Fundador [...] Esse primeiro anúncio de Jesus Cristo efectua-o a Igreja por meio de uma actividade complexa e diversificada, que algumas vezes se designa com o nome de “*pré-evangelização*”, mas que, a bem da verdade, já é evangelização, embora no seu estágio inicial e ainda incompleto. Uma gama quase infinita de meios – a começar pela pregação explícita, como é óbvio, mas passando também pela arte, pelos contactos e pelo interesse no campo científico e no campo das pesquisas filosóficas, até ao recurso legítimo aos sentimentos do coração do homem – podem ser postos em prática para se alcançar tal objectivo.

### **Anúncio ao mundo descristianizado**

52. Se é verdade que este primeiro anúncio se destina especialmente àqueles que nunca ouviram a Boa Nova de Jesus e às crianças, é verdade também que ele se mostra cada dia mais necessário – e isto por causa das situações de descristianização frequentes nos nossos dias – igualmente para as multidões de homens que receberam o Baptismo mas vivem fora de toda a vida cristã, para as pessoas simples que, tendo embora uma certa fé, conhecem mal os fundamentos dessa mesma fé, para intelectuais que sentem a falta de um conhecimento de Jesus Cristo sob uma luz diversa da dos ensinamentos recebidos na sua infância e para muitos outros ainda.

## Sustentáculo da fé dos fiéis

54. Entretanto, a Igreja não se sente dispensada de prestar uma atenção diligente, de igual modo, àqueles que receberam a fé e que, muitas vezes passadas algumas gerações, voltam a ter contacto com o Evangelho. A Igreja procura desta maneira aprofundar, consolidar, alimentar e tornar cada dia mais amadurecida a fé daqueles que se dizem já fiéis ou crentes, a fim de que o sejam cada vez mais.

Esta fé, hoje confrontada com o secularismo, ou antes, podemos mesmo dizer, com o ateísmo militante, é quase sempre uma fé exposta a provações e ameaçada, e, mais ainda, uma fé assediada e combatida. Ela corre o risco de morrer de asfixia ou de inanição senão for alimentada e amparada todos os dias. [...]

A Igreja Católica mantém igualmente uma viva solicitude em relação aos cristãos que não estão em plena comunhão com ela: se bem que se ache já empenhada em preparar juntamente com eles a unidade querida por Cristo, e precisamente em vista de realizar a unidade na verdade, ela tem a consciência de que faltaria gravemente ao seu dever se não desse testemunho, também junto deles, da plenitude da revelação de que conserva o depósito.

## Não crentes

55. Significativa é também aquela preocupação [...] que diz respeito a duas esferas muito diferentes uma da outra, [...]. A primeira dessas esferas é aquilo que se pode chamar a escalada da incredulidade no mundo moderno. [...]

Sob o ponto de vista espiritual, este mundo moderno parece que continua a debater-se sempre com aquilo que um autor dos nossos dias chamava *“o drama do humanismo ateu”*.

Por um lado, é-se obrigado a verificar no âmago deste mesmo mundo contemporâneo o fenómeno que se torna quase a sua nota mais surpreendente: o secularismo. [...] Aqui, temos em vista um verdadeiro secularismo: uma concepção do mundo segundo a qual esse mundo se explicaria por si mesmo, sem ser necessário recorrer a Deus; de tal sorte que Deus se tornou supérfluo e embaraçante. Um secularismo deste género, para reconhecer o poder do homem, acaba por privar-se de Deus e mesmo por O renegar. [...]

Em conexão com este secularismo ateu, propõem-se-nos todos os dias, sob as formas mais diversas, uma civilização de consumo, o

hedonismo erigido em valor supremo, uma ambição de poder e de predomínio, discriminações de todo o género, enfim, uma série de coisas que são outras tantas tendências inumanas desse “*humanismo*”.

Por outro lado, e paradoxalmente, neste mesmo mundo moderno não se pode negar a existência de verdadeiras pedras de junção cristãs, valores cristãos pelo menos sob a forma de um vazio ou de uma nostalgia. Não seria exagero falar de um potente e trágico apelo para ser evangelizado.

### **Não praticantes**

56. Uma segunda esfera é a dos não praticantes: hoje em dia, um bom número de baptizados que, em larga medida, nunca renegaram formalmente o próprio Baptismo, mas que se acham totalmente à margem do mesmo e que o não vivem. [...]

Ateus e incrédulos por um lado, e não praticantes por outro, opõem, assim, resistências à evangelização que não são para menosprezar. [...]

Secularismo ateu e ausência de prática religiosa encontram-se entre os adultos e entre os jovens, nas elites e nas massas, em todos os sectores culturais, no seio das antigas e das jovens Igrejas. A acção evangelizadora da Igreja, que não pode ignorar estes dois mundos nem ficar parada diante deles, tem de procurar constantemente os meios e a linguagem adequados para lhes propor a revelação de Deus e a fé em Jesus Cristo.

O *Evangelii Nuntiandi* compromete-nos, como membros de Cristo, a agir e a sermos nós mesmos, unidos pela graça da evangelização aqui e agora, no lugar e na situação em que nos encontramos.

### **Família**

71. No conjunto daquilo que é o apostolado evangelizador dos leigos, não se pode deixar de pôr em realce a acção evangelizadora da família. Nos diversos momentos da história da Igreja, ela mereceu bem a bela designação sancionada pelo Concílio Vaticano II: “*Igreja doméstica*”. Isso quer dizer que, em cada família cristã, deveriam encontrar-se os diversos aspectos da Igreja inteira. Por outras palavras, a família, como a Igreja, tem por dever ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e de onde o Evangelho irradia.

### **O exercício do ministério apostólico (2 Co 5, 14-21):**

O amor de Cristo constringe, quando consideramos que um só morreu por todos e, por conseguinte, todos morreram. Ora Ele morreu por todos a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para Aquele que morreu e ressuscitou por eles.

Por isso, doravante, a ninguém conhecemos segundo a carne. Mesmo que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, agora já não O conhecemos assim. Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova. Tudo isto vem de Deus que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação.

Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas faltas e colocando em nós a palavra da reconciliação. Sendo assim, em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores, e por nosso intermédio, é Deus mesmo que vos exorta. Em nome de Cristo, suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus. Aquele que não conhecera o pecado, Deus O fez pecado por causa de nós, a fim de que, por Ele, nos tornemos justiça de Deus.

São Paulo indica-nos claramente que estamos em missão em nome de Cristo.

Ralph e Jackie Tygielsky mostram-nos como é que os nossos casais estão comprometidos nesta acção.

### **Equipistas actores e testemunhas da vida do mundo <sup>(2)</sup>**

Como casais cristãos na Igreja e no mundo, de que maneira aceitamos este apelo à nossa responsabilidade? A qualidade de vida e as relações que encontramos no casamento anunciam o que podemos esperar no conjunto do nosso envolvimento com o mundo. Ao permitirmos que Jesus guie as nossas vidas e as nossas acções, podemos sempre melhorar as nossas vidas, a nossa vizinhança, a Igreja e a comunidade em geral.

Somos chamados, como membros das Equipas, a testemunhar e a espalhar a Boa Nova do Evangelho e do matrimónio cristão. Tudo

<sup>(2)</sup> “*Chamados a curar*” – Ralph e Jacky Tygielsky, *Supra - Regionais dos USA – Colégio de Houston 2001.*

isto não é válido apenas para a nossa equipa e para aquelas que compõem a comunidade, mas é também válido para todos aqueles com os quais entramos em contacto no dia a dia. Somos, antes de mais, casais cristãos que vivem o seu Sacramento, e somos chamados a partilhar tudo o que temos com aqueles que nos rodeiam. [...]

Algumas palavras do Papa João Paulo II citadas na colectânea “A sabedoria de João Paulo II” dão uma excelente ideia daquilo que nos é pedido:

*“Não podemos aprender o cristianismo como uma lição composta de numerosos e diferentes capítulos; é preciso que essa aprendizagem esteja ligada a uma Pessoa viva: Jesus Cristo. Jesus Cristo é o guia. É o modelo. Podemos imitar o Seu exemplo de diversas maneiras e nas mais diversas medidas. Podemos de diversas maneiras e em medidas diversas fazer d’Ele a “Regra” da nossa própria vida...”* (3)

Na nossa relação de casal, o sacramento do Matrimónio torna o amor de Cristo presente. O casamento é um apelo e um desafio para duas pessoas que se unem pelo espírito e pelo corpo. O casal compromete-se num caminho de vida comum, aqui na terra, para caminhar na direcção do Reino de Deus. Os cônjuges são chamados a curar-se um ao outro e a curar as suas famílias. Tornam-se exemplos de Cristo para os seus amigos e para a sua comunidade. O desafio que têm pela frente é o de se aproximar dos outros e ajudá-los ao longo de todo o caminho para o Reino de Deus.

Mas, antes de toda a acção e para seguir a Cristo, o casal deve estar em paz consigo mesmo e, portanto, colocar o perdão no centro da sua relação íntima e na relação com os outros.

Jackie e Ralph Tigielsky continuam:

*Como devemos agir para curar e perdoar? Temos exemplos a seguir, mas por onde devemos de começar? O Papa João Paulo, na sua encíclica Redemptoris Missio, escreve: “Dois gestos são característicos da missão de Jesus: a cura e o perdão”. Se nós queremos seguir a Cristo, estes gestos deveriam fazer parte das nossas vidas.*

*A cura começa com a comunicação. Devemos aprender a comunicar um com o outro se queremos que a cura aconteça. É preciso colocar palavras nas nossas feridas e escutarmo-nos um ao outro.*

(3) “Recado aos jovens”, Paris, Junho de 1980.

*A compreensão não chega se não consagrarmos o tempo necessário à comunicação. A escuta é primordial. Deus deu-nos dois ouvidos e uma só boca, para que saibamos escutar melhor. Quantas vezes só falamos com a outra pessoa e não lhe damos a atenção que ela precisa! Isto leva a uma falta de comunicação. Devemos, da mesma maneira, permitir que Deus faça parte desse tempo de cura. Temos de ver Cristo no outro. Precisamos, também, de dedicar tempo à oração e à leitura das Escrituras para termos um guia, uma referência.*

### **Proposta para um dever de se sentar**

- Qual a nossa atitude, como casal, diante daqueles que estão à beira do caminho? Que fazemos para nos aproximarmos deles?
- Como encaramos os casais que vivem outros valores que não os nossos (uniões de facto, divorciados, divorciados recasados, homossexuais ...).
- Qual é o nosso compromisso com os mais pobres no plano material, humano e espiritual?
- Que fazemos para estar atentos ao nosso cônjuge, quando ele está em dificuldade espiritual, psicológica, humana, etc.?

### **Sugestões para escolher uma regra de vida**

- Tomar a resolução de mudar a nossa maneira de olhar ou de abrir o nosso coração a uma realidade que, apesar de parecer muito afastada do ambiente em que vivemos, acaba por nos atingir.
- Escolher uma regra de vida comum para o casal.

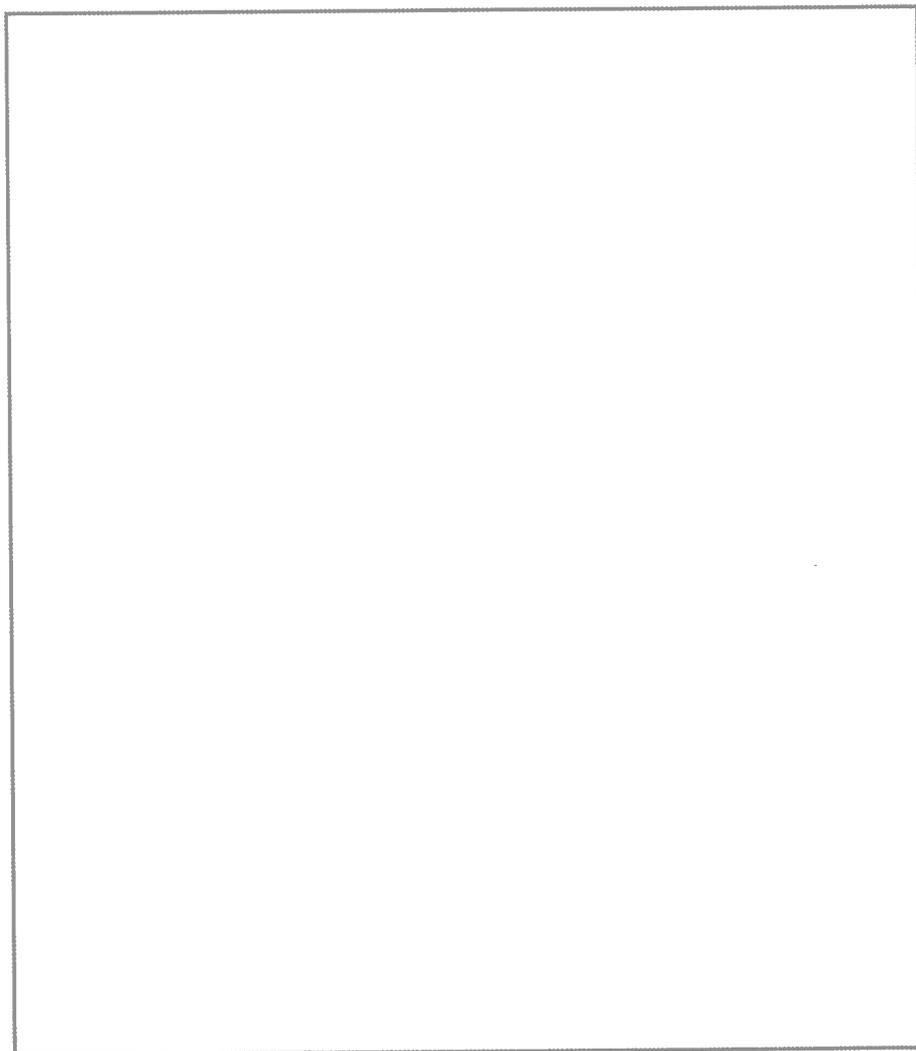
## **C - DISCUSSÃO SOBRE O TEMA DE ESTUDO**

1. Com a consciência plena de que nos reunimos em nome de Cristo para partilhar e compreender, propomos que dêem a volta por todos para que cada um, por sua vez, possa expor (sem ser interrompido!) o que desejar sobre a situação do casal humano no mundo de hoje. Neste momento, cada um pode colocar as suas questões pessoais, redigidas na preparação da reunião. Pode evocar, igualmente, as suas experiências de vida e alguns dos problemas com que se debate hoje.

2. Em seguida, a equipa fará uma escolha limitada das perguntas e dos problemas apresentados por cada membro da equipa. Estas questões e estes problemas serão aprofundados durante o mês e discutidos na próxima reunião.

### **Questões e problemas que serão discutidos na próxima reunião**

(Escrever aqui o que decidimos aprofundar durante o mês seguinte e partilhar na próxima reunião.)

A large empty rectangular box with a thin black border, intended for the user to write down the questions and problems to be discussed in the next meeting.

Prefácio n.º IV da Oração Eucarística para circunstâncias particulares:

## “JESUS, MODELO DE CARIDADE”

É verdadeiramente justo e bom render-Te glória  
oferecer-Te a nossa acção de graças,  
sempre e em toda a parte:  
a Ti, Deus fiel, Pai da misericórdia,  
porque nos deste o Teu Filho,  
Jesus Cristo,  
nosso Senhor e nosso irmão.

Ele manifestou o Seu amor  
pelos pobres e pelos pequeninos  
pelos doentes e pelos pecadores;  
Ele fez-Se o próximo  
dos oprimidos e dos aflitos.

A Sua palavra e os Seus actos anunciaram ao mundo  
que Tu és verdadeiramente um Pai  
e que zelas por todos os Teus filhos.

## Para a próxima reunião

### *“Reflectir para mudar e comprometer-se”*

- Ler os textos propostos no parágrafo **A** da **quarta reunião**.
- Preparar de maneira mais aprofundada as questões escolhidas na conclusão da primeira reunião que serão lembradas pelo casal animador.

O tempo de troca de ideias sobre o tema, na segunda reunião, será então consagrado a comunicar uns aos outros o fruto dessa reflexão aprofundada.

A preparação do tema pode ser uma oportunidade para um dever de se sentar sobre a nossa vida de casal e o nosso “*sim*” conjugal, a partir da proposta que nos é feita.

- O parágrafo **B** “*Para nos ajudar a reflectir durante o mês*”, da segunda reunião, permitir-nos-á caminhar individualmente e em casal entre as duas reuniões. Deverá levar a uma mudança nas nossas atitudes, a romper a rotina, em suma, a evoluir.

### PRÓXIMA REUNIÃO

No dia 20 / 12 / 2003

Em casa de CONFALCO

**“Reflectir para mudar e comprometer-se”**

## A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

Segundo a dinâmica própria deste tema, *numa segunda etapa*, objecto principal desta segunda reunião, vamos esforçar-nos por descobrir juntos, em equipa, **o que podemos mudar na nossa maneira de viver, de ser e de “parecer”** para que a vida comum do homem e da mulher possa reencontrar toda a sua riqueza, todo o seu valor, conforme a vontade do Criador.

A propósito da preparação da reunião propriamente dita, para evitar uma troca de ideias muito teórica e para favorecer uma reflexão lúcida e honesta sobre o casal humano de hoje, tínhamos proposto, na reunião anterior, seleccionar algumas questões e alguns problemas que nos falassem particularmente ao coração (ver o parágrafo C da terceira reunião). Preparemos esta reunião, tendo em conta o que acabámos de recordar. A riqueza da troca de ideias na reunião dependerá em grande parte da busca pessoal e em casal, assim como da partilha das nossas experiências de vida. Não tenhamos receio de mergulhar no Evangelho para aí encontrar passagens que possam esclarecer a nossa reflexão.

### 1. UMA BREVE LEMBRANÇA

Como casais cristãos, que vivem neste novo milénio, somos solicitados pelo mundo que nos cerca. Como podemos ler na colectânea “A sabedoria do Papa João Paulo II”: *Precisamos de ter cuidado com a alta tecnologia crescente e rápida do mundo em que vivemos actualmente.*

*A perspectiva de um progresso económico que cresce a cada dia e a possibilidade de se obter uma grande parte dos bens que a sociedade moderna pode oferecer, apresentar-se-ão como uma oportunidade de se usufruir de uma maior liberdade. Poderão também ser tentados a pensar que quanto mais possuírem mais se sentirão livres de todo o tipo de pressões. Para ganhar mais dinheiro e ter, através dele, mais vantagens,*

*para eliminar o esforço e a fadiga, poderão ser tentados a enveredar por atalhos em que a honestidade, a verdade e o trabalho são postos em causa. O progresso da ciência e da tecnologia parece inevitável e poderão ter a tentação de se voltarem para a sociedade tecnológica para aí encontrarem resposta a todos os problemas”.*

Galway, 30 de Setembro de 1979

A tecnologia fez coisas maravilhosas e criou para nós um sistema de oportunidades e de desafios na nossa vida de todos os dias. Vivemos numa época em que não podemos perder de vista o nosso verdadeiro objectivo. Temos de continuar a concentrar-nos no caminho para o Reino de Deus e não apenas no que o mundo tem para nos oferecer. Temos também que responder ao desafio de conduzir os outros pelo mesmo caminho: os nossos filhos, as nossas famílias, os nossos amigos e aqueles que encontramos todos os dias nos caminhos da vida. Somos chamados a curar e a perdoar enquanto vamos progredindo no nosso caminho, para que ninguém seja deixado para trás. Vimos de muitos países, falamos diferentes línguas, fazemos parte das Equipas de Nossa Senhora, Teams of Our Lady, Équipes Notre Dame ... mas todos nos esforçamos por chegar ao Reino de Deus. Somos chamados “a curar-nos” uns aos outros, enquanto caminhamos no dia a dia em direcção ao Reino de Deus. (1)

## **2. ALGUMAS REFERÊNCIAS QUE PODERÃO AJUDAR-NOS NA NOSSA REFLEXÃO**

### ***Evangelii nuntiandi* - Paulo VI**

**31.** Entre evangelização e promoção humana – desenvolvimento, libertação – existem de facto laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem que há-de ser evangelizado não é um ser abstracto, mas sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e económicos; laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da Criação do plano da Redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há-de ser combatida e da justiça a ser restaurada; laços daquela ordem eminentemente evangélica, que é a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem? Nós próprios tivemos o cuidado de salientar isto mesmo, ao recordar que é im-

(1) “*Chamados a curar*” – Ralph e Jacky Tygielsky, Supra-Regionais dos USA – Colégio de Houston 2001.

possível aceitar “que a obra da evangelização possa ou deva negligenciar os problemas extremamente graves, agitados sobremaneira hoje em dia, no que se refere à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo. Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o amor para com o próximo que sofre ou se encontra em necessidade”.

76. O mundo que, apesar dos inumeráveis sinais de rejeição de Deus, paradoxalmente, O procura, entretanto, por caminhos insuspeitados e que d’Ele sente bem dolorosamente a necessidade, reclama evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conheçam e lhes seja familiar como se eles vissem o invisível. O mundo reclama e espera de nós simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequeninos e os pobres, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia. Sem esta marca de santidade, dificilmente a nossa palavra fará a sua caminhada até atingir o coração do homem dos nossos tempos; ela corre o risco de permanecer vã e infecunda.

### ***Redemptoris Missio* - João Paulo II**

42. O testemunho evangélico, a que o mundo é mais sensível, é o da atenção às pessoas e o da caridade a favor dos pobres, dos mais pequenos e dos que sofrem. A gratuidade deste relacionamento e destas acções, em profundo contraste com o egoísmo presente no homem, faz nascer questões precisas que orientam para Deus e para o Evangelho. Também o compromisso com a paz, a justiça, os direitos do homem, a promoção humana, é um testemunho do Evangelho, caso seja um sinal de atenção às pessoas e esteja ordenado ao desenvolvimento integral do homem.

56. O diálogo não nasce de táticas ou de interesses, mas é uma actividade que apresenta motivações, exigências, dignidade própria: é exigido pelo profundo respeito por tudo o que o Espírito, que sopra onde quer, operou em cada homem. Por ele, a Igreja pretende descobrir as “*sementes do Verbo*”, os “*fulgores daquela verdade que ilumina todos os homens*” – sementes e fulgores que se abrigam nas pessoas e nas tradições religiosas da humanidade. O diálogo fundamenta-se sobre a esperança e a caridade e produzirá frutos, no Espírito. As outras religiões constituem um desafio positivo para a Igreja: estimulam-na efectivamente quer a descobrir e a reconhecer os sinais da presença de Cristo e da acção do Espírito, quer a aprofundar a própria identidade e a testemunhar a integridade da revelação, da qual é depositária para o bem de todos.

## A caridade – fonte e critério da missão

60. A Igreja em todo o mundo – disse-o durante a minha visita ao Brasil – quer ser a Igreja dos pobres. Ela deseja extrair toda a verdade contida nas Bem-aventuranças e, em particular, na primeira: *“Bem-aventurados os pobres em espírito ...”*. Ela quer ensinar e pôr em prática esta verdade como Jesus, que veio fazer e ensinar”.

As jovens Igrejas, que, na sua maioria, vivem no meio de povos sofrendo de uma enorme pobreza, referem muitas vezes esta preocupação como parte integrante da sua missão. A Conferência dos Bispos latino-americanos, em Puebla, depois de ter recordado o exemplo de Jesus, escreve que *“os pobres merecem uma atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem. Criados à imagem e semelhança de Deus, para serem Seus filhos, essa imagem está ofuscada e, até, ultrajada. Por isso, Deus toma a sua defesa e os ama. Daí resulta que os primeiros destinatários da missão são os pobres, sendo a sua evangelização, sinal e prova por excelência da missão de Jesus.”*

Fiel ao espírito das Bem-aventuranças, a Igreja é chamada à partilha com os pobres e oprimidos de qualquer género. Assim, exorto os discípulos de Cristo e as comunidades cristãs, desde as famílias às dioceses, das paróquias aos institutos religiosos, a fazerem uma sincera revisão da própria vida, na perspectiva da solidariedade com os pobres. Ao mesmo tempo, agradeço aos missionários que, com a sua presença amorosa e o seu serviço humilde, trabalham para o desenvolvimento integral da pessoa e da sociedade, levantando escolas, centros sanitários, leprosas, casas de assistência para diminuídos físicos e para idosos, iniciativas para a promoção da mulher e ainda outras. Agradeço aos sacerdotes, aos religiosos, às religiosas e aos leigos pela sua dedicação e encorajo os voluntários das organizações não-governamentais, hoje cada vez mais numerosos, que se dedicam a estas obras de caridade e de promoção humana.

De facto são estas obras que dão testemunho da alma de toda a actividade missionária, ou seja, **do amor, que é e permanece o verdadeiro motor da missão** e constitui também *“o único critério segundo o qual tudo deve ser feito ou deixado de fazer, mudado ou mantido. É o princípio que deve dirigir todos os nossos actos, e o fim para o qual eles devem tender. Agindo na perspectiva da caridade ou inspirados pela caridade, nada é impróprio, tudo é bom”*.

### 3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Esta passagem da Escritura será meditada por cada um durante o mês e poderá servir para a oração da reunião)

#### Parábola do bom samaritano

*Ele, porém, querendo-se justificar, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?”. Jesus respondeu: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou das suas chagas, derramando óleo e vinho. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispôs-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, pagar-to-ei no meu regresso’. Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Jesus, então, disse-lhe: “Vai, e faz o mesmo, tu também.”*

Lc 10, 29-37

## B - PARA NOS AJUDAR A REFLECTIR DURANTE O MÊS

### A CARIDADE FRATERNA CARTA APOSTÓLICA «NOVO MILLENNIO INEUNTE», DE JOÃO PAULO II - 2001

**49.** Partindo da comunhão dentro da Igreja, a **caridade abre-se, por sua natureza, ao serviço universal**, frutificando *no compromisso dum amor activo e concreto a cada ser humano*. Esta dimensão caracteriza de modo igualmente decisivo a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral. É de esperar que o século e o milénio que estão a começar vejam, de modo ainda mais eficaz, o grau de dedicação a que pode levar a caridade para com os mais pobres. Se verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-Lo sobretudo no rosto daqueles com quem Ele mesmo Se quis identificar: *“Porque tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e recolhestes-Me; estava nu e destes-Me de ves-*

*tir; adoeci e visitastes-Me; estive na prisão e fostes ter Comigo” (Mt 25, 35-36). Esta página não é um mero convite à caridade, mas uma página de cristologia que projecta um feixe de luz sobre o mistério de Cristo. Nesta página, não menos do que o faz com a vertente da ortodoxia, a Igreja mede a sua fidelidade de Esposa de Cristo.*

*É certo que ninguém pode ser excluído do nosso amor, uma vez que, “por sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-Se de certo modo a cada homem”; mas, segundo as palavras inequívocas do Evangelho que acabámos de referir, há na pessoa dos pobres uma especial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles. Através desta opção, testemunha-se o estilo do amor de Deus, a sua providência, a sua misericórdia e, de certo modo, continua-se a semear na história aqueles gérmes do Reino de Deus que foram visíveis na vida terrena de Jesus, ao acolher todos quantos a Ele recorriam nas suas necessidades espirituais e materiais.*

**50.** No nosso tempo, de facto, **são muitas as necessidades que interpelam a sensibilidade cristã.** O nosso mundo começa o novo milénio carregado com as contradições dum crescimento económico, cultural e tecnológico que oferece a poucos afortunados grandes possibilidades, e deixa milhões e milhões de pessoas não só à margem do progresso, mas a braços com condições de vida muito inferiores ao mínimo que é devido à dignidade humana. Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, quem esteja condenado ao analfabetismo, quem viva privado dos cuidados médicos mais elementares, quem não tenha uma casa onde abrigar-se?

E o cenário da pobreza poderá ampliar-se indefinidamente, se às antigas pobreza acrescentarmos as novas que, frequentemente, atingem mesmo os ambientes e categorias dotados de recursos económicos, mas sujeitos ao desespero da falta de sentido, à tentação da droga, à solidão na velhice ou na doença, à marginalização ou à discriminação social. **O cristão** que se debruça sobre este cenário **deve aprender a fazer o seu acto de fé em Cristo**, decifrando o apelo que Ele lança a partir deste mundo da pobreza. Trata-se de dar continuidade a uma tradição de caridade que teve inumeráveis manifestações nos dois milénios passados, mas que hoje requer, talvez, ainda maior capacidade inventiva. É hora duma nova “fantasia da caridade”, que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna.

Devemos procurar, por isso, que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “*em sua casa*”. Não seria este estilo a maior e mais eficaz apresentação da Boa Nova do Reino? Sem esta forma de evangelização, realizada através da caridade e do testemunho da pobreza cristã, o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de se afogar naquele mar de palavras que a actual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta. A caridade das *obras* garante uma força inquestionável à caridade das *palavras*.

Uma disposição para o perdão deve preceder a nossa aproximação àqueles que estão à beira do caminho.

### Um caminho para o perdão

***Reconhecer o mal e afirmar o sofrimento.*** Muitas vezes, é difícil admitir o mal, mas esse é o ponto de partida necessário.

***Tomar a decisão de perdoar.*** Este é um acto da vontade e pode ser contrário aos sentimentos que procedem do mal. À partida, talvez não saibam como perdoar, mas sabem que querem perdoar.

***Lembrem-se de que o perdão é um processo.*** A dor, tanto física como psicológica, demora tempo a passar. Sejam pacientes convosco próprios.

***O perdão implica uma “pequena morte” para nós próprios.*** Não é fácil, nem agradável.

***Pensem naqueles que nos deram o exemplo do perdão.*** São capazes de identificar qual a fonte que lhes deu coragem para perdoar?

***Perdoem-se a si próprios.*** Modifiquem os vossos comportamentos ofensivos. Tentem ver a parte boa que existe em vós, ainda que não estejam de acordo com o vosso próprio comportamento.

*Visualizem os aspectos positivos da pessoa que vos ofendeu. Tentem compreender a causa do comportamento do outro. Tentem sentir pena ou compaixão dele.*

*Procure cada um recordar um período da sua vida em que foi perdoado e a gratidão que sentiu nessa ocasião. Lembre-se de como foi reconfortante saber que alguém acreditava em si e o amava o suficiente para lhe perdoar.*

*Considere as consequências da falta de perdão. Pense nos efeitos espirituais, fisiológicos e afectivos que isso lhe trará a curto ou a longo prazo.*

*Peça a ajuda de Deus para que Ele lhe dê a coragem de perdoar. Não espere poder esquecer sistematicamente, mas seja paciente consigo próprio e espere a ajuda de Deus.*

*Celebre a graça que tomou conta de si e lhe trouxe este momento pleno de Cristo. Muitas vezes, esquecemo-nos de celebrar os grandes momentos.*

(Ralph e Jackie USA)

### **Proposta para um dever de se sentar**

- A atenção que dispensamos aos outros passa por um caminho de humildade e de reconhecimento das nossas fraquezas, no qual o perdão e a reconciliação são os momentos fortes.

Quais foram, nas nossas vidas, os grandes momentos de perdão e de reconciliação? De que maneira vivemos esses momentos? Hoje, podemos dizer que eles nos fizeram caminhar em direcção aos outros? Como?

### **Sugestões para escolher uma regra de vida**

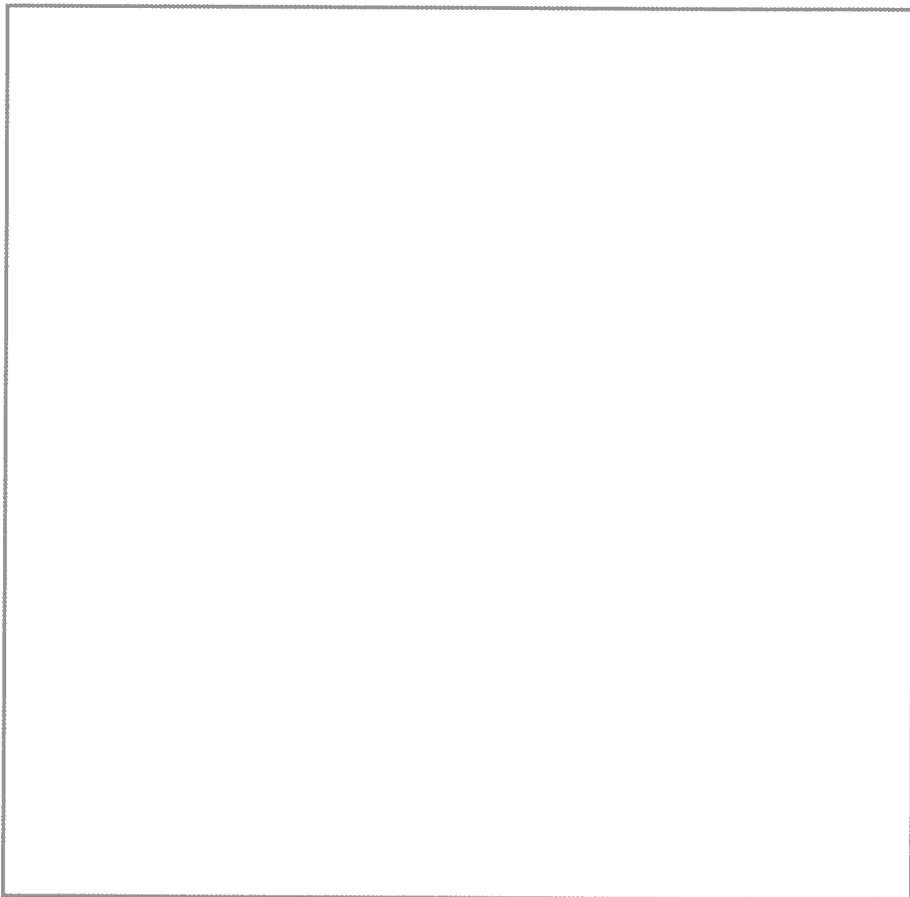
- Podemos escolher, como regra de vida, perdoar a alguém ou procurar ser perdoado, trabalhando corajosamente para que isso possa realizar-se durante este mês.

A nossa atitude em relação aos outros, naturalmente, vai mudar ...

Na primeira etapa (3.<sup>a</sup> reunião) da nossa reflexão sobre o casal de hoje, tínhamos decidido aprofundar certas questões a fim de ver melhor, ouvir melhor e partilhar melhor, com os outros membros da equipa, a nossa situação de homem e de mulher na realidade da vida, da nossa própria vida.

No acolhimento e no respeito das nossas diferenças, dos nossos problemas e das nossas riquezas, somos convidados a oferecer aos outros membros da equipa o fruto da nossa pesquisa. Estejamos atentos para sermos verdadeiros, abertos, responsáveis e disponíveis.

### Notas



## SEGUIR CRISTO NO AMOR AO PRÓXIMO

Senhor Jesus Cristo, foste Tu que me mostraste o caminho de uma fé real que marca a minha vida. É o caminho do amor ao próximo, no dia a dia, um amor de uma generosidade activa. Nesse caminho, eu encontro-Te; às vezes, reconheço-Te, outras vezes não. Conduz-me nesse caminho, Tu que és Luz da Vida. Faz com que eu avance pacientemente, cada vez mais adiante, nesse caminho sempre novo. Dá-me a força, que eu não conseguiria encontrar sozinho, de me aproximar das pessoas e de me doar por inteiro naquilo que dou. Então Tu, na pessoa do meu próximo, virás ao meu encontro, numa inconcebível união com aqueles que recebem o meu amor: Tu és Aquele que pode tomar sobre os ombros toda a vida dos homens e permaneces, ao mesmo tempo, Aquele em que essa vida, entregue a Deus, será para sempre uma vida de amor aos homens.

A minha fé em Ti vai caminhando, e eu afirmo, como o homem do Evangelho: Eu creio, Senhor, mas aumenta minha fé. Conduz-me no Teu caminho, Tu que és o caminho para o próximo, para o irmão desconhecido que eu procuro, e nisso Tu és Deus, agora e para sempre. Ámen.

*Karl Rahner*

### PRÓXIMA REUNIÃO

No dia 23 / 01 / 20 04

Em casa de Rangarida e Carlos Frazão

“Tomar consciência da realidade”

## A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

### 1. ALGUMAS PISTAS PARA NOS APOIARMOS NA REALIDADE DE HOJE

#### ESPERANÇA E ESPERANÇA CRISTÃ

Antes de abordar este assunto é, sem dúvida, importante debruçarmo-nos um momento sobre a palavra “*esperança*” para perceber a diferença entre a esperança e a esperança cristã.

Quando pomos a nossa esperança em algo, isto implica que não temos a certeza que aconteça ou não (ex.: a esperança de que não tardará a chover após um período de seca, a esperança de que o comboio não esteja demasiado atrasado, a esperança de que o bebé nasça sem problemas de saúde). A esperança aproxima-se da audácia e do risco.

Em contrapartida, quando temos esperança cristã de alguma coisa, sabemos o que esperamos (ex.: esperar uma cura, esperar uma criança). A esperança é, antes de tudo, a confiança.

#### A Esperança cristã

Mas o que é essa Esperança Cristã que nos deve animar e da qual somos chamados a dar conta na sequência das palavras de São Pedro: “... *antes, santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede.*” (1 Pd 3, 15).

Não se pode falar da esperança cristã sem a ligar à fé e à caridade. As três são chamadas “*virtudes teologais*” porque vêm de Deus e conduzem-nos a Deus. Estão estreitamente unidas na vida do cristão. A esperança não é puro angelismo, é confiante e está ancorada numa certeza.

É UNA: “*Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados.*” (Ef 4, 4).

É uma porque há um só Deus, um só Jesus Cristo e uma só promessa: o reino de Deus.

É ela que nos dá a coragem de suportar as provações e as dificuldades, a exemplo de Paulo: “*Fortalecidos por tal esperança, temos plena confiança.*” (2 Cor 3, 12).

A esperança é a garantia da realização das promessas de Deus recebidas pela fé, é orientada para o futuro, quer dizer, para a felicidade na Vida Eterna.

Assim a esperança enraíza-se, graças à fé, no mais concreto da nossa existência. Se a nossa esperança tem a cabeça no céu, tem os pés bem assentes na terra.

### **A esperança cristã no centro das nossas vidas**

A esperança preenche:

- a nossa vida pessoal de homem ou de mulher: pela realização dos nossos desejos mais profundos;
- a nossa vida conjugal: pela procura de projectos comuns, pelo acordo ou pela discussão, pela comunicação ou pelo silêncio, pela vida sexual em plena realização ou em dificuldade;
- a nossa vida familiar: pela alegria de ter filhos ou pelo sofrimento de não os ter, pelos seus sucessos ou pelos seus insucessos, pela sua adesão à fé ou não;
- a nossa vida profissional: pelo trabalho ou pelo desemprego, pelo trabalho de que se gosta ou que se suporta, pelo pagamento justo ou insuficiente;
- a nossa vida social: pelos nossos compromissos, raros ou numerosos, individuais ou em casal, na Igreja ou na sociedade ...

Ao longo de toda a nossa vida de casal, conhecemos altos e baixos, avanços e recuos e a nossa esperança evoluiu. Há uma mistura entre as nossas esperanças humanas e a nossa esperança cristã, porque sabemos que Deus é fiel e que Cristo caminha ao nosso lado desde o nosso baptismo e connosco, como casal, desde o nosso casamento.

Monsenhor Fleischmann (1), por ocasião da beatificação de Luigi e de Maria Beltrame Quatrocchi, faz votos para “*Que o exemplo des-*

(1) Conselheiro Espiritual da Equipa Responsável Internacional.

*te casal nos incentive na esperança, mesmo durante as travessias mais árduas. Que seja dada aos cônjuges batizados e confirmados a oportunidade de desenvolver os dons do batismo e da confirmação, postos conjuntamente no sacramento da Aliança, para a acção de graças, para a esperança, para fazer brilhar no seio da comunidade humana o esplendor e a fidelidade de Deus manifestados em Jesus Cristo!”.*

## **A esperança cristã no meio do mundo**

Podemos constatar, igualmente, que à escala da nossa sociedade e do mundo nascem grandes esperanças:

- A aspiração à unidade, o desejo de paz entre os povos e entre as religiões, a solidariedade com os países mais pobres, o compromisso de grandes testemunhos bem conhecidos (Madre Teresa, João Vanier ...) ou desconhecidos ...
- À escala da Igreja também: o desenvolvimento de novas comunidades, o nascimento de jovens Igrejas, o compromisso e o voluntariado em numerosas associações (ENS, por exemplo! ...) o desejo de formação dos leigos, a reapropriação da Palavra de Deus pela Liturgia das Horas, o Movimento chamado Jornada Mundial da Juventude (JMJ) ... e mesmo a beatificação do primeiro casal por João Paulo II ...

Mas a nossa esperança cristã não seria realista se, após ter tomado consciência de todas as esperanças que animam os homens, não tivesse em conta os obstáculos que têm de enfrentar: o mal, o sofrimento, o medo, a depressão, o pessimismo, a instabilidade, a angústia, o stress, a falta de pontos de referência, a insegurança, a guerra, o terrorismo, a doença, a crise da família ... Seria longa a lista!

E, ainda, nas Igrejas ocidentais, a crise de vocações.

Desta constatação pode nascer o desespero, mas a esperança cristã deverá superá-lo porque quem dá a resposta é Cristo. Ele conheceu até ao mais íntimo a nossa condição humana, excepto o pecado; a esta humilde matéria da vida humana deu um sentido novo. Encheu de esperança os mais pequenos actos das nossas vidas quando são feitos com Ele, n'Ele e por Ele.

É este novo sentido dado àquilo que nos parece humanamente incompreensível, como o sofrimento e a morte, que faz do cristão um ser tranquilo, forte e até alegre, quaisquer que sejam as circunstâncias. Com efeito, perante os obstáculos, e perante as causas humanas

do desespero, o motivo de esperança é a união com Cristo presente no mais sombrio da provação: a Cruz. Este deveria ser o sinal pelo qual o cristão seria reconhecido.

### **A esperança cristã, dom de Deus ao serviço do reino**

*“Se a Esperança fosse o fruto dos nossos raciocínios, das nossas impressões ou da nossa experiência, não resistiria muito tempo às nossas dúvidas. Mas a Esperança é dom de Deus. Na noite mais negra, podemos repetir sem cessar: **Senhor, Tu és a nossa Esperança.** Pouco importam as palavras, pouco importa que nos dirijamos directamente a Deus ou que o façamos por intermédio de Maria, rezando o nosso terço; o que conta é este grito dirigido Àquele que é a Ressurreição e a Vida, este grito que diz ao mesmo tempo a nossa pobreza e a nossa confiança.”* (2)

Consequentemente, fortalecido com esta esperança, qualquer cristão tem o dever positivo de irradiar a sua fé; tem o dever também premente de ser um fornecedor de esperança sobrenatural. O mundo dos desalentados é imenso. Temos a graça de possuir boas razões para viver.

Basicamente, o cristão é o único a ter esperança no homem, com seriedade e com realismo, porque espera em Deus.

A esperança marca o sentido da história. Para além das lutas e mesmo dos reveses, a esperança assegura-nos até ao fim a vitória do Reino de Deus.

## **2. INTERROGAR-SE PARA DISCERNIR**

São-nos propostas algumas perguntas para orientar a nossa reflexão. Para não nos dispersarmos demasiado, escolhamos as que são para nós mais actuais e mais importantes.

Formulemos, seguidamente, as perguntas pessoais que se põem hoje à nossa própria consciência e que nos interpelam mais na nossa vida de casal, de família, social e profissional.

- Quais são os sinais da acção de Deus nas nossas vidas?
- Em que é que eles são estímulos da nossa esperança?

(2) Cristina PONSARD, jornalista francesa.

- Que esperanças temos relativamente ao nosso mundo e aos homens nossos irmãos, próximos ou afastados?
- Que fazemos, concretamente, na medida das nossas possibilidades, para que estas esperanças se realizem?
- As nossas conversas com as pessoas que encontramos são pessimistas ou repassadas de esperança?
- Que repercussões têm, em nós, os grandes acontecimentos mundiais? Pensemos num caso recente. Como é que reagimos?
- Como discutimos os acontecimentos trágicos com aqueles que vivem à nossa volta? Tentamos introduzir com delicadeza a luz da esperança?
- Como utilizamos em nossa casa, a televisão, espelho do nosso mundo?
- Como é que nós, casais cristãos, unidos pelo sacramento do Matrimónio, damos aos outros a razão da esperança que habita em nós e que nos faz viver, conforme o convite da 1.ª carta de S. Pedro, em 3, 13-17?

#### As nossas perguntas pessoais

- esperança humana e cristã (confiança)
- razões para tua esperança

### 3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Este texto deve ser escolhido para a oração da reunião)

*“Pois a Criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De facto a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu – na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus [...]”*

*Pois a nossa salvação é objecto de esperança; e ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos.*

Rm 8, 19-21 e 24-25

### 4. O QUE DIZ A IGREJA?

#### A propósito da definição dos leigos e da sua missão

*“Por leigos entendem-se aqui todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo Baptismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo.*

*É própria e peculiar dos leigos a característica secular. Com efeito, os membros da sagrada Ordem, ainda que algumas vezes possam tratar de assuntos seculares, exercendo mesmo uma profissão profana, contudo, em razão da sua vocação específica, destinam-se sobretudo e expressamente ao sagrado ministério; enquanto que os religiosos, no seu estado, dão magnífico e privilegiado testemunho de que não é possível transfigurar o mundo e oferecê-lo a Deus sem o espírito das Bem-Aventuranças. Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as, segundo Deus. Vivem no mundo, isto é, em toda e qualquer ocupação e actividade terrenas, e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais é como que tecida a sua existência. São chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade. Portanto, a eles compete, especialmente, iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais, a que estão estreitamente ligados, que elas sejam sempre feitas segundo Cristo e progridam e glorifiquem o Criador e Redentor.”*

Concílio Vaticano II, Constituição dogmática sobre a Igreja – *Lumen Gentium* § 31

## A propósito da dimensão ética e social do testemunho cristão

*É conhecido o esforço que o Magistério eclesial tem realizado, sobretudo no século XX, para ler a realidade social à luz do Evangelho e oferecer de forma cada vez mais concreta e orgânica o seu contributo para a solução da questão social, hoje alargada à escala planetária.*

*Esta vertente ético-social é uma dimensão imprescindível do testemunho cristão: há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação e, em última análise, com a própria tensão escatológica do cristianismo. Se esta tensão nos torna conscientes do carácter relativo da história, não o faz para nos desinteressarmos do dever de a construir. A tal respeito, continua sempre actual o ensinamento do Concílio Vaticano II: “A mensagem cristã não afasta os homens da tarefa de construir o mundo, nem os leva a desatender o bem dos seus semelhantes, mas, antes, os obriga ainda mais a realizar essas actividades”.*

João Paulo II – *Novo millennio ineunte* § 52

## B - PARA NOS AJUDAR A REFLECTIR DURANTE O MÊS

### Levados pela Esperança <sup>(3)</sup>

O cardeal Danneels convida-nos a reflectir sobre o lugar da esperança na vida e no amor do casal cristão, como dom de Deus sobre o caminho do crescimento e da construção duradoura:

No casal, é necessário também “**esperar**”. O que é “*a esperança*” senão o desafio do tempo e da perenidade? Ao casar-se, os cônjuges ficam na esperança de que o compromisso assumido nunca mais será quebrado. A partir de uma simples promessa – tão frágil! – eles esperam piamente que nada virá quebrar este pacto senão a morte. Mas quantos imprevistos podem surgir durante uma vida, ou antes durante duas, numa época que conhece mutações e mudanças vertiginosas? Como pode ser terrível esta pergunta: “*Em dez anos, continuarás a ser o mesmo para mim?*” E o teu amor continuará sempre também jovem e criativo? “Em todo o caso, será necessário “**esperar**” que o

<sup>(3)</sup> Cardeal Godfried Danneels: Deus é maior que o nosso coração “Palavras de vida, Natal 1983”.

amor seja mais forte que o desgaste do tempo e que permaneça vivo “*na alegria e na tristeza*”. Precisamos de ter muita coragem: ela é indispensável.

Mas quanto mais sólida se torna esta “*esperança*” quando não se apoia apenas no esforço de uma vontade humana, mas sobretudo na promessa de Deus, na bênção do casal no sacramento do matrimônio! Deus está acima do tempo e da história. Os céus e a terra perecerão. Ele viverá por toda a eternidade.

Diz a Escritura: “*A esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.*” (Rm 5, 5).

Quais são as consequências desta metamorfose do amor conjugal para a vida do casal? Qualquer amor humano tem o seu ponto de partida nas qualidades do bem amado. Assim o homem diz à sua mulher: “*Amo-te porque és bela, carinhosa, inteligente ...*”. O amor humano está por conseguinte à medida das qualidades do outro. Gosta-se do cônjuge porque é amável e na medida da sua amabilidade. Mas quem consegue ser perfeitamente amável e sempre digno de ser amado? De facto, o amor baseado unicamente nas qualidades do outro é um amor frágil.

O amor de Deus é diferente. Deus não olha às nossas qualidades para decidir amar-nos. Se Ele tivesse de esperar pelo dia em que nós fôssemos realmente amáveis, dignos do seu Amor, jamais nos amaria. “*Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele quem nos amou e enviou-nos o Seu filho como vítima de expiação pelos nossos pecados*” (1 Jo 4, 10). Deus aceita-nos como somos – com as nossas qualidades e os nossos defeitos – com a nossa boa vontade, e até com os nossos pecados. Deus não olha às nossas qualidades: cria-as. Porque o Amor de Deus é um amor despojado de qualquer egocentrismo, de qualquer concentração sobre si mesmo; é apenas dom gratuito de Si próprio: um amor oblativo, um amor que se oferece. Só Deus possui este Amor. O coração humano é incapaz de gostar do outro sem pensar em si mesmo. Mas Deus é maior que o nosso coração.

***No baptismo, Deus comunicou-nos a sua vida e o seu amor, como uma fonte secreta que murmura em nós. É dessa nascente que brotam à superfície as três fontes da vida divina: a Fé, a Esperança e o Amor.***

## Proposta para um dever de se sentar

- Quais são os obstáculos à esperança que cada um de nós encontra na sua vida?
- Quais os obstáculos específicos que encontramos na nossa vida de casal provenientes do temperamento, do carácter, das tendências ou dos acontecimentos? Tomamos consciência deles para nos entreeajudarmos a superá-los juntos?
- Como temos aproveitado as oportunidades de dar conta da nossa esperança perante o mistério da morte, diante do nosso cônjuge, dos nossos filhos, da nossa família e dos nossos amigos?
- Como temos experimentado “*a segurança*” de que fala S. Paulo, consequência da esperança cristã?

## Sugestões para escolher uma regra de vida

- Encontrar ocasiões concretas de manifestar a esperança que anima a nossa vida de casal.

## C - DISCUSSÃO SOBRE O TEMA DE ESTUDO

1. Continuando bem conscientes de que nos reunimos em nome de Cristo para partilhar e compreender, propomos que cada um, por sua vez, tome a palavra para expor (sem ser interrompido!) o que pretende dizer sobre a sua concepção da Esperança e a forma como a vive hoje. Neste momento, cada um pode apresentar as suas perguntas pessoais feitas aquando da preparação da reunião. Pode evocar igualmente as suas experiências de vida e alguns dos problemas que tem de enfrentar hoje.

2. Seguidamente a equipa efectua uma escolha limitada das perguntas e dos problemas evocados por cada membro da equipa. Estas perguntas serão aprofundadas durante o mês seguinte e discutidas na próxima reunião.

## Perguntas e problemas que serão discutidos na próxima reunião

(Escrever aqui o que decidimos aprofundar durante o mês que vem e que partilharemos na próxima reunião)

## D - ORAÇÃO PARA O FIM DA REUNIÃO

### **MARIA, NOSSA ESPERANÇA**

Sois, Maria, a nossa esperança  
Porque conhecestes todos os sofrimentos da nossa humanidade,  
Conhecestes a angústia da pobreza em Belém,  
as ameaças da perseguição  
e da fuga para o Egito,  
A aflição da peregrinação a Jerusalém,  
A angústia da noite da Quinta-feira Santa  
Os tormentos do calvário,  
A solidão ao pé da cruz.

Sois a nossa esperança  
Porque, em todas as circunstâncias, correspondestes plenamente  
à vontade do Senhor;  
Cheia de graça, o pecado não foi para vós o travão potente  
que quebra o nosso entusiasmo,

Quando procuramos responder à chamada de Deus.  
Sois a nossa esperança,  
Porque foi o próprio Jesus, na cruz,  
Quem nos confiou a vós,  
Porque sois verdadeiramente a nossa mãe.  
Tendes a preocupação com todos os vossos filhos como tivestes preocupação com Jesus menino.  
Contamos convosco como um filho conta com a sua mãe.

Conduzi-nos a Jesus, vosso Filho;  
ajudai-nos a segui-Lo até ao fim  
para que a nossa esperança não seja iludida.

Oração de Esperança (Th Suavet)

### Para a próxima reunião

#### *“Reflectir para mudar e comprometer-se”*

- Ler os textos propostos no parágrafo **A** da **sexta reunião**.
- Preparar de maneira mais profunda (estudo do tema) as perguntas seleccionadas na conclusão da primeira reunião que o casal animador terá o cuidado de recordar.

O tempo de partilha sobre o tema, aquando da segunda reunião, será assim consagrado a comunicar uns aos outros o fruto desta reflexão aprofundada.

A preparação do tema pode ser a ocasião de um dever de sentar temático sobre o nosso casal e o nosso “*sim*” conjugal.

- O parágrafo **B** “*Para nos ajudar a reflectir durante o mês*”, da segunda reunião, pode ajudar-nos a progredir individualmente ou em casal entre as duas reuniões. Permitir-nos-á “*alterar*” os nossos hábitos, quebrar as rotinas, numa palavra, “*evoluir*”.

### PRÓXIMA REUNIÃO

No dia 28 / 2 / 2004

Em casa de Ana e Francis Santos



26/3 → Ave e Induções

“Reflectir para mudar e comprometer-se”

## A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

### 1. UMA BREVE LEMBRANÇA

Após termos reflectido sobre a esperança nas nossas vidas e no mundo, vejamos qual é a vivência desta esperança nos nossos lares, com a certeza de que Cristo está em nós.

Cristo, com efeito, restabeleceu o casamento em toda a sua força original e divina: “*O que Deus uniu, que o homem não separe jamais.*” A esperança puramente humana de um amor fiel até à morte eleva-se ao nível da esperança de um amor eterno.

O “*para sempre*” do compromisso do matrimónio ultrapassa o tempo, para se inscrever na eternidade onde Cristo está presente e actuante.

O Padre Caffarel dizia: “*O sacramento do matrimónio é a aliança de Cristo com o casal*”.

O sacramento do matrimónio é fonte de esperança porque Cristo está com os cônjuges para construir o seu lar; Ele é o garante da sua fidelidade: “*O que é impossível aos homens é possível a Deus*”.

Muitos pessoas, hoje, e nomeadamente os jovens, já não ousam acreditar no amor conjugal, na felicidade no casamento, na fidelidade. Têm necessidade mais que nunca de casais que lhes digam, através da sua vida e da sua palavra que, com Deus, o amor humano é possível e os pode tornar profundamente felizes. É preciso “*testemunhar a esperança que está em nós*”.

Uma história de amor começou um dia entre um homem e uma mulher. Foi consagrada por Cristo no sacramento do matrimónio. Numa luta constante contra o egoísmo, ela desenrola-se ao longo de toda a vida conjugal. Esta história de amor conjugal só estará completa para além da morte.

Só depois da morte é que o amor conjugal atinge a perfeição, de maneira misteriosa. Não temos capacidade para imaginar este futuro. Mas a esperança cristã faz-nos esperar firmemente essa perfeição.

A nossa esperança deve alargar os horizontes. Toda a humanidade está comprometida nesta aventura. Esta humanidade da qual somos apenas uma ínfima parte, mas uma parte insubstituível, Deus quer salvá-la toda inteira pela morte e ressurreição do Seu Filho.

Tal deve ser a amplitude e a força da nossa esperança que se junta assim à da Igreja: “Um dia, Deus será tudo em todos”; todos os homens que reconhecem o Pai viverão como irmãos. É desta enorme esperança que temos de dar testemunho.

Trata-se de humanizar o mundo para que Deus o possa divinizar.

## 2. ALGUMAS REFERÊNCIAS QUE PODERÃO AJUDAR-NOS NA NOSSA REFLEXÃO

Para os cristãos, a esperança não é uma consolação nem uma fuga do mundo. Exige ser praticada e alimentada. O texto que se segue convida-nos a aprofundar concretamente este aspecto:

Conferência episcopal alemã. Catecismo para adultos: (1)

A nossa vida, que se realiza na fé e no amor, está cheia de esperança cristã. Quando os cristãos falam da esperança, querem referir-se a esta atitude fundamental que os leva a ter a confiança e a certeza de que Deus cumpriu as Suas promessas em Jesus Cristo: salvação para todos os homens, para a Igreja, para a humanidade inteira e para toda a Criação, na glória dos novos céus e da nova terra. Este é o conteúdo da esperança cristã. É dela que devemos dar testemunho, através de todas as nossas pequenas esperanças, incluindo as decepções e os sofrimentos. Porque Jesus venceu a morte pelo Seu sofrimento na cruz e pela Sua Ressurreição, a esperança não é vã neste mundo onde muitas cruces foram e continuam a ser erguidas.

A esperança cristã articula-se na aspiração original do homem à felicidade. O homem traz nele uma aspiração que não pode ser preenchida totalmente pelos bens deste mundo. Por detrás de todas as esperanças da vida, existe a grande esperança de uma realização para sempre, num aperfeiçoamento final e definitivo, na salvação (Cf. Rm 8, 24).

A esperança cristã é diferente do optimismo e da confiança no progresso. Nela temos Deus como referência da nossa vida, porque temos a certeza confiante de encontrar n’Ele a realização definitiva. Para os cristãos, a esperança não é uma consolação nem uma fuga do mundo. Para eles, a vida neste mundo fugaz é um caminho para a vida eterna.

(1) Primeira parte, III, 1.2 – ed. francesa, p. 51-55.

A esperança é para eles a razão que os leva a comprometer-se no mundo, porque este mundo é chamado a realizar-se em Deus. O pedido do Pai Nosso "*Venha a nós o Vosso reino*" tem por finalidade que a vontade de Deus manifeste os seus efeitos no mundo e comande a vida dos homens. Porque o reino de Deus deve já ir tomando forma aqui e agora, embora só encontre a sua realização plena na eternidade.

A esperança cristã não deve ser confundida com utopia intramundana que promete uma felicidade inscrita nos limites deste mundo e que é necessário esforçar-se por atingir pela força humana e pelos meios deste mundo. As utopias que prometem paraísos terrestres levam ao desespero e ao fatalismo, porque aquilo de que desmedidamente estamos à espera não se realiza [...]

A salvação que podemos esperar não é o resultado do esforço humano, mas um dom da graça de Deus. A salvação consiste no facto de Deus conceder ao homem que participe na Sua vida divina e que encontre a sua realização nesta comunhão. O facto de a salvação nos ser concedida como um dom, não tem como consequência que devamos ficar inactivos. Pelo contrário, a esperança cristã incita-nos a dar forma à nossa existência, levantando os olhos para a realidade esperada da nossa vida.

A esperança cristã tem por conseguinte efeitos nas atitudes e no comportamento dos homens. Ela dá alegria e confiança: "*Mas os que põem a sua esperança no Senhor renovam as suas forças, abrem asas como as águias, correm e não se fatigam, caminham e não se cansam.*" [Is 40, 31].

A esperança preserva-nos da resignação. Dá coragem mesmo em situações que, vistas de fora, parecem sem remédio. O cristão é capaz de superar o malogro de muitas esperanças. Está convencido de que o sentido da vida não depende do sucesso desta ou daquela acção, mas da orientação da sua existência plena para a vida eterna. Deste modo ele pode mesmo esperar "*contra toda a esperança*" (Rm 4, 18). Por isso é que a esperança de um futuro e de uma salvação tem um significado também para o presente.

A esperança exige ser praticada e alimentada. Fazemo-lo, comemorando as grandes obras de Deus. Esta comemoração deve tornar-se em acção de graças. Alimentamos a esperança dando graças a Deus por tudo o que Ele fez de bom. Desta acção de graças nascem a confiança e a segurança.

O temor do futuro encontra-se numa certa tensão com a esperança. Às vezes surge no homem a angústia perante o futuro e perante a

novidade que ele representa. Não há apenas segurança feliz, existe igualmente a preocupação receosa e a angústia frente ao inesperado. A esperança cristã não livra destes temores, mas dá força para os enfrentar e para os suportar se se estiver em união com o Senhor que, também Ele, sofreu a angústia da morte (Cf. Mt 26, 37).

A esperança é uma espera confiante unida à paciência. A falta de confiança e de segurança pode fazer nascer a impaciência e mesmo o desespero. Na tentação do desespero, Deus, na sua fidelidade, dá-nos razões para manter a confiança: *“Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças”* (1 Co 10, 13).

Como virtude teologal, a esperança realiza-se de maneira particularmente impressionante na oração. O próprio Jesus ensinou-nos a oração clássica da esperança, o Pai Nosso, que orienta o nosso pensamento e a nossa acção para a vinda do Seu Reino. Quando Lhe rezamos por meio do Espírito Santo, produz-se simultaneamente, pela nossa confiança em Deus e na Sua promessa, uma purificação das nossas expectativas para o futuro, dos nossos desejos, das nossas esperanças e dos nossos temores.

### 3. DESCOBRIR A PALAVRA

(Este texto deve ser escolhido para a oração da reunião)

*“Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que, em sua grande misericórdia, nos gerou de novo, pela Ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma esperança viva, para uma herança incorruptível, imaculada, reservada nos céus para vós os que, mediante a fé, fostes guardados pelo poder de Deus para a salvação prestes a revelar-se no tempo do fim. Nisso deveis alegrar-vos, ainda que agora, se necessário, sejais contristados por um pouco de tempo, em virtude de várias provações, a fim de que a autenticidade comprovada da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, cuja genuinidade é provada pelo fogo, alcance louvor, glória e honra, por ocasião da Revelação de Jesus Cristo. A Ele, embora não O tenhais visto, amais; n’Ele, apesar de O não terdes visto, mas crendo, vos rejubilais com uma alegria inefável e gloriosa, pois que alcançais o fim da vossa fé, a saber, a salvação das vossas almas.”*

• Perante a falta de esperança da nossa época, somos chamados a propor a boa nova da salvação na alegria:

### **Paulo VI – Evangelii Nuntiandi, 80**

*De tais obstáculos, que são também dos nossos tempos, limitar-nos-emos a assinalar a falta de fervor, tanto mais grave por isso mesmo que provém de dentro, do interior de quem a experimenta. Essa falta de fervor manifesta-se no cansaço e na desilusão, no acomodamento e no desinteresse e, sobretudo, na falta de alegria e de esperança em numerosos evangelizadores. E assim, nós exortamos todos aqueles que, por qualquer título e em alguma escala, têm a tarefa de evangelizar, a alimentarem sempre o seu fervor espiritual [...]*

*É claro que seria certamente um erro impor qualquer coisa à consciência dos nossos irmãos. Mas propor a essa consciência a verdade evangélica e a salvação em Jesus Cristo, com absoluta clareza e com todo o respeito pelas opções livres que essa consciência fará — e isso, sem pressões coercitivas, sem persuasões desonestas e sem aliciá-la com estímulos menos rectos — longe de ser um atentado à liberdade religiosa, é uma homenagem a essa liberdade, à qual é proporcionado o escolher uma via que mesmo os não-crentes reputam nobre e exaltante.*

*Será então um crime contra a liberdade de outrem o proclamar com alegria uma Boa Nova que se recebeu primeiro, pela misericórdia do Senhor? Ou porquê, então, só a mentira e o erro, a degradação e a pornografia, teriam o direito de ser propostos e com insistência, infelizmente, pela propaganda destrutiva dos «mass media», pela tolerância das legislações e pelo acanhamento dos bons e pelo atrevimento dos maus? Esta maneira respeitosa de propor Cristo e o seu Reino, mais do que um direito, é um dever do evangelizador. E é também um direito dos homens seus irmãos o receberem d'Ele o anúncio da Boa Nova da salvação. Esta salvação, Deus pode realizá-la em quem Ele quer por vias extraordinárias que somente Ele conhece. [...]*

*Que isto constitua, ainda, a grande alegria das nossas vidas consagradas. E que o mundo do nosso tempo que a procura, ora com angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e desencorajados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois*

*foram os que receberam primeiro em si a alegria de Cristo, e aceitaram arriscar a sua própria vida para que o Reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo.*

· A esperança cristã resolutamente orientada na vida concreta na perspectiva da eternidade:

Após a recitação do Pai Nosso, dizemos: *“Fortalece-nos nas provações desta vida em que esperamos a felicidade que Tu prometes e a vinda de Jesus Cristo, nosso Salvador.”*

Ouçamos agora D. Hélder da Câmara:

*A posição do cristão perante a esperança é complexa e válida.*

*Nós não renunciemos às esperanças terrestres, com os olhos voltados exclusivamente para a esperança eterna, mas também não mergulhamos no efêmero, esquecendo a eternidade. Não perdemos de vista que o Criador confiou ao homem o direito e o dever de dominar a natureza e de completar a Criação, mas também não esquecemos que somos apenas co-criadores e que as nossas esperanças mergulham as suas raízes na magnanimidade e na grande bondade do Pai que nos quis à Sua imagem e semelhança e que nos faz participar da Sua própria natureza divina.*

*A nossa esperança não é ingénua e não teme enfrentar obstáculos. Tem a coragem de os olhar de frente, trabalha para os superar contando com a sua própria força sem esquecer, contudo, que o Filho de Deus Se fez homem e já começou o trabalho de libertação do homem que nos compete levar a efeito, com a ajuda divina.*

*Seria uma audácia excessiva, seria um sonho irrealizável, seria uma esperança vã pensar “a esperança cristã numa comunidade mundial?”*

## **Proposta para um dever de se sentar**

- *“Dar conta da esperança que está em nós”*: Concretamente como é que isso se traduz na nossa vida de casal?
- Quando temos opções a fazer relativas ao uso do nosso tempo livre, do nosso dinheiro, como é que as fazemos para estar de acordo com os desígnios de Deus?
- Como nos ajudamos, em casal, a viver na esperança e a testemunhá-la? Em que medida o sacramento da reconciliação é sacramento de esperança para nós, como casal?

## Sugestões para escolher uma regra de vida

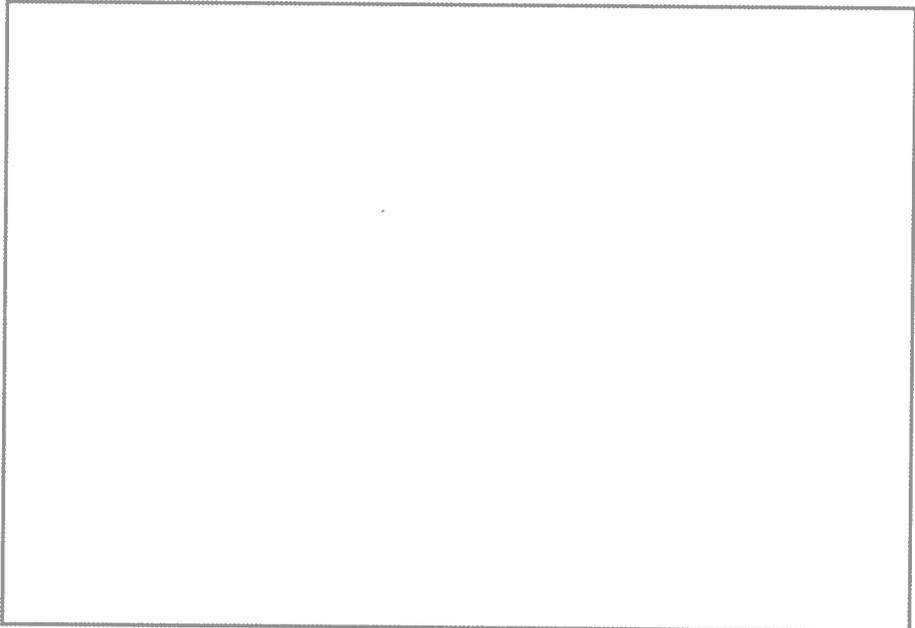
- Examinar na minha vida tudo o que é obstáculo à esperança cristã e escolher um desses pontos específicos para melhorar.

### C - REUNIR-SE PARA PARTILHAR E COMPREENDER

1. Aquando da primeira etapa (1.ª reunião) da nossa reflexão sobre o casal cristão hoje, tínhamos combinado, com a ajuda do nosso conselheiro espiritual, aprofundar certas questões a fim de ver melhor, compreender melhor e partilhar melhor com os outros membros da equipa a nossa situação de homem e de mulher na realidade da vida, da nossa vida.

2. No acolhimento e no respeito das nossas diferenças, dos nossos problemas e das nossas riquezas, somos convidados a oferecer aos outros membros da equipa o fruto da nossa pesquisa. Procuremos ser adultos nesta acção, ou seja, ser verdadeiros, abertos, responsáveis e disponíveis.

### Notas



## ORAÇÃO DE UM LEIGO

Eu sei, Pai santíssimo, que a minha responsabilidade de cristão cresce cada dia. Tenho de dar conta do modo como faço uso dos dons e dos carismas que me fazem viver tanto para os outros quanto para mim. Não tenho de pregar de um púlpito, mas – o que é bem mais difícil – tenho de dar testemunho do Evangelho pela minha vida. À minha volta onde não se rejeita abertamente o cristianismo e onde também não se gosta realmente dele, mas onde se considera tudo o que é religioso como tabu, torna-se particularmente difícil mostrar que vivo um bom momento, no lugar certo. É difícil manter a posição de que alguém só compromete realmente a sua vida, quando se decide a entregar-se nas Tuas mãos, ó Deus, e a viver na Tua graça.

Os cristãos mais firmes e menos tímidos dão provas de que – quando ultrapassam certas barreiras – o seu testemunho “*abre portas*” para outros, mesmo aquelas que pareciam totalmente fechadas. Senhor, porque é que sou tão medroso e tão covarde? Tenho de confessar que, de facto, o sou. Palavras como “*missionário*”, “*apostólico*” e outras soam como terrivelmente ultrapassadas para muitas pessoas. Mas qual é a realidade concreta? Se estas palavras não fazem parte da minha vida, isso não é um sinal de que o meu cristianismo de leigo é, também ele, pobre e fraco?

Ó Deus, dá-me coragem e força para ser um leigo digno do nome de cristão!

*Karl Rahner*

### PRÓXIMA REUNIÃO

No dia \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 20 \_\_\_\_

Em casa de \_\_\_\_\_

Se consultarmos o dicionário, veremos que a palavra “ministério”, do latim “ministerium”, significa “*funções, responsabilidades que se exercem*” e o dicionário <sup>(1)</sup> concretiza ainda que ministério “*diz-se especialmente do sacerdócio*”. Trata-se, por conseguinte, neste capítulo, de nos interrogarmos e de tomarmos melhor consciência **das funções e das responsabilidades dos casais cristãos casados na Igreja e no mundo**. Acrescentemos que, no espírito do tema, se entende que esta missão se refere mais particularmente ao domínio específico da vida dos cônjuges e do sacramento do matrimónio.

«Sempre se reconheceu, de uma maneira ou de outra, a missão dos pais na Igreja. Apesar de São Tomás de Aquino ter falado deste ministério, comparando-o ao da Ordem, só o Vaticano II e os documentos posteriores, em especial a *Familiaris Consortio*, reconheceram realmente este serviço. Este documento fala clara e extensamente do ministério conjugal e familiar. Além disso, a *Gaudium et Spes* (52) afirma: “*Todos os membros da família, cada um de acordo com o seu dom, têm a graça e a responsabilidade de construir dia após dia a comunhão das pessoas por meio do serviço recíproco e quotidiano, partilhando os bens, as alegrias e os sofrimentos.*”

Recordamo-nos das nossas expectativas, quando Paulo VI nos falava, na *Evangelii Nuntiandi*, de um facto bastante recente, fazendo re-ferência à família nos termos seguintes:

*“Em diversos momentos da história e no Vaticano II, a família merece bem a designação de Igreja Doméstica. Isto quer dizer que, em cada família cristã, deveriam encontrar-se os diversos aspectos da Igreja. Por outro lado, a família, como a Igreja, deve ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e donde o Evangelho irradia. No seio de uma família que tem consciência desta missão, todos os membros da mesma família evangelizam e são evangelizados.” (71)*

(1) Dicionário de Língua Portuguesa, Texto Editora.

Deste modo é possível falar-vos do **Ministério Conjugal**, do serviço que prestamos um ao outro e, juntos, aos nossos filhos. É nesta partilha recíproca que o Evangelho pode ser transmitido e aceite por todos.» (2)

## Tomar consciência da realidade

No primeiro capítulo tentámos tomar consciência da situação actual do casamento cristão na sociedade actual. Abordámos as “*sombras*” e as “*luzes*” da realidade dos nossos dias.

O Concílio Vaticano II colocou a tónica no papel dos leigos na Igreja. Mais de trinta anos depois, a diminuição do número de ordenações sacerdotais e das vocações religiosas aumenta ainda mais a necessidade da participação activa dos leigos na vida da Igreja e a sua missão num mundo culturalmente descristianizado.

Na exortação *Christifideles Laici* (3), o Papa João Paulo II apresenta “*a comunhão eclesial [...] como uma comunhão orgânica, análoga à de um corpo vivo e operante*” e reforça esta noção de “*corpo*” em que cada membro põe à disposição do conjunto os seus próprios dons. (4) **A comunhão é caracterizada, com efeito, pela presença simultânea da diversidade e da complementaridade das vocações e condições de vida, dos ministérios, carismas e responsabilidades. Graças a esta diversidade e complementaridade, cada fiel leigo está em relação com todo o corpo e dá-lhe o seu próprio contributo. [...]**

*A comunhão eclesial é, portanto, um dom, um grande dom do Espírito Santo, que os fiéis leigos são chamados a acolher com gratidão e, ao mesmo tempo, a viver com profundo sentido de responsabilidade. Isso realiza-se concretamente pela sua participação na vida e na missão da Igreja, a cujo serviço os fiéis leigos põem os seus variados e complementares ministérios e carismas.* (5)

(2) Extracto da exposição feita por Tó e Zé Moura Soares, casal responsável da Supra-Região de Portugal, no Colégio ERI-SR, em Dickinson (EUA), em Julho de 2001.

(3) Exortação apostólica de João Paulo II – *Christifideles Laici*, n.º 20.

(4) Cf: A diversidade dos dons do Espírito, 1 Co 12.

(5) **Carisma:** do grego χαρισμα: dom conferido por Deus a pessoas para realizarem legitimamente a missão que lhes é confiada.

**O fiel leigo** “*não pode nunca fechar-se em si mesmo, isolando-se espiritualmente da comunidade, mas deve viver em contínuo intercâmbio com os outros, com vivo sentido de fraternidade, na alegria de igual dignidade e no empenho em fazer frutificar o imenso tesouro recebido em herança.*”

*O Espírito do Senhor dá-lhe a ele, como aos outros, múltiplos carismas, convida-o a diferentes ministérios e funções, recorda-lhe, como também recorda aos outros em relação a ele, que tudo o que o distingue não é um suplemento de dignidade, mas uma especial e complementar habilitação para o serviço ... Deste modo os ministérios, as funções e os serviços do fiel leigo existem na comunhão e para a comunhão. São riquezas complementares em favor de todos, sob a sábia orientação dos Pastores.*

O leigo e, mais particularmente, o casal participam, como membros, a tempo inteiro, do Corpo de Cristo, na sua missão de redenção da humanidade. Primeiro pelo baptismo, e depois pelo sacramento do matrimónio, do qual somos “*ministros*”, temos de pôr os nossos carismas ao serviço do povo de Deus. O que é novo é ser chamado a este “*ministério*” como “*casal*”, associação de duas pessoas humanas unidas “*numa só carne*”.

A beatificação do casal Beltrame-Quatrocchi por João Paulo II abre, em certa medida, a via do reconhecimento deste “*ministério*” específico **do casal** no mundo e na Igreja. Os casais trabalham assim “*em favor da evangelização, da santificação e da animação cristã das realidades temporais.*” (6)

Notemos que, enquanto a Exortação apostólica de João Paulo II – *Christifideles Laici* – fala naturalmente do “*ministério*” dos leigos cristãos, a palavra “*ministro*” é reservada aos “*ministros ordenados*”. Mas o Papa insiste mais adiante na missão dos fiéis leigos:

*“A missão salvífica da Igreja no mundo realiza-se, não somente pelos ministros que receberam o sacramento da Ordem, mas também por todos os fiéis leigos: estes, com efeito, por força da sua condição baptismal e da sua vocação específica, na medida própria de cada um, participam no múnus sacerdotal, profético e real de Cristo. Por isso, os pastores devem reconhecer e promover os ofícios e as funções dos fiéis leigos que têm o seu fundamento sacramental no Baptismo e na Confirmação, bem como, para muitos deles, no Matrimónio.”*

(6) Exortação apostólica de João Paulo II – *Christifideles Laici*, n.º 23.

A Exortação apostólica chama, finalmente, a atenção para a importância da família como “Igreja doméstica”, noção bem conhecida das Equipas de Nossa Senhora, enquanto terreno excelente do ministério dos casais cristãos. *“Constitui uma escola natural e fundamental para a formação da fé: o pai e a mãe recebem do sacramento do Matrimónio a graça e o ministério da educação cristã relativamente aos filhos, aos quais testemunham e transmitem, simultaneamente, valores humanos e religiosos.”* (7)

*“Mesmo casais cristãos, a exemplo de Áquila e de Priscila (cf. Act 18; Rm 16,3 e segs.), oferecem um reconfortante testemunho de amor apaixonado por Cristo e pela Igreja com a sua presença activa em terras de missão.”* (8)

## A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

### 1. ALGUMAS PISTAS PARA NOS APOIARMOS NA REALIDADE DE HOJE

#### Do lado da sombra

- Vivemos num mundo marcado pela dúvida e pela incerteza. Num mundo cada vez mais globalizado, vivemos numa angústia cada vez maior em relação ao futuro, não somente no que a nós respeita, como casal, mas principalmente em relação ao futuro dos nossos filhos, em relação aos jovens desta geração.
- A incerteza perante o futuro leva o homem a gozar do momento presente, única certeza palpável. A noção da duração torna-se muito relativa, pondo em perigo a perenidade da relação conjugal e, por conseguinte, o casamento. O número de divórcios é uma das consequências disso.
- O mundo torna-se cada vez mais competitivo, individualista e materialista, levando-nos ao consumismo.
- As diferenças entre as gerações acentuam-se, levando a tensões cada vez mais fortes entre pais e filhos.

(7) Exortação apostólica de João Paulo II – *Christifideles Laici*, n.º 62.

(8) Exortação apostólica de João Paulo II – *Christifideles Laici*, n.º 35.

- Perante esta evolução, muitos casais sentem-se sós e desorientadas. Daqui resulta uma demissão dos pais e uma permissividade crescente que conduz à liberdade descontrolada dos filhos.
- Os valores morais tradicionais desaparecem sem ser substituídos por valores equivalentes. Os meios de comunicação social e o acesso fácil e frequentemente “*lúdico*” à Internet desempenham um papel primordial nesta evolução.
- Uma tendência marcada para o isolamento familiar e conjugal conduz os cônjuges a não se preocuparem com os vizinhos, a serem indiferentes ao “*outro*”, e a praticar um egoísmo a dois.
- A exaltação do corpo por toda a parte, especialmente na publicidade.
- A criança ser “*rei*”.
- O desinteresse pela educação.
- A recusa da maternidade.

### **Do lado da luz**

- Inicia-se uma reflexão mais aberta e mais sincera sobre o casal e sobre a família, nomeadamente em termos de moral tradicional.
- Frequentemente os próprios filhos e a realidade conduzem a uma reflexão sobre os valores que passam e os que permanecem.
- A crescente tomada de consciência da importância da “*paternidade*” responsável.
- Uma tomada de consciência da família. Um grande número de jovens interrogados sobre os valores mais importantes da sua vida respondem: “*a família*” (1); “*uma família unida onde reina a paz e o bom entendimento*” e “*os pais que os ouvem, os compreendem, não os julgam ... numa palavra, que os amam*”.
- Numerosos jovens que se comprometem no casamento estão preocupados “*com o êxito (sic) do seu casal*” e tomam iniciativas concretas neste sentido.
- Embora a linguagem se modifique entre os jovens que se casam, a base é frequentemente sólida e não muito afastada da das gerações mais velhas. Além disso a preocupação de autenticidade e

(<sup>o</sup>) Primeiro valor de um inquérito realizado, em 1990-1991, em cerca de vinte países europeus.

de verdade que neles habita, leva estes jovens casais a empregar um vocabulário, no qual as palavras têm um significado que eles compreendem e que assenta em valores concretos nos quais podem e querem investir. Se, por um lado, a quantidade dos casais casados cristãmente diminui, a qualidade destes casais está em progressão.

- Um maior respeito pelas pessoas martirizadas pelo fracasso da sua união é, paradoxalmente talvez, “*luz*” na crise que o casamento atravessa. Antes os divorciados e os divorciados recasados eram frequentemente proscritos da sociedade sob pretexto de que o seu “*mau*” exemplo podia propagar-se de maneira insensível e contínua. Hoje, o acolhimento e o acompanhamento em que se evita “*julgar*”, mostra-se mais “*construtivo*”, abre a porta a uma reflexão pastoral do conjunto da Igreja, povo de Deus, e do Magistério sobre as situações muito variadas vividas por estes cristãos profundamente feridos no e pelo amor.
- Mesmo em meios não cristãos, as reflexões e investigações sobre o casal põem cada vez mais em relevo:
  - as necessidades e os meios para aprofundar o diálogo;
  - os valores da relação e da complementaridade;
  - o sentido da fidelidade no compromisso;
  - a valorização da mulher;
  - a necessidade de considerar as dificuldades ou o fracasso numa relação como uma lição de onde se pode tirar orientações para nos corrigirmos a nós mesmos, em vez de, simplesmente, mudar de parceiro, solução reconhecida como raramente eficaz.

## 2. INTERROGAR-SE PARA DISCERNIR

### Algumas questões que preocupam hoje muitos casais cristãos

Estas questões são-nos apresentadas para orientar a nossa reflexão. Para não nos dispersarmos demasiado, não procuremos responder a todas, mas, em reunião de equipa, fixemos aquelas que são mais actuais e mais importantes para a nossa vida de hoje:

- Numa época em que a sexualidade é tão mal tratada, tão exposta e tão banalizada, não seremos nós, casais cristãos, chamados a intervir, testemunhando o que acreditamos e praticamos?

- Como evoluiu o nosso ideal de casal cristão desde o dia em que contraímos o sacramento do matrimônio? Por que etapas passamos? Adaptámo-nos ao tempo presente, ou temos resistido?
- Que valores conservamos e quisemos transmitir aos nossos filhos, que eles adoptaram ou rejeitaram?
- Como encaramos a nossa missão (o nosso ministério) de casal cristão na transmissão dos valores cristãos do casamento? No nosso lar? No nosso meio familiar? Na comunidade eclesial mais abrangente que nos rodeia? Na sociedade em que vivemos?
- Quais são os obstáculos que encontramos no exercício do nosso ministério? Como os superamos?
- Em que medida somos ajudados pelas Equipas, pela nossa equipa, a responder positivamente à chamada do Concílio e do Papa à participação dos leigos na Igreja e no mundo?

Como podemos tornar essa ajuda mais positiva?

*Não me caso contigo porque te amo, mas para te amar.*

Bismarck

### **As nossas perguntas pessoais**

### 3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Uma destas passagens da Escritura deve ser escolhida para a oração da reunião)

*Saudai Prisca e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que, para salvar a minha vida, expuseram a sua cabeça. Não somente eu lhes devo gratidão, mas também todas as Igrejas da gentilidade. Saudai também a Igreja que se reúne em sua casa.*

*Saudai o meu amado Epéneto, primícias da Ásia para Cristo.*

Rm 16, 3-5

*Um Judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, havia chegado a Éfeso. Era um homem eloquente e versado nas Escrituras. Tinha sido instruído no caminho do Senhor e, no fervor do espírito, falava e ensinava com exactidão o que se refere a Jesus, embora conhecesse apenas o baptismo de João. Começou, pois, a falar com intrepidez na sinagoga. Tendo-o ouvido, Priscila e Áquila, tomaram-no consigo e com mais exactidão expuseram-lhe o Caminho.*

Act 18, 24-26

*Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações.*

*[...] Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam as suas propriedades e bens e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um.*

*Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava, cada dia, ao seu número os que seriam salvos.*

Act 2, 42-47

## 4. O QUE DIZ A IGREJA?

### Concílio Vaticano II Constituição dogmática sobre a Igreja

#### *Lumen Gentium*

#### **A vida em relação à salvação e ao apostolado**

33. Unidos no Povo de Deus e constituídos no corpo único de Cristo, sob uma só cabeça, todos os leigos, sejam quais forem, são chamados a concorrer como membros vivos, com todas as forças que receberam da bondade do Criador e por graça do Redentor, para o crescimento da Igreja e sua contínua santificação.

O apostolado dos leigos é participação na própria missão salvífica da Igreja, e para ele todos são destinados pelo Senhor, por meio do Baptismo e da Confirmação. E os sacramentos, sobretudo a sagrada Eucaristia, comunicam e alimentam aquele amor para com Deus e para com os homens, que é a alma de todo o apostolado.

Assim todos os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e activa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra. Deste modo, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo, testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja, “*segundo a medida concedida por Cristo*” (Ef. 4, 7).

Além deste apostolado, que diz respeito a todos os fiéis, os leigos podem ainda ser chamados, por diversos modos, a uma colaboração mais imediata no apostolado da Hierarquia, à semelhança daqueles homens e mulheres que ajudavam o apóstolo Paulo no Evangelho, trabalhando muito no Senhor (*cf.* Fil. 4, 3; Rm. 16, 3 ss). Têm ainda a capacidade de ser chamados pela Hierarquia a exercer certos cargos eclesiais, com finalidade espiritual.

Incumbe, portanto, a todos os leigos a magnífica tarefa de trabalhar para que o desígnio de salvação atinja cada vez mais os homens de todos os tempos e lugares. Seja-lhes, pois, amplamente aberto o caminho, a fim de que, segundo as próprias forças e as necessidades dos tempos, também eles participem com ardor na acção salvífica da Igreja.

## João Paulo II - Carta às Famílias

22. Esposos e famílias do mundo inteiro, o *“Esposo está convosco!”* É a primeira coisa que vos quer dizer o Papa, no ano que as Nações Unidas e a Igreja consagram à família. *“Deus amou de tal modo o mundo que deu o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que creia nele não se perca, mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele”* (Jo 3, 16-17); *“o que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito ... Deveis nascer do alto.”* (Jo 3, 6-7). Deveis *“nascer da água e do Espírito”* (Jo 3, 5). Sois precisamente vós, caros pais e mães, que sois *as primeiras testemunhas e ministros* deste *novo nascimento* do Espírito Santo. Vós, que gerais os vossos filhos para a pátria terrena, não esqueçais que *ao mesmo tempo os gerais para Deus*. Deus deseja que nasçam do Espírito Santo; quer que sejam os seus filhos adoptivos no Filho único, que nos dá o *“poder de se tornarem filhos de Deus”* (Jo 1, 12). A obra da salvação perdura no mundo e realiza-se graças à Igreja. Tudo isto é a obra do Filho de Deus, do Esposo divino, que nos transmitiu o Reino do Pai e que nos recorda, a nós, seus discípulos: *“O Reino de Deus está no meio de vós”* (Lc 17, 21).

## João Paulo II - Christifideles Laici

### A família, primeiro espaço para o empenhamento social

40. A pessoa humana tem na sua estrutura natural uma dimensão social porque, no mais íntimo dela própria, é chamada a viver em *comunhão* com os outros e a dar-se aos outros: *“Deus, que cuida paternalmente de todos, quis que os homens formassem uma só família e se tratassem entre si com espírito de irmãos”*. Assim, a *sociedade*, fruto e sinal da *sociabilidade* do homem, **manifesta a sua verdade plena quando se constitui em comunhão de pessoas**.

Existe interdependência e reciprocidade entre a pessoa e a sociedade: tudo o que for feito em favor da pessoa é também serviço feito à sociedade, e tudo o que for realizado em favor da sociedade reverte em benefício da pessoa. Por isso, o empenhamento apostólico dos fiéis leigos na ordem temporal assume sempre e de forma indissolúvel um significado de serviço à pessoa individual na sua insubstituível unicidade e um sentido de serviço a todos os homens.

A primeira e originária expressão da dimensão social da pessoa é o *casal e a família*: Deus não criou o homem para o deixar sozinho; desde o princípio “*criou-os homem e mulher*” (Gn 1, 27) e a sua união constitui a primeira expressão de comunhão de pessoas. Jesus teve o cuidado de restituir ao casal a sua inteira dignidade (Mt 19, 3-9) e à família a sua própria solidez (Mt 19, 4-6) e São Paulo mostrou a relação profunda do matrimónio com o mistério de Cristo e da Igreja (Ef 5, 22-4, 6; Col 3, 18-21; cf. 1 Ped 3, 1-7).

**O casal e a família constituem o primeiro espaço para o empenhamento social dos fiéis leigos.** Trata-se de um compromisso que só poderá ser assumido adequadamente na convicção do valor único e insubstituível da família para o progresso da sociedade e da própria Igreja.

Berço da vida e do amor, onde o homem “*nasce*” e “*cresce*”, a família é a célula fundamental da sociedade. Deve dedicar-se a essa comunidade uma solicitude privilegiada, sobretudo quando o egoísmo humano, as campanhas contra a natalidade, as políticas totalitárias, e também as situações de pobreza e de miséria física, cultural e moral, bem como a mentalidade hedonista e consumista conseguem esgotar as fontes da vida, enquanto as ideologias e os diversos sistemas, aliados a formas de desinteresse e de falta de amor, atentam contra a função educativa própria da família.

Nestas condições, é urgente realizar uma acção vasta, profunda e sistemática, sustentada não só pela cultura, mas também pelos meios económicos e pelas instituições legislativas, destinada a assegurar à **família a sua função de ser o lugar primário da humanização da pessoa e da sociedade.**

O compromisso apostólico dos fiéis leigos consiste, antes de mais, em tornar a família consciente da sua identidade de primeiro núcleo social de base e do seu papel primordial na sociedade, para que a própria família se torne cada vez mais *protagonista activa e responsável* do seu crescimento e da sua participação na vida social. Dessa forma, a família poderá e deverá exigir de todos, a começar pelas autoridades públicas, o respeito pelos seus direitos que, salvando a família, salvam a sociedade.

O que está escrito na Exortação *Familiaris Consortio* sobre a participação da família no progresso da sociedade e o que a Santa Sé, a convite do Sínodo dos Bispos de 1980, formulou na “*Carta dos Direitos da Família*” representa um programa de acção completo e orgânico para todos os fiéis leigos que, a qualquer título, estão interessados

na promoção dos valores e das exigências da família: um programa cuja realização há-de impor-se com tanta maior urgência e decisão quanto mais graves se adensam as ameaças à estabilidade e fecundidade da família e quanto mais forte e sistemática se tornar a tentativa de marginalizar a família e de a esvaziar do seu peso social.

Como a experiência ensina, a civilização e a solidez dos povos dependem sobretudo da qualidade humana das próprias famílias. Assim, a acção apostólica em favor da família adquire incomparável valor social. A Igreja, por seu turno, está disso profundamente convencida, bem sabendo que *“o futuro da humanidade passa através da família.”*

**A propósito da moral, São Tomás de Aquino diz-nos:**

*“Não se trata dos meus deveres nem das minhas obrigações mas, sim, daquilo que torna os homens felizes, homens que têm um espírito que procura compreender, um coração que deseja ardentemente amar e ser amado e um corpo para exprimir esses sentimentos.”*

## B - PARA NOS AJUDAR A REFLECTIR DURANTE O MÊS

**Homilia do Papa João Paulo II na Beatificação do Casal Luigi e Maria Beltrame Quattrocchi**

1.[...] Encontramo-nos, hoje, para a beatificação de dois cônjuges: Luigi e Maria Beltrame Quattrocchi. Através deste acto eclesial solene, propomo-nos realçar um exemplo de resposta afirmativa à pergunta de Cristo. A resposta é dada por dois cônjuges que viveram em Roma na primeira metade do século vinte, um século no decurso do qual a fé em Cristo foi submetida a dura prova. Igualmente, durante estes anos difíceis, os dois cônjuges Luigi e Maria mantiveram acesa a chama da fé - *lumen Christi* - e transmitiram-na aos seus quatro filhos, três dos quais estão hoje presentes nesta Basílica. Caríssimos amigos, a vossa mãe escrevia o seguinte a propósito de vós: *“Educámo-los na fé, para que conheçam Deus e O amem”*. Mas os vossos pais transmitiram igualmente esta chama viva aos amigos, aos conhecidos, aos colegas ... Actualmente, do céu, transmitem-na a toda a Igreja [...]

2. Não podia existir ocasião mais feliz e mais significativa que a de hoje para celebrar os vinte anos da Exortação apostólica *Familiaris Consortio*. Este documento, que é, ainda hoje, de uma grande actualidade, ilustra não somente o valor do casamento e os deveres da família, mas convida a um compromisso específico no caminho de santidade para o qual os cônjuges são chamados por meio da graça sacramental que “*não se esgota na celebração do sacramento do matrimónio mas acompanha os esposos ao longo de toda a sua existência.*” (*Familiaris Consortio*, 56). A beleza deste caminho resplandece no testemunho dos beatos Luigi e Maria, expressão exemplar do povo italiano que tanto deve ao casamento e às famílias nele fundadas.

**Estes esposos viveram, à luz do Evangelho** e com uma grande intensidade humana, **o amor conjugal e o serviço à vida**. Assumiram de maneira plenamente responsável a tarefa de colaborar com Deus na procriação, consagrando-se generosamente aos seus filhos para os educar, os guiar, os orientar na descoberta do seu projecto de amor. Deste terreno espiritual tão fértil nasceram vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, que demonstram quanto o casamento e a virgindade, a partir do seu enraizamento comum no amor esposal do Senhor, estão intimamente ligados e se iluminam reciprocamente.

Inspirando-se na palavra de Deus e no testemunho dos santos, os beatos esposos viveram uma vida comum de uma maneira extraordinária. Por entre as alegrias e as preocupações de uma família normal, souberam realizar uma existência extraordinariamente rica de espiritualidade. No centro, estava a Eucaristia diária, à qual se acrescentava a devoção filial à Virgem Maria, invocada com o Rosário recitado todas as noites, e a referência a sábios conselheiros espirituais. Souberam, assim, acompanhar os filhos no discernimento da sua vocação, levando-as a avaliar cada coisa “*do tecto para cima*”, como gostavam frequentemente de sublinhar, numa expressão familiar.

3. A riqueza de fé e de amor dos esposos Luigi e Maria Beltrame Quattrocchi é uma demonstração viva do que o Concílio Vaticano II afirmou sobre a chamada de todos os fiéis à santidade, especificando que os esposos prosseguem este objectivo “*propriam viam sequentes*”, “seguinto o seu próprio caminho” (*Lumen Gentium*, n.º 41). Esta indicação precisa do Concílio encontra hoje a sua realização efectiva **na primeira beatificação de um casal**: a sua fidelidade ao Evangelho e a heroicidade das suas virtudes foram constatadas a partir da sua vida como cônjuges e como pais.

Na sua vida, bem como na de tantos outros casais que realizam todos os dias com dedicação os seus deveres de pais, pode-se contemplar a reve-

lação sacramental do amor de Cristo à Igreja. Com efeito, os cônjuges, *“realizando a sua missão conjugal e familiar com a força deste sacramento, penetrados pelo Espírito de Cristo que impregna toda a sua vida de fé, de esperança e de caridade, atingem cada vez mais a sua perfeição pessoal e a sua santificação mútua e, assim, juntos, contribuem para a glória de Deus”*. (*Gaudium et Spes*, n.º 48)

Queridas famílias, temos hoje uma confirmação singular do facto de que o caminho da santidade, realizado em casal, é possível, belo, extraordinariamente fecundo e é fundamental para o bem da família, da Igreja e da sociedade.

Isto convida-nos a invocar o Senhor, para que sejam cada vez mais numerosos *os casais capazes de fazer transparecer, na santidade da sua vida, o “grande mistério” do amor conjugal*, que tem origem na criação e se realiza na união de Cristo com a Igreja (*cf.* Ef 5, 22-23).

4. Como qualquer caminho de santificação, também o vosso, caros esposos, não é fácil. Enfrentais todos os dias dificuldades e provações para serdes fiéis à vossa vocação, para cultivar a harmonia conjugal e familiar, para realizar a missão de pais e para participar na vida social.

Sabei procurar na Palavra de Deus a resposta às numerosas interrogações que vos são apresentadas pela vida quotidiana. São Paulo, na segunda leitura, recordou-nos que *“toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, contestar, rectificar e formar para a justiça* (2 Tm 3, 16). Apoiados pela força desta palavra, podereis insistir os dois com os vossos filhos *“no tempo oportuno e no inoportuno, advertindo-os e exortando-os com toda a paciência e doutrina* (2 Tm 4, 2).

A vida conjugal e familiar podem igualmente conhecer momentos de desorientação. Sabemos que numerosas famílias cedem ao desânimo nestes casos. Penso, em especial, nos que vivem o drama da separação; penso nos que têm de enfrentar a doença e nos que sofrem o desaparecimento prematuro do cônjuge ou de um filho. Nestas situações, pode-se igualmente dar um grande testemunho de fidelidade no amor, tornado ainda mais significativo pela purificação através da passagem no cadinho da dor. [...]

5. Caríssimos, a Igreja confia em vós, para enfrentar os desafios que a esperam neste novo milénio. Entre os caminhos da sua missão, *“a família é a primeira e a mais importante”* (*Carta às Famílias*, n.º 2); a Igreja conta com ela, chamando-a a ser *“um sujeito activo de evangelização e de apostolado”* (*ibid.*, n. 16).

Estou certo de que estareis à altura da tarefa que vos espera, em todos os lugares e circunstâncias. Encorajo-vos, queridos cônjuges, a assumir plenamente o vosso papel e as vossas responsabilidades. Renovai em vós mesmos o impulso missionário, fazendo dos vossos lares lugares privilegiados para o anúncio e o acolhimento do Evangelho, num clima de oração e praticando concretamente a solidariedade cristã.

O Espírito Santo, que encheu o coração de Maria para que, na plenitude dos tempos, concebesse o Verbo da vida e O acolhesse conjuntamente com o seu esposo José, vos ampare e vos fortaleça. Que Ele encha os vossos corações de alegria e de paz, para que saibais louvar todos os dias o Pai celeste, do qual provêm todas as graças e bênçãos. *Ámen!*

Dia Mundial das Missões, domingo, 21 de Outubro de 2001

### **Serviço aos filhos**

“O Senhor distribuiu ao casal e a cada um pessoalmente diversos carismas, não para glória pessoal mas para serviço do outro e para que, recebendo o dom do Espírito, pudéssemos manter-nos no seu Amor.” E assim a salvação de um é transmitida ao outro.

É com todas as nossas fraquezas e todas as nossas virtudes que Deus, permitindo a nossa união sacramental, nos concedeu a fecundidade. Não somente a fecundidade visível cuja expressão máxima se concretiza nos nossos filhos, mas também a maravilhosa fecundidade espiritual, no testemunho de caridade que constantemente nos é pedido neste caminho que nos propusemos fazer em família.

Passar o testemunho da fé e da vida aos nossos filhos é outro factor de união, para que o serviço que lhes prestamos seja sempre feito em nome do Senhor. Sempre quisemos ter, no que diz respeito aos nossos filhos, uma relação num espírito de pobreza e de humildade. Humildade que se manifesta na aceitação da vontade de Deus para eles, humildade no dia a dia, no falhar consecutivo na nossa missão de educadores.

Compreendemos que eles nos são confiadas por Deus, a quem teremos de dar contas do nosso desprendimento e da nossa humildade. Participar na preparação dos seus baptismos, primeiras comunhões, confirmações, casamentos, sempre foi muito importante para as nossas vidas, assim como preparar estas festas num ambiente de alegria, fazendo-os compreender a etapa que venciam, o momento decisivo

que tinham vivido, o crescimento cristão que tinha acontecido nas suas vidas. Por tudo isto se ter tornado possível e por lhes termos transmitido o valor e a necessidade do religioso nas suas vidas, damos graças a Deus.

Assustava-nos extremar valores na sua educação, porque sabíamos que cairíamos facilmente na destruição da unidade familiar. Realmente é difícil, mas fascinante, encontrar um equilíbrio entre liberdade e justiça, direitos e deveres, exigência e condescendência.

Não devemos ser indiferentes à liberdade e ao respeito pelos nossos filhos, à aceitação da pluralidade de opções, ao reconhecimento dos seus conceitos especiais ou culturais.

Percebíamos que era necessário parar de vez em quando e, em conjunto, fazer uma revisão, um reajustamento do método utilizado no nosso serviço de pais.

Cada um conhecia efectivamente as dificuldades do outro, as suas alegrias íntimas, os seus desânimos escondidos, a palavra a dar sobre o caminho percorrido e a percorrer. E foi só com esta forte união, onde cada um recebe e dá ao serviço de uma tão grande missão, que conseguimos arranjar forças para continuar o nosso ministério.

Ser ministro na família significa também aceitar as tensões existentes no seu seio, não como irremediáveis, mas assumidas como parte essencial do nosso próprio crescimento.

Cabe-nos, a nós, pais, viver estas tensões numa perspectiva de fé, porque elas vão balizando caminhos, através das sucessivas opções que os filhos vão aprendendo a fazer, ajudados a crescer na fé pelo nosso testemunho, frequentemente silencioso, mas perseverante, ao longo de todos estes anos em que tentámos viver segundo o Evangelho.

A célula familiar requer estabilidade e segurança. O apoio económico também desempenha um papel importante. Como viver e fazer viver neste ponto o Evangelho, quando nos é dito que não nos inquietemos com o dia seguinte?

Na frase *“todo o resto ser-vos-á dado por acréscimo”* está a segurança do pão de cada dia os valores de entajuda fraterna que a família há-de desenvolver, ao tornar-se cada vez mais comunidade cristã pondo a render os seus talentos.

A educação dos nossos filhos e toda a nossa existência levaram-nos constantemente a fazer opções. Não é fácil resistir para não vacilar e não cair no consumismo exagerado e no materialismo.

Neste mundo materialista, as tensões são frequentemente acentuadas. E, vezes sem conta, éramos interpelados pelos nossos filhos em nome do Evangelho. Aceitar este confronto ou progredir nele para servir melhor tem sido fundamental não só para a sua formação como para o nosso próprio crescimento.

Por vezes fizemos e dissemos coisas que seriam impossíveis sem a presença real de Deus. Os pais, como ministros do seu casamento que se vai realizando dia a dia, fazem uma actualização dinâmica da graça matrimonial que Deus permanentemente lhes distribuiu, para que ela seja derramada diariamente sobre toda a família.

Para falar do ministério conjugal, não basta que cada membro tenha fé; é necessário que cada membro esteja disponível para comunicar essa fé aos outros, a permutá-la, a vivê-la, a exprimi-la em todas as relações, sobretudo nas familiares. É neste ambiente familiar que sentimos com maior verdade o que é o caminho para o Pai, porque o crescimento dos filhos e dos netos, à velocidade da juventude e não com a lentidão das nossas idades, dá-nos a noção do provisório, ajudando-nos assim a recusar o comodismo e a acolher o amanhã com Deus.

Deus concede-nos também a graça de ajudar à educação e à formação dos netos, onde podemos saborear a beleza de um desabrochar com outro olhar e mais doçura. Na realidade, o amor e a caridade que existem na vida familiar têm ao mesmo tempo duas forças distintas: “*ad intra*” e “*ad extra*”. Pela primeira, a família realiza-se dentro de si própria, fazendo do amor e da caridade os dois princípios fundamentais das relações entre pais, filhos, irmãos e irmãs, de modo que as tensões sejam resolvidas na fé estimulada pelo Evangelho. Na segunda, a família procura inserir-se na Igreja e no mundo, tornando-se cada vez mais aberta e mais comunicativa, promovendo relações apoiadas no amor, na liberdade e na justiça [...]

As Equipas de Nossa Senhora, são para nós, o lugar onde o carisma evangelizador das famílias se manifesta com um sentido muito específico de unidade e especificidade. A nossa adesão e a nossa disponibilidade para este Movimento de Igreja, e não a outro qualquer, foram a resposta incondicional ao carisma das Equipas de Nossa Senhora. Nelas temos encontrado solução para muitas das nossas necessidades e aspirações mais profundas: a tranquilidade e a paz que sentimos ao encontrar estas respostas, têm-nos levado a aceitar todos os apelos que o Movimento nos tem feito, embora conscientes das nossas limitações e das nossas fraquezas.

Porque comungamos deste espírito, sentimo-nos obrigados a agir em conformidade, para que esta riqueza não se perca e para que haja cada vez mais casais a querer pertencer às ENS.

Este dom de Deus, que acolhemos reconhecidamente, não o podemos guardar para nós próprios mas, antes, partilhá-lo com outros casais, como nos recorda S. Lucas (12, 48) “*a quem muito foi dado muito será pedido, a quem muito foi confiado, muito mais será exigido.*”

Por maior importância que se queira dar à educação da fé e à transmissão dos valores, não podemos esquecer um princípio essencial: ninguém transmite o que não tem, ninguém pode educar naquilo em que não acredita ...

Foi assim que fomos avançando, seguindo o Senhor, unidos e reforçados por um amor específico que nos dava também uma vontade especial para cuidar dos que sofrem, dos que têm fome e, sobretudo, de todos aqueles que não têm família, para podermos transmitir de maneira natural todo o amor recebido do Pai.” (10)

### **Proposta para um dever de se sentar**

- Que pensamos do título deste capítulo *Ministério do casal na Igreja e no mundo?*

Procuremos tomar consciência, juntos, da maneira como exercemos, em casal, este ministério no que diz respeito aos nossos filhos, a outros membros da nossa família, aos jovens que pretendem casar-se ou que “*vivem*” em casal, casados ou não, às pessoas amarguradas pelo fracasso da sua união, etc.

- Poderíamos interrogar-nos sobre a forma como os nossos próprios pais exerceram o seu “*ministério conjugal*” na pequena “*Igreja doméstica*” que era ou é, ainda, a família em que crescemos. Em que é que este ministério influenciou a nossa personalidade? A nossa vida de adolescente? A nossa vida de adulto? O nosso próprio ministério de casal e de pais?

(10) Extracto da exposição feita por Tó e Zé Moura Soares, casal responsável da Supra - Região Portugal, ao Colégio ERI-SR, em Dickinson (USA), em Julho de 2001.

## Sugestões para escolher uma regra de vida

- Fazer uma diligência positiva em relação a um casal em dificuldades ou a uma pessoa amargurada pelo insucesso do casamento.

Os casais que se entendem bem têm igualmente necessidade de ser acarinhados pelo Senhor! Incluir sistematicamente na minha oração diária, uma intenção particular por um casal das minhas relações que eu conheça bem e confiá-lo à bondade e à ternura de Deus.

### C - DISCUSSÃO SOBRE O TEMA DE ESTUDO

1. Sempre bem conscientes de que nos reunimos em nome de Cristo para partilhar e compreender, propomo-vos que dêem a volta por todos para que, cada um por sua vez, possa expor (sem ser interrompido!) o que pretende exprimir sobre o ministério do casal cristão no mundo de hoje. Neste momento, cada um pode fazer as suas próprias perguntas. Pode evocar igualmente as suas experiências de vida e alguns problemas que tem de enfrentar hoje.

2. Com a ajuda do vosso Conselheiro Espiritual, procurem efectuar uma escolha limitada das perguntas e dos problemas evocados por cada membro da equipa. Propomo-vos aprofundá-los durante o próximo mês e discuti-los na próxima reunião.

### Perguntas e problemas que serão tratados na próxima reunião

(Escrever aqui o que decidimos aprofundar durante o mês e partilhar na próxima reunião)

Senhor, a cada um Tu dás o tempo de fazer  
O que queres que ele faça.

Mas é preciso não perder tempo,  
Não esbanjar tempo,  
Não matar o tempo.

Pois o tempo é um presente que nos dás,  
Presente perecível,  
Um presente que não se conserva.

Tenho tempo, Senhor,  
Tenho todo o meu tempo,  
Todo o tempo que me dás,  
Os anos da minha vida,  
Os dias dos meus anos,  
Os minutos dos meus dias,  
As horas dos meus dias  
São todos meus.

Cabe-me preenchê-los,  
Tranquilamente,  
Calmamente,  
Mas preenchê-los inteirinhos, até à borda,  
Para Tos oferecer,  
E para que da sua água sem sabor  
Faças um vinho generoso, como outrora em Caná,  
Fizeste para as bodas humanas.

Nesta noite não Te peço,  
Senhor,  
O tempo de fazer isto,  
E depois aquilo,  
Peço-te a graça,  
De fazer conscienciosamente,  
No tempo que me dás,  
O que queres que eu faça.

*Michel Quoist*

## Para a próxima reunião

### *“Reflectir para mudar e comprometer-se”*

- Ler os textos propostos no parágrafo **A** da **oitava reunião**.
- Preparar de maneira mais profunda (estudo do tema) as perguntas da primeira reunião e que o casal animador terá tido o cuidado de lembrar.

O tempo de partilha sobre o tema, na segunda reunião será então consagrado a comunicar uns aos outros o fruto desta reflexão aprofundada.

A preparação do tema pode ser a ocasião de um dever de se sentar *“temático”* a propósito do nosso casal e o nosso *“sim”* conjugal.

- O parágrafo **B** *“Para nos ajudar a reflectir durante o mês”*, da segunda reunião, pode ajudar-nos a progredir individualmente ou em casal entre as duas reuniões. Permitir-nos-á *“alterar”* os nossos hábitos, quebrar as rotinas, numa palavra, *“evoluir”*.

### PRÓXIMA REUNIÃO

No dia \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /20 \_\_\_\_

Em casa de \_\_\_\_\_



“Reflectir para mudar e comprometer-se”

## A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

### 1. UMA BREVE LEMBRANÇA

De acordo com a dinâmica própria deste tema, numa segunda etapa, objecto principal desta reunião, vamos esforçar-nos por descobrir juntos, com a ajuda do nosso conselheiro espiritual, **o que podemos mudar na nossa maneira de viver, na nossa maneira de ser e parecer** para que a vida comum do homem e da mulher possa (re)encontrar toda a sua riqueza, todo o seu valor como o Criador quis.

A propósito da preparação da reunião, para evitar qualquer troca de impressões demasiado teórica e favorecer uma reflexão lúcida e honesta sobre o casal humano de hoje, tínhamo-nos proposto, na reunião anterior, elaborar algumas perguntas e equacionar alguns problemas que nos preocupam particularmente (ver o ponto D da primeira reunião). Preparemos esta reunião, tendo em conta o que acaba de ser recordado acima. A riqueza da troca de impressões na reunião dependerá, em grande parte, da pesquisa pessoal e do casal, assim como da partilha das nossas experiências de vida. Não tenhamos medo de mergulhar no Evangelho para procurar passagens que possam iluminar a nossa reflexão.

*Um casamento feliz é uma longa conversa sempre demasiado curta*

André Maurois

### 2. MAIS ALGUMAS REFERÊNCIAS QUE PODERÃO AJUDAR-NOS NA NOSSA REFLEXÃO

#### Presença coordenada e colaboração dos homens e das mulheres (1)

52. Não faltou na aula sinodal a voz daqueles que manifestaram o receio de que uma excessiva insistência sobre a condição e o papel das mulheres pudesse levar a uma inaceitável conclusão: o esqueci-

(1) Christifideles Laici, n.º 52.

mento dos *homens*. Na verdade, em diversas situações eclesiais, é lamentável a ausência ou a presença demasiado reduzida dos homens, uma parte dos quais abdica das próprias responsabilidades eclesiais, deixando-as ao cuidado exclusivo das mulheres, como, por exemplo, a participação na oração litúrgica na Igreja, a educação e, em especial, a catequese dos próprios filhos e das outras crianças, a presença em encontros religiosos e culturais, a colaboração nas iniciativas caritativas e missionárias.

Torna-se, assim, uma urgência pastoral conseguir a presença coordenada dos homens e das mulheres para se tornar mais completa, harmónica e rica a participação dos fiéis leigos na missão salvadora da Igreja.

A razão fundamental que exige e explica a presença simultânea e a colaboração dos homens e das mulheres não é unicamente, como se sublinhou acima, um acréscimo de expressão e eficácia da acção pastoral da Igreja; nem, tão pouco, o simples dado sociológico da convivência humana naturalmente feita de homens e de mulheres. É, sobretudo, a realização do desígnio original do Criador que, desde o “*princípio*”, quis o ser humano como “*unidade de dois*”, quis o homem e a mulher como primeira comunidade de pessoas, raiz de todas as outras comunidades e, simultaneamente, como “*senal*” da comunhão interpessoal de amor que constitui a misteriosa vida íntima de Deus Uno e Trino.

Precisamente por isso, o modo mais comum e mais divulgado e, ao mesmo tempo, fundamental, para assegurar a presença coordenada e harmónica de homens e de mulheres na vida e na missão da Igreja, é o cumprimento das tarefas e das responsabilidades do casal e da família cristã, no qual transparece e se comunica a variedade das diversas formas de vida: a forma conjugal, paterna e materna, filial e fraterna. Lemos na Exortação Familiaris Consortio: “*Se a família cristã é comunidade, cujos laços são renovados por Cristo através da fé e dos sacramentos, a sua participação na missão da Igreja há-de processar-se segundo uma modalidade comunitária: juntos, portanto, os cônjuges enquanto casal, os pais e os filhos, enquanto família, hão-de prestar o seu serviço à Igreja e ao mundo ... A família cristã edifica, assim, o Reino na história, mediante aquelas mesmas realidades quotidianas que dizem respeito à sua condição de vida e a identificam. No amor conjugal e familiar — vivido na sua extraordinária riqueza de valores e exigência de totalidade, fidelidade e fecundidade — é que se exprime e se realiza a participação da família cristã no múnus profético, sacerdotal e real de Jesus Cristo e da Sua Igreja*”.

Colocando-se nesta perspectiva, recordam os Padres sinodais o significado que o sacramento do Matrimônio há-de assumir na Igreja e na sociedade a fim de iluminar e inspirar todas as relações entre o homem e a mulher. Nesse sentido, reafirmaram “*a urgente necessidade de cada cristão viver e anunciar a mensagem de esperança contida na relação entre o homem e a mulher. O sacramento do Matrimônio, que consagra esta relação na sua forma conjugal e a revela como sinal da relação de Cristo com a Sua Igreja, encerra uma doutrina de grande importância para a vida da Igreja. Essa doutrina deve atingir, por meio da Igreja, o mundo de hoje; todas as relações entre o homem e a mulher não-de alimentar-se desse espírito. A Igreja há-de utilizar tais riquezas de forma ainda mais plena*”. Com toda a razão sublinharam os mesmos Padres que “*o apreço pela virgindade e o respeito pela maternidade devem ambos ser revalorizados*” para que, uma vez mais, se favoreça o florescimento das vocações diferentes e complementares no contexto vivo da comunhão eclesial e para o serviço do seu constante crescimento.

### **Carta do Papa João Paulo II às Equipas de Nossa Senhora francesas na celebração do aniversário da Carta**

No próximo dia 8 de Dezembro, as Equipas de Nossa Senhora, fundadas pelo Padre Henri Caffarel, festejarão os cinquenta anos da promulgação da sua carta. Nesta feliz circunstância, ao recordar-me da insigne figura do fundador do vosso movimento, congratulo-me vivamente com este encontro que mostra a vitalidade das Equipas de Nossa Senhora e a sua presença em todos os continentes.

A caminhada do vosso movimento é uma escola de vida pessoal, conjugal e familiar. O Sacramento do matrimônio, sinal da aliança entre Deus e o seu povo, entre Cristo e a Igreja, é, ao mesmo tempo **um caminho de santidade** (*Lumen Gentium*, n.º 11; cf. n.º 41), **um serviço à vida** (cf. *Evangelium vitae*, n.º 39) e **o lugar do testemunho essencial dos cônjuges**. A missão primordial do casal cristão consiste em viver plenamente as exigências da união: “*a indissolubilidade e a fidelidade na doação recíproca definitiva*” (*Catecismo da Igreja Católica*, 1643) e a abertura à fecundidade, para serem “*as testemunhas deste mistério de caridade que o Senhor revelou ao mundo pela sua morte e ressurreição*” (cf. Ef 5, 25-27) “(*Gaudium et Spes*, 52)”. Os casais das equipas tomam “*consciência da sua missão de paternidade responsável*” que comporta sobretudo “*uma profunda relação com a ordem moral objectiva, estabelecida por Deus, e*

*da qual a consciência recta é a fiel intérprete”* (Paulo VI, *Humanae Vitae*, 10). Os esposos descobrem, por último, que, no casamento, “*é o mistério pascal de morte e de ressurreição que se realiza*” (Paulo VI, *Alocução às ENS*, 4 de Maio de 1970, 16); pois, pelos progressos da vida moral, cada um é gradualmente purificado e, no dom e no sacrifício de si próprio, como nas inevitáveis dificuldades que o amor conjugal pode encontrar, o casal e a família edificam-se e afirmam-se. Na Igreja, a comunidade familiar percebe que é uma pequena Igreja, composta de pecadores perdoados, que seguem no caminho da santidade, graças ao apoio daqueles que o Senhor reuniu num mesmo lar.

Os casais que participam num movimento como o das Equipas de Nossa Senhora esforçam-se por usar os meios específicos para afirmar o “*sim*” do seu compromisso e para viver o seu amor, com a ajuda de outros casais. Durante as reuniões de equipa, os casais têm a possibilidade de aperfeiçoar a sua formação humana e cristã e de partilhar o que constitui a sua vida conjugal e familiar, no respeito da intimidade de cada lar. Eles dão graças pelo caminho percorrido e pedem a ajuda do Senhor. Recebem um novo ânimo para o futuro e são apoiados para ultrapassar as dificuldades e as habituais tensões da vida quotidiana. Os casais cristãos têm também um dever missionário e um dever de ajuda aos outros casais aos quais desejam legitimamente comunicar a sua experiência e manifestar que Cristo é a fonte de toda a vida conjugal. “*Assim uma nova e importante forma de apostolado de casais para casais vem inserir-se no vasto quadro da vocação dos leigos; são os próprios casais que se fazem apóstolos e guias de outros casais*”. (Paulo VI, *Humanae Vitae* 26). [...]

Incessantemente rejuvenescidos pelo diálogo de amor que permite relações de qualidade, os cônjuges são levados a viver na paz e na alegria e a exercer plenamente as suas responsabilidades de cônjuges e de pais (cf. *Evangelium Vitae*, 92). Isto constitui um testemunho eloquente, em primeiro lugar para os filhos.

A educação dos jovens passa ao mesmo tempo pelo exemplo de um amor sereno e capaz de vencer as dificuldades e por numerosos ensinamentos que podem ser dados no dia a dia. Num mundo que tem tendência a esquecer o papel da família, é necessário recordar incessantemente a importância do lar para os filhos. Através de uma vida familiar cheia de amor e aberta a todos, os jovens podem ultrapassar as diferentes etapas da sua maturação humana e espiritual. Como lugar importante de apostolado, “*para que a força do Evangelho brilhe na vida familiar*” (*Lumen Gentium*, 36) e, por ela, no mundo, as famílias devem estar também conscientes da sua quota-parte especial de responsabilidade no despertar das vocações e na formação dos jovens que pensam no sacerdócio ou na vida religiosa (cf. *Pastores Dabo Vobis*, 68, *Vita Consecrata*, 107).

A minha oração une-se de igual modo a todos os lares e às famílias que conhecem a provação e fazem múltiplos esforços para salvar o vínculo que os une e para educar os filhos. Que eles possam encontrar na Igreja casais amigos que os ajudem! De igual modo, confio ao Senhor aqueles que estão separados e os divorciados novamente casados. Continuando sempre a acolher na fé a concepção autêntica do casamento ensinada pela Igreja, que eles aceitem prosseguir a sua vida cristã no seio da comunidade, para o seu crescimento espiritual, cultivando um espírito de perdão e de penitência, e aceitem exercer conjuntamente as responsabilidades familiares, em particular a educação dos filhos (cf. *Familiaris Consortio*, 84)!

Encorajo os sacerdotes a disponibilizarem-se para serem conselheiros espirituais das Equipas de Nossa Senhora. Eles cumprem, assim, uma missão sacerdotal superior e, na amizade partilhada, encontram um dinamismo renovado para o seu ministério. [...].

Possam os membros das Equipas de Nossa Senhora prosseguir com confiança e humildade os seus esforços em caminhar para a perfeição cristã na vida conjugal e familiar!" [...]

### 3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Esta texto deve ser escolhido para a oração da reunião.)

*Tu, porém, permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como certo; tu sabes de quem o aprendeste. Desde a tua infância conheces as sagradas Letras; elas têm o poder de te comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda a boa obra.*

*Eu te conjuro, diante de Deus e de Cristo Jesus que há-de vir julgar os vivos e os mortos pela sua Aparição e por seu Reino: proclama a palavra, insiste, no tempo oportuno e no inoportuno, refuta, ameaça, exorta com toda a paciência e doutrina. Pois virá um tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, segundo os seus próprios desejos, como que sentindo comichão nos ouvidos, se rodearão de mestres. Desviarão os seus ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em tudo, suporta o sofrimento, faz o trabalho de um evangelista, realiza plenamente o teu ministério.*

2 Tm 3,14; 4, 1-5

Interrogado sobre o que o casamento cristão pode trazer de melhor aos casais do que o casamento dos não cristãos, e face à crítica dos não crentes aos cristãos por estes se considerarem melhores que os outros, o Cardeal Danneels responde:

Não é fácil expressar e nem mesmo explicar a comparação entre as duas concepções e as duas maneiras de viver como casal e como família. Não é fácil determinar qual é o mais rico ou o mais profundo. Porquê? Vou dar um exemplo: Miguel Ângelo esculpiu duas ou três Pietà. Uma encontra-se em São Pedro, no Vaticano e é de uma perfeição inimaginável: o rosto da Virgem, as pregas de seu manto, o rosto de Cristo, rosto de um Deus que nunca sofreu, o mais belo homem que se pode imaginar. Miguel Ângelo aperfeiçoou até ao último detalhe esta imagem incrivelmente bela. Há uma outra Pietà em Florença; nela se vê o rosto de José de Arimateia quase imperceptível no mármore. Miguel Ângelo não pôde acabar esta obra. O rosto de Cristo é quase irreconhecível; este trabalho, realmente, ficou inacabado: é tosco. Mas, quando fui a Florença, diante daquela Pietà, perguntei-me:

*“Qual é a mais bela, a acabada ou a inacabada?”* Até agora não encontrei resposta, mas o que sei é que, se Miguel Ângelo tivesse tido tempo, teria feito a Pietà de Florença como a de Roma ... perfeita.

O casamento não cristão é a Pietà de Florença que tem um encanto extraordinário. Existem óptimos casais não cristãos, mesmo nas partes do mundo às quais o cristianismo jamais chegou. Mas o que eu sei é que, se lhes mostrássemos a Pietà de Roma, eles diriam:

*“Gostaríamos de ser como ela.”*

Portanto, não digo que não exista beleza na *“espiritualidade”* profana. Tomemos aqui, por exemplo, casais que não praticam a religião, que não são baptizados ou pouco crentes. Não posso dizer que a sua vivência seja negativa, mas penso: *“é a Pietà de Florença”*. Já quando falo de um casamento cristão, penso na Pietà de Roma pois acredito que, na Pietà de Florença, há um dinamismo que não foi desenvolvido. Se esse dinamismo se pudesse desenvolver, chegaríamos ao casamento cristão. Em resumo: o casamento cristão é o acabamento de um esboço que Deus criou no casamento não cristão.

Sabem como é difícil falar de duas coisas tão belas e como é errado dizer que uma é puro pecado e que a outra é graça pura. Há muitas nuances a considerar.” (1)

*“Amor é fogo que arde sem se ver;  
E ferida que dói e não se sente...”*

Camões

### **Proposta para um dever de se sentar**

- Usando a imagem das duas Pietà de Miguel Ângelo, poder-nos-íamos interrogar sobre o que, na nossa vida conjugal, está sempre escondido como no esboço de Florença. Como poderemos nós, em casal, progredir, ajudando-nos um ao outro a avançar no caminho da santidade a que somos chamados?
- Sem julgar ninguém poderíamos, juntos, reflectir sobre as coisas belas da vida conjugal de um casal da geração dos nossos filhos, que não recebeu o sacramento do matrimónio ou que não vive de uma maneira cristã a sua vida de casal. De que maneira podemos, como casais cristãos, levá-los a descobrir a plena dimensão cristã do casamento?

### **Sugestões para escolher uma regra de vida**

- Rever a nossa regra de vida e fazer um balanço do nosso progresso.

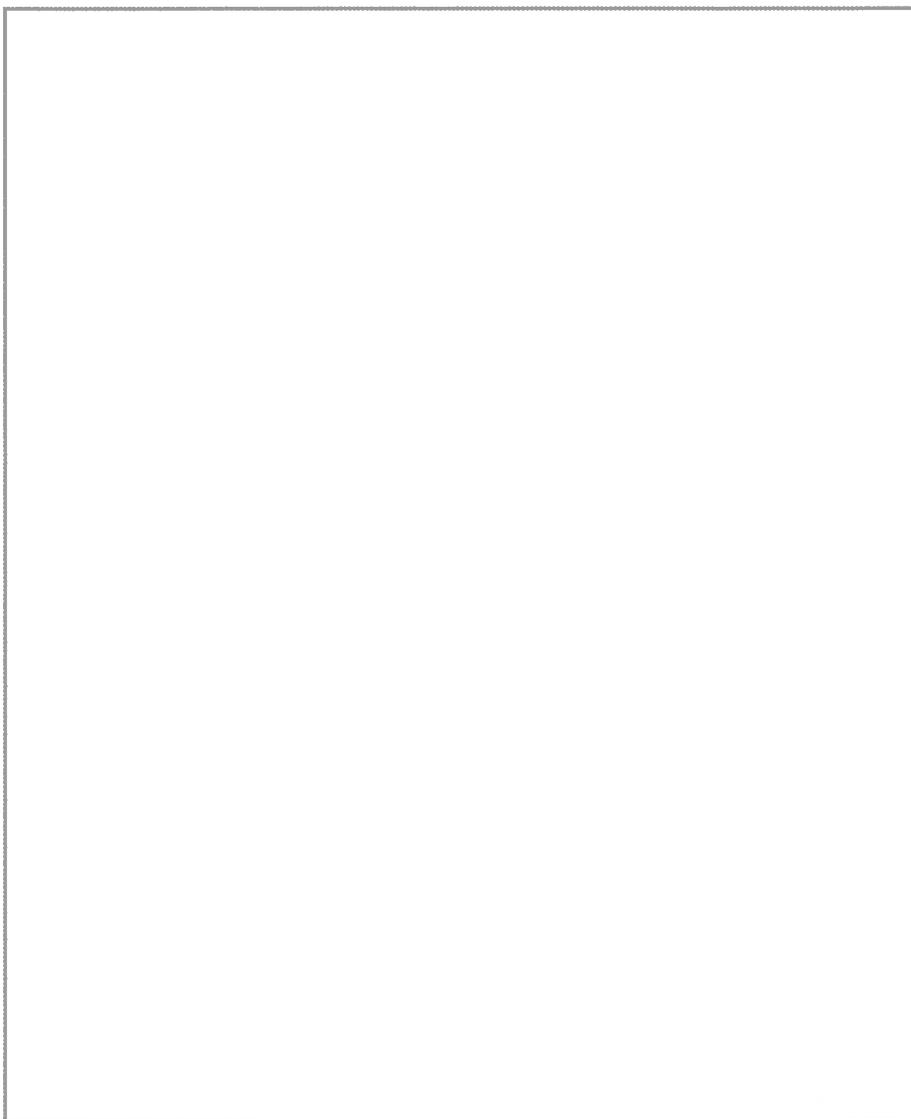
## **C - REUNIR-SE PARA PARTILHAR E COMPREENDER**

1. Na primeira reunião da nossa reflexão sobre o casal cristão, hoje, combinámos, com a ajuda do Conselheiro Espiritual, aprofundar certas questões a fim de ver melhor, ouvir melhor e partilhar melhor, com os outros membros da equipa, a nossa situação de homem e de mulher na realidade da vida, da nossa vida.

(1) Colóquio sobre a sacramentalidade do casamento, organizado pelo Conselho Interdiocesano belga da Pastoral Familiar, Louvain-la-Neuve, Abril de 1989.

2. No acolhimento e no respeito das nossas diferenças, dos nossos problemas e das nossas riquezas, somos convidados a oferecer aos outros membros da equipa o fruto da nossa pesquisa. Procuremos ser adultos na nossa partilha, quer dizer, verdadeiros, abertos, responsáveis e disponíveis.

## **Notas**



## BÊNÇÃO NUPCIAL

Senhor nosso Deus,  
Criador do universo e de todos os viventes,  
Tu fizeste o homem e a mulher à Tua semelhança  
para que eles se associassem à Tua obra de amor;  
Deste-lhes um coração capaz de amar.

Tu quiseste que hoje, nesta igreja,  
F..... e F..... unissem as suas vidas.  
Queres agora que eles construam o seu lar,  
que procurem amar-se mais, em cada dia,  
e sigam o exemplo de Cristo,  
Ele que amou os homens ao ponto de morrer na cruz.

Que o seu amor, semelhante ao Teu amor, Senhor,  
se torne uma fonte de vida,  
que os conserve atentos aos apelos dos irmãos,  
e que o seu lar esteja aberto aos outros.

Que eduquem, na fidelidade ao Evangelho,  
os filhos que hão-de nascer do seu amor;  
que procurem em primeiro lugar  
o Reino de Deus e a Sua justiça;  
que sejam úteis ao mundo em que viverem.

Apoiados no seu amor e no amor de Cristo,  
que tomem parte activa  
na construção de um mundo mais justo e fraterno  
e sejam assim fiéis à sua vocação de homens e de cristãos. (1)

(3) Cf. Ritual para a celebração do Casamento.

## ***Bibliografia***

- Concílio Vaticano II, Constituição dogmática sobre a Igreja, *LUMEN GENTIUM* – 1964.
- Concílio Vaticano II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo actual, *GAUDIUM et SPES* – 1965.
- Encíclica do Papa Paulo VI sobre a regulação dos nascimentos, *HUMANÆ VITÆ* – 1968.
- Exortação apostólica do Papa João Paulo II sobre as tarefas da família cristã no mundo de hoje, *Familiaris Consortio*, 22 de Novembro de 1981.
- Encíclica do Papa João Paulo II sobre a REDEMPTORIS MISSIO, 1990.
- Exortação apostólica do Papa João Paulo II sobre os fiéis leigos, *CHRISTIFIDELES LAICI* – 1989.
- Catecismo da Igreja Católica, edição Gráfica de Coimbra.
- Homilia do Papa João Paulo II aquando da beatificação do casal LUIGI E MARIA BELTRAME QUATTROCCHI, Domingo, 21 de Outubro de 2001.
- Card. G. DANNEELS – “*Cristãos: melhores ou diferentes?*” - Mensagem de Natal 2001.
- 10 A. MATTHEEUWS s.j. – “*O sacramento do matrimónio*” – Nouvelle Revue Théologique – Volume 121/n.º 4 – Out.-Dez. 1999.
- Intervenção de Maria Carla e Carlo Volpini, casal responsável da Supra-Região Itália, ao Colégio ERI – em Dickinson (EUA), em Julho de 2001.
- Intervenção de Tó e Zé Moura Soares, casal responsável da Supra-Região Portugal, ao Colégio ERI – em Dickinson (EUA), em Julho de 2001.
- Intervenção de Ralph e Jackie Tygielsxy, casal responsável da Supra-Região EUA, ao Colégio ERI em Dickinson (EUA), em Julho de 2001.
- Intervenção de Andres e Silvia MERIZALDE, casal responsável da Supra-Região Hispano- Americana, ao Colégio Eri, em Dickinson (EUA), em Julho de 2001.
- “*Jesus, Filho de Maria*”, da colecção “*A Bíblia em banda desenhada*”, Ed. UNIVERS – MEDIA.
- Suplemento à Carta das Equipas “*Sempre prontos para dar conta da nossa esperança*” 1985.
- Carta apostólica do Papa João Paulo II, ano 2000.

## CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

### Capítulo 3, artigo 7.º

#### O SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO

**1601** «O pacto matrimonial, entre os baptizados, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si a comunhão íntima de toda a vida, ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, foi elevada por Cristo, como Senhor, à dignidade de sacramento» (CIC, cân. 1055, § 1).

#### I. O matrimónio no desígnio de Deus

**1602** A Sagrada Escritura começa pela criação do homem e da mulher à imagem e semelhança de Deus (*cf.* Gn 1, 26-27) e acaba pela visão das «núpcias do Cordeiro» (Ap 19, 7. 9). De princípio a fim, a Escritura fala do matrimónio e do seu «mistério», da sua instituição e do sentido que Deus lhe deu, da sua origem e da sua finalidade, das suas diversas realizações ao longo da história da salvação, das suas dificuldades nascidas do pecado e da sua renovação «no Senhor» (1 Co 7, 39), na nova Aliança de Cristo e da Igreja (*cf.* Ef 5, 31-32).

#### O MATRIMÓNIO NA ORDEM DA CRIAÇÃO

**1603** «A íntima comunidade da vida e do amor conjugal foi fundada pelo Criador e dotada de leis próprias. O próprio Deus é o autor do matrimónio» (*Gaudium et Spes* 48, § 1). A vocação para o matrimónio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, tais como saíram das mãos do Criador. O matrimónio não é uma instituição puramente humana, apesar das numerosas variações a que esteve sujeito no decorrer dos séculos, nas diferentes culturas, estruturas sociais e atitudes espirituais. Tais diversidades não devem fazer esquecer os traços comuns e permanentes. Muito embora a dignidade desta instituição nem sempre e por toda a parte transpareça com a mesma clareza (*cf.* GS 47, § 2), existe, no entanto, em todas as culturas, um certo sentido a favor da grandeza da união matrimonial. Porque «o bem-estar da pessoa e da sociedade está estreitamente ligado com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar» (GS 47, § 1).

**1604** Deus, que criou o homem por amor, também o chamou ao amor, vocação fundamental e inata de todo o ser humano. Porque o homem foi criado à imagem e semelhança do Deus (*cf.* Gn 1, 27) que é Amor (*cf.* 1 Jo 4, 8-16), tendo-os Deus criado homem e mulher, o amor mútuo dos dois torna-se imagem do amor absoluto e indefectível com que Deus ama o homem. É bom, muito bom, aos olhos do Criador (*cf.* Gn 1, 31) este amor que Deus abençoa e que é destinado a ser fecundo e a realizar-se na obra comum do cuidado da Criação: «Deus abençoou-os e disse-lhes: Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a Terra e sujeitai-a» (Gn 1, 28).

**1605** Que o homem e a mulher tenham sido criados um para o outro, a Sagrada Escritura o afirma: «Não é bom que o homem esteja só» (Gn 2, 18). A mulher, «carne da sua carne» (*cf.* Gn 2, 23), isto é, sua imagem, sua igual, próxima dele, é-lhe dada por Deus como uma «ajuda» (*cf.* Gn 2, 18), representando assim aquele «Deus em quem está a nossa ajuda» (*cf.* Sl 121, 2). «Por isso o homem deixará seu pai e a sua mãe para se ligar à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne» (Gn 2, 24). Que isto significa uma unidade indefectível das duas vidas, o próprio Senhor o mostra, ao lembrar qual foi, «na origem», o desígnio do Criador (*cf.* Mt 19, 4): «Portanto, já não são dois, mas uma só carne» (Mt 19, 6).

## O MATRIMÓNIO SOB O REGIME DO PECADO

**1606** Todo o homem faz a experiência do mal, à sua volta e em si mesmo. Esta experiência faz-se também sentir nas relações entre o homem e a mulher. Desde sempre, a união de ambos foi ameaçada pela discórdia, o espírito de domínio, a infidelidade, o ciúme e conflitos capazes de ir até ao ódio e à ruptura. Esta desordem pode manifestar-se de modo mais ou menos agudo e ser mais ou menos ultrapassada, conforme as culturas, as épocas, os indivíduos. Mas parece, sem dúvida, ter um carácter universal.

**1607** Segundo a fé, esta desordem, que dolorosamente comprovamos, não procede da *natureza* do homem e da mulher, nem da natureza das suas relações, mas do *pecado*. Ruptura com Deus, o primeiro pecado teve como primeira consequência a ruptura da comunhão original do homem e da mulher. As suas relações são distorcidas por agravos recíprocos (*cf.* Gn 3, 12); a atracção mútua, dom próprio do Criador (*cf.* Gn 2, 22), converte-se em relação de domínio e em cobiça (*cf.* Gn 3, 16b); a esplêndida vocação do homem e da mulher para serem fecundos, multiplicarem-se e sujeitarem a Terra (*cf.* Gn 1, 28), fica sujeita aos trabalhos do parto e do ganha-pão (*cf.* Gn 3, 16-19).

**1608** No entanto, a ordem da Criação subsiste, apesar de gravemente perturbada. Para curar as feridas do pecado, o homem e a mulher têm necessidade da ajuda da graça que Deus, na sua misericórdia infinita, nunca lhes recusou (*cf.* Gn 3, 21). Sem esta ajuda, o homem e a mulher não podem chegar a realizar a união das vidas, união em vista da qual Deus os criou «no princípio».

## O MATRIMÓNIO SOB A PEDAGOGIA DA LEI

**1609** Na sua misericórdia, Deus não abandonou o homem pecador. As penas que se seguiram ao pecado – «as dores do parto» (Gn 3, 16), o trabalho «com o suor do teu rosto» (Gn 3, 19) – constituem também remédios que limitam os malefícios do pecado. Depois da queda, o matrimónio ajuda a vencer o fechar-se em si mesmo, o egoísmo, a busca do próprio prazer e a abrir-se ao outro, à mútua ajuda, ao dom de si.

**1610** A consciência moral, relativamente à unidade e indissolubilidade do matrimónio, desenvolveu-se sob a pedagogia da Antiga Lei. A poligamia dos patriarcas e dos reis ainda não é explicitamente criticada. No entanto, a Lei dada a Moisés visa proteger a mulher contra o arbitrário domínio por parte do homem, mesmo quando a mesma Lei comporta também, segundo a palavra do Senhor, vestígios da «dureza do coração» do homem, em razão da qual Moisés permitiu o repúdio da mulher (*cf.* Mt 19, 8; Dt 24, 1).

**1611** Ao verem a Aliança de Deus com Israel sob a imagem dum amor conjugal, exclusivo e fiel (*cf.* Os 1-3; Is 54; 62; Jr 2-3; 31; Ez 16, 23), os profetas preparam a consciência do povo eleito para uma inteligência aprofundada da unicidade e indissolubilidade do matrimónio (*cf.* Mal 2, 13-17). Os livros de Rute e de Tobias dão testemunhos comoventes do elevado sentido do matrimónio, da fidelidade e da ternura dos esposos. E a Tradição viu sempre no Cântico dos Cânticos uma expressão única do amor humano, puro reflexo do amor de Deus, amor «forte como a morte», que «torrentes da água não conseguem apagar» (Cant 8, 6-7).

## O MATRIMÓNIO NO SENHOR

**1612** A aliança nupcial entre Deus e Israel, seu povo, tinha preparado a Aliança nova e eterna, na qual o Filho de Deus, Encarnado e dando a sua vida, uniu a Si, de certo modo, toda a humanidade por Ele salva (*cf.* GS 22), preparando, assim, as «núpcias do Cordeiro» (Ap. 19, 7.9).

**1613** No início da vida pública, Jesus realiza o primeiro milagre – a pedido de sua Mãe – por ocasião duma festa de casamento (*cf.* Jo 2, 1-11). A Igreja dá uma grande importância à presença de Jesus nas bodas de Caná. Vê, no facto, a confirmação do princípio de que o matrimónio é bom, e o anúncio de que, dali em diante, o matrimónio será um sinal eficaz da presença de Cristo.

**1614** Na sua pregação, Jesus ensinou sem equívocos o sentido original da união do homem e da mulher, tal como o Criador a quis no princípio: a permissão dada por Moisés, de um marido repudiar a sua mulher, era uma concessão feita à dureza do coração (*cf.* Mt 19, 8) ; a união matrimonial do homem e da mulher é indissolúvel e foi o próprio Deus que a instituiu: «Não separe, pois, o homem o que Deus uniu» (Mt 19, 6).

**1615** Esta insistência inequívoca sobre a indissolubilidade do laço matrimonial pôde criar perplexidade e aparecer como uma exigência impraticável (*Cf.* Mt 19,10). No entanto, Jesus não impôs aos esposos um fardo impossível de levar e pesado demais (*cf.* Mt 11, 29-30), mais pesado que a Lei de Moisés. Tendo vindo restabelecer a origem original da Criação, perturbada pelo pecado, Ele próprio dá força e graça para viver o matrimônio na dimensão nova do Reino de Deus. É seguindo a Cristo, na renúncia a si próprios e tomando a sua cruz (*cf.* Mc 8,34), que os esposos poderão «compreender» (*cf.* Mt 19, 11) o sentido original do matrimônio e vivê-lo com a ajuda de Cristo. Esta graça do Matrimônio cristão é um fruto da Cruz de Cristo, fonte de toda a vida cristã.

**1616** É o que o Apóstolo Paulo nos faz apreender, quando diz: «Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela, a fim de a santificar» (Ef 5, 25-26); e acrescenta imediatamente: «'Por isso o homem deixará pai e mãe para se unir a sua mulher e serão dois numa só carne'. É grande este mistério, digo-o em relação a Cristo e à Igreja» (Ef 5, 31-32).

**1617** Toda a vida cristã é marcada pelo amor sponsal de Cristo e da Igreja. Já o baptismo, entrada para o grémio do povo de Deus, é um mistério nupcial; é, por assim dizer, o banho de núpcias (*cf.* Ef 5, 26-27) que precede o banquete nupcial, a Eucaristia. O Matrimônio cristão, por seu lado, torna-se sinal eficaz, sacramento da aliança de Cristo e da Igreja. E uma vez que significa e comunica a graça desta aliança, o Matrimônio entre baptizados é um verdadeiro sacramento da Nova Aliança (*cf.* DS 1800; cân. 1055, § 2).

## A VIRGINDADE POR AMOR DO REINO

**1618** Cristo é o centro de toda a vida cristã. A ligação com Cristo prevalece sobre todas as outras, quer se trate de laços familiares, quer sociais (*cf.* Lc 14, 26; Mc 10, 28-31). Desde o princípio da Igreja, houve homens e mulheres que renunciaram ao grande bem do Matrimônio, para seguir o Cordeiro aonde quer que Ele vá (*cf.* Ap 14, 4), para cuidarem das coisas do Senhor, procurar agradar-Lhe (*cf.* 1 Co 7, 32), sair ao encontro do Esposo que chega (*cf.* Mt 25, 6). O próprio Cristo convidou alguns a seguirem-No neste modo de vida, de que Ele é o modelo:

Há eunucos que nasceram assim do seio materno; há eunucos que foram feitos pelos homens, e há eunucos que tais se fizeram, a si mesmos, pelo Reino dos Céus. Quem puder entender, entenderá! (Mt 19,12).

**1619** A virgindade, por amor do Reino dos Céus, é uma expansão da graça baptismal, sinal poderoso da preeminência da ligação a Cristo, da espera fervorosa da sua nova vinda; um sinal que lembra também que o Matrimônio é uma realidade passageira do tempo presente (*cf.* Mc 12, 25).

**1620** Ambos os estados, tanto o sacramento do Matrimónio como a virgindade por amor do Reino de Deus, vêm do Senhor. É Ele que lhes dá sentido e concede a graça indispensável para serem vividos em conformidade com a sua vontade (*cf.* Mt 19, 3-12). A estima da virgindade por amor do Reino (*cf.* LG 42; PO 12; OT 10) e o sentido cristão do Matrimónio são inseparáveis e favorecem-se mutuamente:

Dizer mal do Matrimónio é, conjuntamente, menosprezar a glória da virgindade; exaltar o Matrimónio é realçar a admiração devida à virgindade ... Porque, no fim de contas, o que só parece um bem, em comparação com o mal, não pode ser um verdadeiro bem; mas o que ainda é melhor que bens incontestados é o bem por excelência (S. João Crisóstomo, *Virg.* 10,1; FC 16).

## II. A celebração do Matrimónio

**1621** No rito latino, a celebração do Matrimónio entre dois fiéis católicos tem lugar normalmente no decorrer da santa Missa, em virtude da ligação de todos os sacramentos com o mistério pascal de Cristo (*cf.* SC 61). Na Eucaristia realiza-se o memorial da Nova Aliança, na qual Cristo se uniu para sempre à Igreja, sua esposa bem-amada, por quem se entregou (*cf.* LG 6). Por isso, é conveniente que os esposos selem o seu consentimento à doação mútua pela entrega das próprias vidas, unindo-o à oblação de Cristo pela sua Igreja, tornada presente no sacrifício eucarístico, e recebendo a Eucaristia, para que, comungando no mesmo Corpo e no mesmo Sangue de Cristo, «formem um só corpo» em Cristo (*cf.* I Co 10, 17).

**1622** «Enquanto gesto sacramental de santificação, a celebração litúrgica do Matrimónio ... deve ser por si mesma válida, digna e frutuosa» (FC 67). Por isso, é conveniente que os futuros esposos se preparem para a celebração do seu Matrimónio, mediante o sacramento da Penitência.

**1623** Na Igreja Latina, considera-se habitualmente que são os esposos quem, como ministros da graça de Cristo, mutuamente se conferem o sacramento do Matrimónio, ao exprimirem, à face da Igreja, o seu consentimento. Nas liturgias orientais, o ministro do sacramento (sacramento a que se dá o nome de «Coroação») é o sacerdote ou bispo que, depois de ter recebido o mútuo consentimento dos esposos, coroa sucessivamente o esposo e a esposa, como sinal da aliança matrimonial.

**1624** As diversas liturgias são ricas em oração de bênçãos e de epiclese, pedindo a Deus a sua graça e invocando a sua bênção sobre o casal, especialmente sobre a esposa. Na epiclese deste sacramento, os esposos recebem o Espírito Santo como comunhão de amor de Cristo e da Igreja (*cf.* Ef 5, 32). É Ele o selo da aliança de ambos, a fonte sempre aberta do seu amor, a força em que se renovará a sua fidelidade.

### III. O consentimento matrimonial

**1625** Os protagonistas da aliança matrimonial são um homem e uma mulher baptizados, livres para contrair Matrimónio e que livremente exprimem o seu consentimento. «Ser livre» quer dizer:

- não ser constrangido;
- não ser impedido por uma lei natural ou eclesiástica.

**1626** A Igreja considera a permuta dos consentimentos entre os esposos como o elemento indispensável «que constitui o Matrimónio» (CIC, cân. 1057, § 1). Se falta o consentimento, não há Matrimónio.

**1627** O consentimento consiste num «acto pelo qual os esposos se dão e se recebem mutuamente» (GS 48, § 1) (*cf.* CIC, cân. 1057, § 2) : «Eu recebo-te por minha esposa» – «Eu recebo-te por meu esposo» (OCM 45). Este consentimento, que liga os esposos entre si, encontra a sua consumação pelo facto de os dois «se tornarem uma só carne» (*cf.* Gn 2, 24; Mc 10, 8; Ef 5, 31).

**1628** O consentimento deve ser um acto da vontade de cada um dos contraentes, livre de violência ou grave temor externo. (*cf.* CIC, cân. 1103). Nenhum poder humano pode substituir-se a este consentimento (CIC, cân. 1057, § 1). Faltando esta liberdade, o matrimónio é inválido.

**1629** Por este motivo (ou por outras razões, que tomem nulo ou não realizado o casamento) (*cf.* CIC, cânones 1095-1107), a Igreja pode, depois de examinada a situação pelo tribunal eclesiástico competente, declarar «a nulidade do Matrimónio», ou seja, que o Matrimónio nunca existiu. Em tal caso, os contraentes são livres para se casarem, salvas as obrigações naturais da união anterior (*cf.* CIC, cân. 1071).

**1630** O sacerdote (ou o diácono), que assiste à celebração do Matrimónio, recebe o consentimento dos esposos em nome da Igreja e dá a bênção da Igreja. A presença do ministro da Igreja (bem como das testemunhas) exprime visivelmente que o Matrimónio é uma realidade eclesial.

**1631** É por esse motivo que, normalmente, a Igreja exige para os seus fiéis a forma eclesiástica da conclusão do Matrimónio (*cf.* Conc. de Trento: DS 1813-1816; CIC, cân. 1108). Muitas razões concorrem para explicar esta determinação:

- o Matrimónio sacramental é um acto *litúrgico*. Portanto, é conveniente que seja celebrado na Liturgia pública da Igreja;
- o Matrimónio introduz num *ordo* eclesial, cria direitos e deveres na Igreja, entre os esposos e para com os filhos;

- uma vez que o Matrimónio é um estado de vida na Igreja, é necessário que haja a certeza a respeito dele (daí a obrigação de haver testemunhas);
- o carácter público do consentimento protege o «sim», uma vez dado, e ajuda a permanecer-lhe fiel.

**1632** Para que o «sim» dos esposos seja um acto livre e responsável, e para que a aliança matrimonial tenha bases humanas e cristãs sólidas e duradoiras, é de primordial importância a *preparação para o matrimónio*:

O exemplo e o ensino dados pelos pais e pelas famílias continuam a ser o caminho privilegiado desta preparação.

O papel dos pastores e da comunidade cristã, como «família de Deus», é indispensável para a transmissão dos valores humanos e cristãos do Matrimónio e da família (cf. CIC, cân. 1063), e isto tanto mais quanto é certo que, em nossos dias, muitos jovens conhecem a experiência de lares desfeitos, que já não garantem suficientemente aquela iniciação:

Os jovens devem ser conveniente e oportunamente instruídos, sobretudo no seio da própria família, acerca da dignidade, missão e exercício do amor conjugal. Deste modo, educados na castidade, poderão, chegada a idade conveniente, entrar no casamento depois de um noivado puro (GS 49, § 3).

## OS CASAMENTOS MISTOS E A DISPARIDADE DE CULTO

**1633** Em muitos países, a situação do *Matrimónio misto* (entre católico e baptizado não-católico) apresenta-se de modo bastante frequente. Tal situação pede uma atenção particular dos cônjuges e dos pastores. O caso dos casamentos com *disparidade de culto* (entre católico e não-baptizado) exige uma atenção ainda maior.

**1634** A diferença de confissão religiosa entre os cônjuges não constitui um obstáculo insuperável para o Matrimónio, quando eles conseguem pôr em comum o que cada um recebeu na sua comunidade e aprender um do outro o modo como cada um vive a sua fidelidade a Cristo. Mas as dificuldades dos matrimónios mistos nem por isso devem ser subestimadas. São devidas ao facto de a separação dos cristãos ainda não ter sido superada. Os esposos arriscam-se a vir a ressentir-se do drama da desunião dos cristãos no seio do próprio lar. A disparidade de culto pode agravar ainda mais estas dificuldades. As divergências em relação à fé, o próprio conceito do Matrimónio e ainda as diferentes mentalidades religiosas podem constituir uma fonte de tensões no Matrimónio, principalmente por causa da educação dos filhos. Pode então surgir uma tentação: a indiferença religiosa.

**1635** Segundo o direito em vigor na Igreja Latina, um Matrimónio misto precisa da permissão expressa da autoridade eclesiástica (*cf.* CIC, cân. 1124) para a respectiva liceidade. Em caso de disparidade de culto, é requerida uma *dispensa expressa* do impedimento para a validade do Matrimónio (*cf.* CIC, cân. 1086). Tanto a permissão como a dispensa supõem que as duas partes conhecem e não rejeitam os fins e propriedades essenciais do Matrimónio, bem como as obrigações contraídas pela parte católica relativamente ao Baptismo e educação dos filhos na Igreja Católica. (*cf.* CIC, cân. 1125).

**1636** Em muitas regiões, graças ao diálogo ecuménico, as respectivas comunidades cristãs puderam organizar uma *pastoral comum para os casamentos mistos*. O seu papel consiste em ajudar os casais a viver a sua situação particular à luz da fé. Ela deve também ajudá-los a superar as tensões entre as obrigações dos cônjuges um para com o outro e para com as respectivas comunidades eclesiais. Deve estimular o desenvolvimento do que lhes é comum na fé e o respeito pelo que os divide.

**1637** Nos casamentos com disparidade de culto, o esposo católico tem uma tarefa particular a cumprir, «porque o marido não-crente é santificado por sua mulher e a mulher não-crente é santificada pelo marido crente» (1 Co 7,14). É uma grande alegria para o cônjuge cristão e para a Igreja que esta «santificação» leve à conversão livre do outro à fé cristã (*cf.* 1 Co 7, 16). O amor conjugal sincero, a prática humilde e paciente das virtudes familiares e a oração perseverante podem preparar o cônjuge não-crente a acolher a graça da conversão.

#### IV. Os efeitos do sacramento do Matrimónio

**1638** «Do Matrimónio válido origina-se, entre os cônjuges, um *vínculo* de sua natureza perpétuo e exclusivo; no Matrimónio cristão, além disso, são os cônjuges robustecidos e como que consagrados por um *sacramento peculiar* para os deveres e dignidade do seu estado» (CIC, cân. 1134).

#### O LAÇO MATRIMONIAL

**1639** O consentimento, pelo qual os esposos mutuamente se dão e se recebem, é selado pelo próprio Deus (*cf.* Mc 10, 9). Da sua aliança «nasce uma justificação, também à face da sociedade, confirmada pela lei divina» (GS 48, § 1). A aliança dos esposos é integrada na aliança de Deus com os homens: «O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino» (GS 48, § 2).

**1640** O *vínculo matrimonial* é, portanto, estabelecido pelo próprio Deus, de maneira que o matrimónio ratificado e consumado entre batizados não pode jamais ser dissolvido. Este vínculo, resultante do acto humano livre dos esposos e da consumação do matrimónio é a partir de então, uma realidade irrevogá-

vel e dá origem a uma aliança garantida pela fidelidade de Deus. Não está no poder da Igreja pronunciar-se contra esta disposição da sabedoria divina. (cf. CIC, cân. 1141)

## GRAÇA DO SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO

**1641** «No seu estado de vida e na sua ordem (os esposos cristãos) têm no povo de Deus os seus dons próprios» (LG 11). Esta graça própria do sacramento do Matrimónio destina-se a aperfeiçoar o amor dos cônjuges e a fortalecer a sua unidade indissolúvel. Por meio desta graça, «eles auxiliam-se mutuamente para a santidade, pela vida conjugal e pela procriação e educação dos filhos» (LG 11) (cf. LG 41).

**1642** *Cristo é a fonte desta graça.* «Assim como outrora Deus veio ao encontro do seu povo com uma aliança de amor e fidelidade, assim agora o Salvador dos homens e Esposo da Igreja vem ao encontro dos esposos cristãos com o sacramento do Matrimónio» (mundo, um antegosto do festim das núpcias do Cordeiro:

Onde irei buscar forças para descrever, de modo satisfatório, a felicidade do Matrimónio que a Igreja orienta, que a oblação confirma e a bênção sela? Os anjos proclamam-no, o Pai celeste ratifica-o ... Onde um casal como o de dois cristãos, unidos por uma só esperança, um único desejo, uma única disciplina, um mesmo serviço? Ambos filhos do mesmo Pai, servos do mesmo Senhor; nada os separa, nem no espírito nem no corpo; pelo contrário, eles são verdadeiramente dois numa só carne. Ora, onde a carne é só uma, o espírito também é uno (Tertuliano, Ux. 2,9; cf. FC 13).

## V. Os bens e as exigências do amor conjugal

**1643** «O amor conjugal comporta um todo em que entram todas as componentes da pessoa – apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afectividade, aspiração do espírito e da vontade –; visa uma unidade profundamente pessoal – aquela que, para além da união numa só carne, conduz à formação dum só coração e duma só alma; exige a *indissolubilidade* e a *fidelidade* na doação recíproca definitiva; e abre-se para a *fecundidade*. Trata-se, é claro, das características normais de todo o amor conjugal natural, mas com um significado novo que não só as purifica e consolida, mas as eleva ao ponto de fazer delas a expressão de valores especificamente cristãos» (FC 13).

## A UNIDADE E A INDISSOLUBILIDADE DO MATRIMÓNIO

**1644** Por sua própria natureza, o amor dos esposos exige a unidade e a indissolubilidade da sua comunidade de pessoas, a qual engloba toda a sua vida:

«assim, já não são dois, mas uma só carne» (Mt 19, 6) (cf. Gn 2, 24). «Eles são chamados a crescer sem cessar na sua comunhão, através da fidelidade quotidiana à promessa da mútua doação total que o Matrimónio implica» (FC 19). Esta comunhão humana é confirmada, purificada e aperfeiçoada pela comunhão em Jesus Cristo, conferida pelo sacramento do Matrimónio; e aprofunda-se pela vida da fé comum e pela Eucaristia recebida em comum.

**1645** «A igual dignidade pessoal, que se deve reconhecer à mulher e ao homem no amor pleno que têm um pelo outro, manifesta claramente a unidade do Matrimónio, confirmada pelo Senhor» (GS 49, 2). A *poligamia* é contrária a esta igual dignidade e ao amor conjugal, que é único e exclusivo (cf. FC 19).

## A FIDELIDADE DO AMOR CONJUGAL

**1646** O amor conjugal, por sua mesma natureza, exige dos esposos uma fidelidade inviolável. É uma consequência da mútua doação de si mesmos, que os esposos fazem. O amor quer ser definitivo: não pode ser «até nova ordem». «Esta união íntima, já que é o dom recíproco de duas pessoas, exige, do mesmo modo que o dom dos filhos, a inteira fidelidade dos cônjuges e a indissolubilidade da sua união» (GS 48, § 1).

**1647** O motivo mais profundo encontra-se na fidelidade de Deus à sua aliança, de Cristo à sua Igreja. Pelo sacramento do Matrimónio, os esposos são habilitados a representar esta fidelidade e a dar testemunho dela. Pelo sacramento, a indissolubilidade do Matrimónio recebe um sentido novo e mais profundo.

**1648** Pode parecer difícil, e até impossível, a ligação por toda a vida a um ser humano. Tanto mais importante se manifesta anunciar a boa-nova de que Deus nos ama com um amor definitivo e irrevogável, quanto é certo que os esposos participam neste amor que os conduz e sustém, e por sua fidelidade podem ser testemunhas do amor fiel de Deus. Os esposos que, com a graça de Deus, dão este testemunho (muitas vezes em condições bem difíceis), merecem a gratidão e o amparo da comunidade eclesial (cf. FC 20).

**1649** No entanto, existem situações em que a coabitação matrimonial se torna praticamente impossível por razões mui diversas. Em tais casos, a Igreja admite a separação física dos esposos e o fim da coabitação. Mas os esposos não deixam de continuar marido e mulher perante Deus; não são livres de contrair nova união. Nesta situação difícil, a melhor solução seria, se possível, a reconciliação. A comunidade cristã é chamada a ajudar estas pessoas a viverem cristãmente a sua situação, na fidelidade ao vínculo do seu Matrimónio, que continua indissolúvel (cf. FC 83; CIC, cânones 1151-1155).

**1650** Hoje em dia e em muitos países, são numerosos os católicos que recorrem ao divórcio, em conformidade com as leis civis, contraindo civilmente uma nova união. A Igreja sustenta, por fidelidade à palavra de Jesus Cristo ( «quem

repudia sua mulher e casa com outra comete adultério em relação à primeira; e se uma mulher repudia seu marido e casa com outro, comete adultério»: Mc 10, 11-12), que não pode reconhecer como válida uma nova união, se o primeiro Matrimónio foi válido. Se os divorciados se casam civilmente, ficam numa situação objectivamente contrária à lei de Deus. Por isso, não podem aproximar-se da comunhão eucarística, enquanto persiste tal situação. Pelo mesmo motivo, ficam impedidos de exercer certas responsabilidades eclesiais. A reconciliação, por meio do sacramento da Penitência, não pode ser dada senão àqueles que se arrependem de ter violado o sinal da Aliança e da fidelidade a Cristo e se comprometeram a viver em continência completa.

**1651** Com respeito a cristãos que vivem nesta situação e que muitas vezes conservam a fé e desejam educar cristãmente os seus filhos, os sacerdotes e toda a comunidade devem dar provas duma solicitude atenta, para que eles não se sintam separados da Igreja, em cuja vida podem e devem participar como baptizados que são:

Serão convidados a ouvir a Palavra de Deus, a assistir ao sacrifício da Missa, a perseverar na oração, a prestar o seu contributo às obras de caridade e às iniciativas da comunidade em prol da justiça, a educar os seus filhos na fé cristã, a cultivar o espírito de penitência e a cumprir os actos respectivos, a fim de implorarem, dia após dia, a graça de Deus (FC 84).

## ABERTURA À FECUNDIDADE

**1652** «Por sua própria natureza, a instituição matrimonial e o amor conjugal estão ordenados para a procriação e a educação dos filhos, que constituem o ponto alto da sua missão e a sua coroa» (GS 48, § 1):

Os filhos são, sem dúvida, o mais excelente dom do Matrimónio e contribuem muitíssimo para o bem dos próprios pais. O mesmo Deus que disse: «não é bom que o homem esteja só» (Gn 2, 18) e que desde a origem «fez o homem varão e mulher» (Mt 19, 4), querendo comunicar-lhe uma participação especial na sua obra criadora, abençoou o homem e a mulher dizendo: «Sede fecundos e multiplicai-vos» (Gn 1, 28). Por isso, o culto autêntico do amor conjugal e toda a vida familiar que dele nasce, sem pôr de lado os outros fins do Matrimónio, tendem a que os esposos, com fortaleza de ânimo, estejam dispostos a colaborar com o amor do Criador e do Salvador, que por meio deles aumenta continuamente e enriquece a sua família (GS 50, § 1).

**1653** A fecundidade do amor conjugal estende-se aos frutos da vida moral, espiritual e sobrenatural que os pais transmitem aos filhos, pela educação. Os pais são os principais e primeiros educadores dos seus filhos (cf. GE 3). Neste sentido, o dever fundamental do Matrimónio e da família é estar ao serviço da vida (cf. FC 28).

**1654** Os esposos a quem Deus não concedeu a graça de ter filhos podem, no entanto, ter uma vida conjugal cheia de sentido, humana e cristãmente falando. O seu Matrimónio pode ser foco duma fecundidade caritativa, de acolhimento e de sacrifício.

## VI. A igreja doméstica

**1655** Cristo quis nascer e crescer no seio da Sagrada Família de José e de Maria. A Igreja outra coisa não é senão a «família de Deus». Desde as suas origens, o núcleo aglutinador da Igreja era, muitas vezes, constituído por aqueles que, «com toda a sua casa, se tinham tomado crentes» (cf. Act 18, 8). Quando se convertiam, desejavam que também «toda a sua casa» fosse salva (cf. Act 16, 31 e 11, 14). Estas famílias tornadas crentes eram pequenas ilhas de vida cristã no meio dum mundo descrente.

**1656** Em nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva e irradiante. É por isso que o Concílio Vaticano II chama à família, segundo uma antiga expressão, «Ecclesia domestica» (LG 11) (cf. FC 21). É no seio da família que os pais são, «pela palavra e pelo exemplo, ... para os seus filhos, os primeiros arautos da fé, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada» (LG 11).

**1657** É aqui que se exerce, de modo privilegiado, o *sacerdócio baptismal* do pai de família, da mãe, dos filhos, de todos os membros da família, «na recepção dos sacramentos, na oração e acção de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade efectiva» (LG 10). O lar é, assim, a primeira escola de vida cristã e «uma escola de enriquecimento humano» (GS 52, § 1). É nela que se aprende a tenacidade e alegria no trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado, e, sobretudo, o culto divino, pela oração e o oferecimento da própria vida.

**1658** Não podem esquecer-se, também, certas pessoas que estão, em virtude das condições concretas em que têm de viver, muitas vezes sem assim o terem querido, particularmente próximas do coração de Cristo, e que merecem, portanto, a estima e a solicitude atenta da Igreja, particularmente dos pastores: o grande número de *peças celibatárias*. Muitas delas vivem *sem família humana*, frequentemente devido a condições de pobreza. Algumas vivem a sua situação no espírito das bem-aventuranças, servindo a Deus e ao próximo de modo exemplar. Mas a todas é necessário abrir as portas dos lares, «igrejas domésticas», e da grande família que é a Igreja. «Ninguém vive sem família neste mundo: a Igreja é a casa e a família de todos, particularmente dos ‘afadigados e oprimidos’» (Mt 11, 28) (FC 85).